**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A assistência ao idoso no Lar Padre Euclides de
Ribeirão Preto/SP nas décadas de 1910 a 1950**

Gabriela Burali

**Dissertação apresentada à Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da USP, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.**

**RIBEIRÃO PRETO-SP
2002**

Capa e contracapa: Fotografia do galpão para criação do bicho da seda no
Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A assistência ao idoso no Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP
nas décadas de 1910 a 1950

Gabriela Burali
Prof.a D.ra Marina Massimi

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2002

Burali, Gabriela

A assistência ao idoso no Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP nas décadas de 1910 a 1950. -- Ribeirão Preto, 2002.

181 p. : il. ; 30 cm.

Bibliografia p. 178-181.

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP - Dep. de Psicologia e Educação.

Orientadora: Massimi, Marina.

1. História das Idéias Psicológicas 2. Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP 3. Idoso

A todos aqueles que viveram e
vivem hoje no Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP;
A todos aqueles que se dedicaram e dedicam-se hoje a esta obra.

AGRADECIMENTOS

*Por razão entendo o fator distintivo próprio daquele
nível da natureza chamado homem, isto é, a
capacidade de dar-se conta do real segundo a
totalidade dos seus fatores*
Giussani, L. *O senso religioso*

À Prof.a D.ra Marina Massimi pela oportunidade de realizarmos este trabalho, sempre sob seu olhar confiante e atento à totalidade da minha pessoa; por uma companhia que me deu “*gosto de vida nova*”.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro e científico à pesquisa.

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto no seu Departamento de Psicologia e Educação pelos serviços prestados e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia na pessoa da Prof.a D.ra Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves pelo apoio à pesquisa.

Às Prof.as D.ras Ana Silvia Volpi Scott e Regina Helena Lima Caldana pelo entusiasmo com que participaram do Exame de Qualificação dessa Dissertação e pelas sugestões.

Ao Prof. Dr. Renato Leite Marcondes pela ajuda científica, pela orientação na compilação dos dados referentes ao movimento financeiro do Asilo e pelo interesse expresso por esse trabalho.

À diretoria do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto, nas pessoas do seu presidente Prof. Dr. Luiz Gonzaga Olivério e segundo secretário Dr. Sílvio Martins pela oportunidade de realização desse trabalho.

Às irmãs da Congregação Filhas de Santa Tereza, na pessoa de sua superiora Maria Ferreira de Melo (Irmã Pura), pelo acolhimento e ajuda na execução da pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, Mauro da Silva Porto por participar de modo tal singular na coleta de dados para essa pesquisa e Tania Registro pelo interesse com o trabalho e atenção às necessidades deste.

À Sociedade Legião Brasileira Civismo e Cultura de Ribeirão Preto, na pessoa do seu presidente Sr. Aírto Aravechia pela ajuda e pelo interesse expresso por esse trabalho.

À Biblioteca Padre Euclides de Ribeirão Preto, nas pessoas de Labibe Zogbi, Rosângela Patrícia da Silva e Vera Venturi Nogueira pela acolhida e auxílio em cada pedido meu.

À diretoria do Asilo de Inválidos Padre Euclides Gomes Carneiro de São José do Rio Pardo/SP, na pessoa do seu presidente Sr. Cléber Ferrucio Gervásio pela acolhida, confiança e atenção às necessidades da pesquisa.

À Benedita Luiza da Silva pela acolhida e ajuda na busca pelo conhecimento da obra de Padre Euclides em São José do Rio Pardo.

Ao funcionário do Museu Riopardense, Osmar Aparecido Mendes pela ajuda preciosa na coleta de dados para a pesquisa.

À diretoria do Asilo Padre Euclides de Botucatu, na pessoa do seu presidente Sr. Shirley Lessa pela acolhida, confiança e atenção às necessidades da pesquisa.

Às irmãs da Congregação Copiosa Redenção, na pessoa de sua superiora Neuci Aparecida Ferreira, do Asilo Padre Euclides de Botucatu/SP, pelos agradáveis momentos de convivência e pela atenção ao trabalho.

Ao Sr. Trajano Carlos de Figueiredo Pupo, historiador da cidade de Botucatu, pela acolhida e pela ajuda ao trabalho.

À amiga Cristina Aparecida Silva pela amizade que começou como um grande incentivo à essa pesquisa.

Às amigas Cristina Lhullier e Regiane Bonagura Bastos, pela ajuda na organização e catalogação dos documentos do Asilo, em especial pela companhia.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa em História das Idéias Psicológicas pelo interesse e oportunidades de compartilhar do trabalho nas nossas reuniões e pelas diversas ajudas nesse período.

Ao amigo e compadre Paulo Roberto de Andrada Pacheco pela ajuda em vários momentos desse trabalho, desde o auxílio no estudo teórico até nas formatações do texto, mas especialmente por ser uma companhia fiel e admirável dentro de um caminho compartilhado.

À amiga Valéria Catelli Infantosi da Costa pela ajuda tão gratuita e preciosa na compilação dos gráficos e tabelas referentes aos assistidos do Asilo.

Aos meus sogros Gracinda e Juarez Firmino pela presença afetuosa e ajuda constante em todas as minhas necessidades.

Aos amigos Neli e Berto Silva pelo carinho e cuidado com a minha pequena família.

À Alcindo José Rosa, Dr. Gilberto Paulo Mestriner e Marta Maria Daud pela acolhida e ajuda expressas através de um olhar significativo para aquilo que de verdade me constitui.

Ao meu marido Érico Artioli Firmino pela ajuda em vários momentos desse trabalho, nas leituras, sugestões e revisões, sempre com uma disponibilidade gratuita e amorosa; pela graça da sua presença na minha vida.

Ao meu filho Felipe por sua imensa compreensão, por sua companhia tão doce, pela beleza com que preenche meus dias.

À minha mãe pelo acolhimento em vários momentos desse percurso, pela confiança nas minhas decisões e apoio ao meu trabalho.

Ao meu pai pelo apoio ao meu trabalho e confiança nos meus passos.

Aos meus irmãos, Carolina pela constante companhia e Zezinho, pelo incentivo.

Às amigas Michela Alves Tanganeli pelo apoio e fidelidade na nossa amizade e Valquíria Aparecida Godi por todo o incentivo, ajuda e disponibilidade.

Ao Irmão Paulo, monge beneditino, pelo acompanhamento à distância, rezando por mim num dos momentos mais difíceis da minha vida nesse percurso.

A todos os amigos que estiveram ao meu lado, de várias maneiras, me ajudando e me mostrando o verdadeiro caminho.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Palavras Iniciais

1. Introdução	01
1.1. Objetivo	10
1.2. Metodologia	10
<hr/>	
2. Padre Euclides Gomes Carneiro: Vida e obra	26
<hr/>	
3. Do “Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto” ao “Asylo Padre Euclides”: A constituição de uma “verdadeira villa”	56
<hr/>	
4. Os “verdadeiramente necessitados”: Descrição das características e apreensão das idéias acerca dos assistidos	85
<hr/>	
5. As principais fontes de receita e as principais despesas do Asilo Padre Euclides	121
<hr/>	
6. O encontro inicial com uma experiência cheia de autoridade: Elementos interpretativos para compreensão da obra, de seus sujeitos e da sua continuidade no presente	146
<hr/>	
7. Conclusão	158
<hr/>	
Anexos	170
<hr/>	
Referências Bibliográficas	178
<hr/>	

RESUMO

BURALI, G. **A assistência ao idoso no Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP nas décadas de 1910 a 1950.** 2002. 181 p. Dissertação Mestrado - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

O objeto desta pesquisa são as idéias e as práticas de assistência ao idoso no Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, nas décadas de 1910 a 1950. O Lar Padre Euclides foi fundado em 1919 sob a denominação de Asilo de Mendicidade de Ribeirão Preto, por Padre Euclides Gomes Carneiro. Entende-se a assistência no Lar como uma prática apoiada em idéias psicológicas acerca dos assistidos, motivada pela demanda de um contexto sócio-cultural específico. Através da reconstrução da história e do contexto de inserção da instituição, buscou-se compreender a concepção, a estruturação e o desenvolvimento de sua proposta assistencial e da sua trajetória do passado ao presente. A coleta de documentos foi iniciada na própria instituição, na Biblioteca Padre Euclides e no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. Posteriormente foram visitados em São José do Rio Pardo/SP o Asilo de Inválidos e o Museu Riopardense, e em Botucatu/SP o Asilo Padre Euclides e o Centro Cultural. Os asilos destas duas localidades foram também fundados por Padre Euclides. A análise descritiva e crítica dos documentos (relatórios anuais, estatutos, atas, regulamentos, notícias de jornais, fotografias) seguiu a orientação teórica e

metodológica da Micro-História. O trabalho é inicialmente composto pelas narrativas histórica acerca da vida de Padre Euclides e das obras criadas por ele, e da origem e desenvolvimento do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, enfatizando-se as práticas de assistência voltadas ao oferecimento de moradia, trabalho e vida religiosa aos assistidos. Segue-se a descrição e caracterização das idéias acerca dos assistidos, ressaltando-se a idéia dos “verdadeiramente necessitados”. A partir da análise das principais fontes de receita e despesas da instituição, evidenciaram-se aspectos específicos do relacionamento do Lar com a comunidade, sendo estes responsáveis pela permanência da obra no presente. A reconstrução da história do Lar Padre Euclides, nas décadas de 1910 a 1950, possibilitou também a compreensão da sua realidade atual, do reconhecimento de elementos de continuidade entre o presente e a origem da instituição.

Palavras-chave: História das Idéias Psicológicas, Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, Idoso.

ABSTRACT

BURALI, G. The assistance to old aged person of Lar Padre Euclides at Ribeirão Preto/SP from 1910 to 1950 decades. 2002. 181 p. Dissertação Mestrado - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

The objects of this research are the ideas and the practices of assistance to old aged person of Lar Padre Euclides at Ribeirão Preto/SP from 1910 to 1950 decades. The Lar Padre Euclides were founded in 1919 with the name “Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto”, by Father Euclides Gomes Carneiro. The assistance at Lar Padre Euclides is a practice based on “psychological ideas” about the attended, influenced by the contest of a specific social and cultural context. By the reconstruction of the history and creation context of the institution, were pretended the comprehension of the conception, structuration and development of the assistance propose and its trajectory from past to present. The written document sources were initially collected at Lar Padre Euclides, at Biblioteca Padre Euclides and at Arquivo Público e Histórico at Ribeirão Preto. Then were visited at São José do Rio Pardo/SP the Asilo de Inválidos and the Museu Riopardense, and at Botucatu/SP the Asilo Padre Euclides and the Centro Cultural. The institutions at this both cities were founded by Father Euclides. The narration and critical analysis of written document sources (annual statements, registers, regulations, newspapers and photographs) were based on

theoretical and methodological orientation of Micro-História. This paper contain a historical narration about Father Euclides' life and about the institutions founded by him and about the origin and development of Lar Padre Euclides at Ribeirão Preto/SP, with emphasis on the assistance practices turned to the offering of residence, work and religious life to old aged person. It also contain a description and characterization of the ideas about the attended that shows the idea of the "truth needed person". The analysis of the principles incomes and expenses of the institution, showed specifics aspects of the relationship between the Lar Padre Euclides and the community, responsible by the sustentation of the institution on present days. The reconstruction of the history of Lar Padre Euclides, from 1910 to 1950 decades, makes possible the comprehension of its actual reality and the recognition of continues elements between the present and the origin of the institution.

Key-words: History of "psychological ideas", Lar Padre Euclides at Ribeirão Preto/SP, Old aged person.

PALAVRAS INICIAIS

Primeiramente, quero relembrar o desenrolar do meu interesse pela pesquisa desde a graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, até o desenvolvimento dessa Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta. Parto desse ponto porque acredito que o motor principal da pesquisa são as próprias motivações do pesquisador. Nos momentos de dificuldades e incertezas inerentes ao próprio processo de pesquisar, esta retomada parece ser uma importante ferramenta. Descreverei alguns caminhos percorridos e os encontros que auxiliaram na configuração atual deste interesse.

Minha curiosidade pela velhice e pela memória se notava antes mesmo da graduação, quando as conversas com idosos me agradavam e me despertavam questões em relação ao passado. Na casa de meus avós maternos, espaço habitado por lembranças, fiz grandes descobertas e me deparei com o passado através de objetos, fotografias, livros...

No início da graduação, lendo as histórias contadas pelos velhos de Bosi (1987), minha atenção se voltou para a relação entre memória e trabalho, para uma identidade constituída no tempo em torno da inserção social do sujeito através da atividade produtiva. Quis entender como os idosos viviam quando as perdas se tornavam maiores que os ganhos no processo de desenvolvimento e envelhecimento.

No segundo ano do curso, entrevistei uma idosa que expressava satisfação em viver a velhice com a possibilidade de produzir devido a inserção num meio que favorecia o resgate de suas potencialidades. Por outro lado, o contato com outros idosos mostrou-me que a vivência da velhice era diversificada e que em alguns casos prevalecia o convívio com dificuldades, com a solidão e com o descaso de familiares e da comunidade.

Outra vivência, no terceiro ano da graduação em 1995, contribuiu com outro elemento na somatória desses questionamentos. Uma disciplina oferecida pela Prof.a D.ra Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves, levou os alunos a entrevistarem seus familiares. Esta experiência foi um verdadeiro encontro comigo mesma proporcionado pela história. A compreensão de mim enquanto sujeito através do resgate da história de vida de meus pais e avós maternos foi significativa e me motivou a buscar meios para preservar a memória.

Algumas questões me intrigavam: por que idosos viviam confinados em asilos que em alguns casos pareciam verdadeiros “depósitos de velhos”? Sujeitos com uma história que possibilitaria a compreensão de nosso presente, por que estariam afastados da comunidade e do seu dia-a-dia ?

No segundo semestre de 1995, conheci o Grupo de Pesquisa em Enfermagem Geriátrica e Gerontológica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP. Neste, a Prof.a Dr.a Maria Manuela Rino Mendes se dispôs a me orientar em iniciação científica. Suas alunas estagiavam no Lar Padre Euclides, uma instituição residencial para idosos que conheci e mantive um relacionamento amigável e significativo com seus dirigentes. Esta abertura e a confiança depositada em nós possibilitou a elaboração e realização do projeto de pesquisa na instituição.

Nosso objetivo era conhecer aquela realidade e compreender a opção do idoso e da família pela vida no Lar, o dia-a-dia dos residentes e a própria dinâmica institucional. O contato com os idosos e com os limites do processo de pesquisar despertaram-nos conflitos e incertezas. No entanto, estes possibilitaram o desfazer de preconceitos em relação àquela realidade principalmente através do reconhecimento dos aspectos positivos da prática assistencial e das diferenças individuais no viver a velhice. Este trabalho resultou na monografia apresentada ao programa de bacharelado no segundo semestre de 1997, término da minha graduação.

Em 1998, concluí na cidade de São Paulo o Curso de Especialização em Saúde Coletiva coordenado pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina - USP. Trabalhei em projetos de pesquisa desenvolvidos no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa, realizei uma monografia sobre alguns aspectos da assistência a saúde do idoso, e iniciei estudos das práticas e saberes médicos na perspectiva da História das Ciências.

Finalmente, em 1999, o reencontro com a Prof.a D.ra Marina Massimi possibilitou a elaboração deste projeto, vislumbrando as práticas de cuidado ao idoso dentro de um processo de construção do conhecimento e de demandas sociais, onde a abordagem histórica tornou-se um recurso metodológico importante para o conhecimento destas práticas e das idéias nela implícitas. Voltamo-nos então para o Lar Padre Euclides com o intuito de contextualizar estas práticas num meio social específico reconhecendo-as enquanto produto deste e principalmente enquanto produto da ação humana.

1. INTRODUÇÃO

O Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP é uma instituição residencial de caráter filantrópico, fundada em 1919 com a denominação de Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, por Padre Euclides Gomes Carneiro. Originalmente, tinha como finalidade recolher das ruas mendigos de qualquer idade, oferecendo-lhes abrigo e oportunidades de trabalho. No decorrer dos anos, a proposta assistencial foi sendo modificada, restringindo-se atualmente apenas ao acolhimento de idosos (Sampaio, 1983).

Através da reconstrução da história da instituição, nas décadas de 1910 a 1950, e do contexto de sua inserção, procuramos resgatar as idéias e as práticas de assistência, buscando compreender os fatores determinantes do processo de especificação do atendimento assistencial a parcela idosa da população.

Este estudo insere-se na linha de pesquisa definida por Massimi (1996a) de História das Idéias Psicológicas, cujo objetivo é:

“(...) a reconstrução dos conhecimentos e das práticas psicológicas próprios de específicos contextos socioculturais do passado, seus objetos sendo considerados na perspectiva de uma História Cultural, a saber, como sendo relativos ao meio sociocultural em que são construídos” (p.31).

Em áreas do saber distintas da Psicologia, encontramos a formulação de conceitos e práticas para a intervenção com indivíduos ou grupos que podem ser identificáveis enquanto “discursos” acerca de “assuntos psicológicos”. Massimi (1996b) define quatro tipos diferentes de categorias de “assuntos psicológicos”, sendo que as “categorias antropológicas”, incluindo *“toda e qualquer observação, método ou teoria acerca do ser humano, sua natureza, existência e comportamento, globalmente considerados”* (p. 81), aproximam-se bastante do nosso objeto de estudo.

Entendemos o trabalho assistencial do Lar Padre Euclides como uma prática apoiada em idéias psicológicas acerca dos assistidos, motivada por uma determinada demanda social de um contexto sócio-cultural específico. O resgate da história da instituição permite a explicitação das concepções de homem, de trabalho e de assistência implícitos nas suas práticas.

Nas últimas décadas do século XIX, Ribeirão Preto era uma cidade repleta de trabalhadores imigrantes que vinham trabalhar nas lavouras de café. No entanto, já no início do século XX, a diversificação das lavouras foi se fazendo necessária e a oferta de mão-de-obra diminuiu. Os trabalhadores e suas famílias vivendo muitas vezes em situações precárias, tanto nas fazendas como na cidade, não dispunham de assistência médica e eram vítimas de surtos de febre amarela e varíola.

Este contexto de ameaça à cafeicultura e às outras atividades comerciais em diversas cidades do Estado de São Paulo, impulsionou o desenvolvimento de estratégias sanitárias para o controle das epidemias. Tais estratégias se configuravam em medidas de polícia sanitária (fiscalização de alimentos, isolamento hospitalar dos doentes, desinfecções) e em ações de controle da salubridade urbana (instalação de redes de água e esgoto, fiscalização de higiene domiciliar e de vias públicas) (Telarolli Junior, 1996).

Era alvo também de controle o ato de dar esmolas, pois esta favorecia desde àquelas pessoas em situação de pobreza que adotavam as ruas como moradia ou apenas para obter tais recursos, até aqueles que viviam na ociosidade, vadiagem ou itinerância. A orientação era dada para que a doação fosse direcionada a instituições assistenciais.

O internamento de mendigos passou a ser uma estratégia que facilitava a identificação dos vadios e ociosos, além de ser também uma medida importante para zelar pela saúde pública. Essas ações repressivas se apoiavam no saber médico higienista que via os pontos de mendicância como “focos de doenças” que ameaçavam a “salubridade” das cidades. Tais profissionais orientavam a construção de asilos em locais “higienicamente apropriados”, geralmente afastados dos centros urbanos (Fraga Filho, 1996, p.141).

Muitos comerciantes que exerciam suas atividades nos centros urbanos, viam na presença dos mendigos, principalmente daqueles portadores de doenças que despertavam o medo do contágio, o fator determinante do declínio no movimento comercial. Foram eles que iniciaram um movimento de protesto contra a construção de um “leprosário” em

Uberlândia - MG no início do século XX, sugerindo várias medidas de controle da presença desses indivíduos na cidade:

“(...) enviar os doentes de outras cidades para seus lugares de origem; enviar os contagiosos para a Colônia São Francisco de Assis, em Bambuí, para tratamento; enviar seus filhos sadios para o preventório de Araguari e isolar os já curados em casinhas próprias, na periferia da cidade, foi a solução encontrada pelas autoridades políticas e civis competentes” (Machado, 1990, p.93).

A questão que se colocava então às instituições de confinamento, que nem sempre faziam distinções entre portadores de “lepra”, “inválidos”, “velhos” e “vadios”, referia-se a precariedade de seus recursos mantenedores, resultando num atendimento inadequado aos assistidos. Estes, quando a instituição exercia controle interno rígido sobre suas rotinas e se igualava ao ambiente da rua, desenvolviam formas de resistência, negando a internação.

No cenário urbano de Ribeirão Preto, os mendigos sempre estiveram presentes e em sua crônica-histórica, Prates (1956) salienta esse aspecto:

“Sempre houve fartura de mendigos em Ribeirão Preto e suponho que nos decênios passados, apesar da cidade não contar sequer 20.000 habitantes, o número de pedintes era proporcionalmente superior aos de agora. Naquele tempo não precisava ser Sábado para se esmolar! Diariamente viamos pelas ruas da cidade pedintes de todas as idades e nacionalidades. Não era apenas nas ruas centrais que os mendigos exploravam a caridade pública; também pelos arrabaldes viam-se êsses elementos desfilarem solicitando óbulos para as suas manutenções. A turma de pedintes era mesmo bastante numerosa: Então viamos os tortos, os morféticos, os cegos acompanhado de guias, os portadores de chagas, pernetas e manetas, enfim de tudo havia, e até os falsos esmoléres já existiam na época” (p.23).

Com efeito, nas ruas da cidade toda a sorte de situações podiam ser encontradas e, no início do século XX, os jornais locais traziam várias imagens dessa realidade.

A notícia d'**A Cidade** de dezesseis de janeiro de 1910 é um exemplo: *“Falleceu hontem ás 11 horas da manhã sem assistencia medica á rua Campos Salles a mendiga Julia Conceição, preta de 30 annos de idade mais ou menos”*¹.

Cabia a polícia local reconhecer os fatos, tomar as providências necessárias e distinguir dentre os mendigos os falsos e os verdadeiramente necessitados.

Para tanto, na década de 1910, o delegado de polícia Dr. Mamede da Silva iniciou a prática de distribuir chapas aos mendigos da cidade, identificando-os e permitindo a sua permanência nas ruas. Tal prática permaneceu em uso por vários anos; os jornais locais noticiavam tal distribuição e quando possível divulgavam os nomes, a idade e algumas características dos mendigos licenciados.

A notícia d' **A Cidade** em vinte e três de novembro de 1916, demonstra isto: *“Por ser aleijado e sem recursos, a delegacia de policia forneceu licença para esmolar nesta cidade, ao velho Galdino de Moraes, de 60 annos de idade”*².

Outras duas notícias do mesmo jornal no ano de 1917 também são ilustrativas. A primeira em seis de janeiro diz: *“Afim de mendigar as quartas feiras e sabbados, pelas ruas da cidade, a autoridade policial*

¹ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 16 jan 1910, anno V, n.1555, p.2.

² **A Cidade**, Ribeirão Preto, 23 nov 1916, anno XII, n. 3839, p.2.

*forneceu chapa e respectivo quadro de identidade ao preto Puirino Alves de Oliveira, de 55 annos de idade*³. A segunda de sete de fevereiro diz: *“Afim de mendigar pelas ruas da cidade, o dr. Delegado Regional forneceu chapas de licença a Luiz Dinarelli, italiano, de 60 annos e a José Lima da Silva, brasileiro, de 23 annos*”⁴.

Freqüentemente, os jornais notificavam quando algum cidadão, as vezes até em anonimato, deixava dinheiro em suas redações para ser distribuído aos pobres. São exemplos a notícia de vinte e nove de janeiro de 1910⁵: *“De um anonymo recebemos a quantia de cinco mil reis para ser distribuidas aos pobres, o que faremos hoje.”*, e a notícia de cinco de março de 1912⁶: *“Do sr. Turibio Costa recebemos 5\$000 para ser distribuido aos pobres”*.

Esta realidade mobilizava as mais diversas instituições sociais (a Igreja, a polícia, etc) e diferentes categorias de cidadãos (leigos, profissionais liberais, comerciantes, etc) na busca de solução para o problema. A circulação de tantas pessoas pelas ruas da cidade, ameaçando constantemente o equilíbrio do *status quo*, geralmente despertava a adoção de medidas repressivas que apenas amenizavam a situação, sem no entanto, atingir as causas reais do fenômeno.

A criação do Lar Padre Euclides parecia-nos ter vindo responder às necessidades impostas por esta realidade.

Nesse sentido, iniciamos o trabalho de pesquisa com os seguintes objetivos:

³ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 6 jan 1917, anno XIII, n.3876, p.1.

⁴ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 7 fev 1917, anno XIII n. 3903, p.1.

⁵ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 29 jan 1910, anno XI, n.3221, p.1.

⁶ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 5 mar 1912, anno XIII, n.3838, p.2.

(1) compreender a concepção, a estruturação e o desenvolvimento da assistência ao idoso no Lar Padre Euclides, nas décadas de 1910 a 1950;

(2) explicitar as idéias e crenças acerca dos sujeitos assistidos, particularmente aquelas referentes ao idoso, contidas nos documentos;

(3) identificar possíveis influências na configuração de tais idéias e crenças, exercidas pelo conhecimento psicológico acerca do idoso, difundido pela Psicologia da época, bem como por outras disciplinas como a Medicina e a Teologia.

Esperava-mos que a análise histórica dos documentos coletados, permitisse o estabelecimento de relações entre os possíveis fatores de contexto, os fatores pessoais de motivação de cada sujeito envolvido na implementação da proposta assistencial do Asilo e aqueles fatores advindos do desenvolvimento das Ciências.

No desenvolvimento da pesquisa, o trabalho de Pinto (2000) ajudou-nos a identificar aspectos relevantes para a compreensão do contexto sócio-histórico-cultural de desenvolvimento do Lar Padre Euclides. Tal pesquisa investigou o início da cultura cafeeira em Ribeirão Preto, dado por volta de 1880 até o ano de 1930, evidenciando as relações do desenvolvimento dessa cultura com a formação da estrutura urbana da cidade e com a diversificação das atividades urbanas.

Segundo a autora, a expansão da cafeicultura no período demandou mão-de-obra, trazida de outras regiões e acrescida dos imigrantes. A chegada desses últimos contribuiu com o aumento da

população e crescimento do município. Tal crescimento favoreceu o aumento de estabelecimentos comerciais e o surgimento de profissionais liberais e prestadores de serviços.

No período estudado pela autora, foi ampla a expansão da estrutura urbana, implicando na necessidade do aumento da receita para a administração local. Através de um levantamento das principais fontes de receita e principais despesas do município no período de 1911 a 1930, o estudo concluiu que o imposto de cafeeiros recolhido era mínimo, com baixa participação no orçamento municipal, sendo frequente a utilização de empréstimos para o financiamento das obras públicas.

A maior parte da receita municipal era arrecadada dos impostos urbanos, isto é, das atividades de comércio, indústria, profissões liberais, licenças para veículos e imposto sobre construções. Os principais gastos eram com a urbanização (média de 35,10% do orçamento), seguidos daqueles com administração (6,60%), com educação (1,80%) e com saúde pública (5,53%).

Evidentemente, as iniciativas e os gastos com a assistência social ficavam a cargo da iniciativa privada ou da Igreja. Num contexto onde os poderes públicos do município frequentemente se endividavam, investindo fortemente na urbanização, surgiam iniciativas de grupos seriamente envolvidos com as necessidades de uma população pobre e desprovida de recursos.

Em Ribeirão Preto, no início do século XX, um relato do Prefeito João Rodrigues Guião, aponta essa realidade:

“A cidade tem tido um bello surto de progresso nestes dois decenios que tem forçado seus administradores a não parar

nem retroceder no desenvolvimento dos serviços publicos. A iniciativa privada tem feito muito em prol do movimento social principalmente no que diz respeito à assistencia às classes pobres. Dão prova disto as innumerables associações fundadas com este intuito dentre as quaes se destacam, alem da Sociedade Beneficiente de Ribeirão Preto e a Sociedade Beneficiente Portuguesa que mantem excellentes hospitaes com bem installadas salas de operações, confiadas aos cuidados de illustres clinicos profissionaes, ha mais o asilo de orphans Analia Franco, Sociedade Amiga dos Pobres, Sociedade de Assistencia a Infancia, a Sociedade São Vicente de Paula e o Asilo de Mendicidade, estes dois ultimos inaugurados em fins do anno passado”⁷.

No decorrer da pesquisa, na busca de vestígios para a compreensão da concepção do Asilo de Mendicidade de Ribeirão Preto, identificamos já na primeira década do século XX, a presença de Padre Euclides Gomes Carneiro e de sua atuação junto à comunidade voltada à assistência aos desprovidos de recursos, inicialmente enquanto provedor da Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia.

Quanto à concepção do Asilo de Mendicidade de Ribeirão Preto, observamos que esta relacionava-se as idéias e experiências de Padre Euclides com a criação de instituições em outras localidades onde ele viveu, dando-nos a dimensão não apenas da história de uma instituição em Ribeirão Preto, mas de um conjunto de obras construídas com o envolvimento das comunidades, através do compartilhar de idéias e motivações, próprias de um contexto específico.

Nesse sentido, os objetivos da pesquisa foram sendo reformulados, a partir do entendimento do significado e da função de

⁷ Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto – Caixa 9 Requerimentos Diversos 1920-1925, Câmara Municipal, Exercício de 1920, Relatório da Prefeitura Dr. João Rodrigues Guião, p. 8.

determinados conceitos e práticas à luz do horizonte histórico-social mais amplo no qual se inscreviam.

1.1. Objetivo

No transcorrer da pesquisa, foi relevante compreender o percurso da vida de Padre Euclides e o processo de constituição de suas obras, na medida em que neste evidenciava-se o envolvimento das comunidades. Especificamente, buscamos descrever numa narrativa histórica o processo da concepção do Asilo de Mendicidade de Ribeirão Preto, como espaço para o desenvolvimento de uma proposta assistencial específica. Enquanto proposta assistencial, foi preciso entender quem eram aqueles que se beneficiavam dela e como o perfil dos assistidos foi se modificando ao longo do período estudado. A consolidação da obra e sua permanência no presente dependeram de fatores específicos. Foi preciso evidenciar tais fatores no estudo da concretude do cotidiano do Asilo expresso a partir das suas fontes de receita e das suas despesas e dos fatores motivacionais dos sujeitos envolvidos com a obra.

1.2. Metodologia

O referencial teórico-metodológico e o processo historiográfico da pesquisa

O conhecimento produzido pelo historiador acerca do seu objeto é produto de uma construção. Trata-se de uma construção porque o objeto de

investigação apresenta-se a ele não enquanto dado concreto da realidade presente, mas através de vestígios e sinais do passado.

A identificação desses vestígios (que no caso dessa pesquisa se constituiu num primeiro momento na busca de documentos que versariam sobre o objeto) depende basicamente da subjetividade do pesquisador. Tal subjetividade é constituída pelos próprios interesses do pesquisador, reflexos do lugar social que este ocupa na produção do conhecimento (De Certeau, 1979). É este interesse que o guia na busca pelos documentos, orientada por perguntas que emergem dessa mesma subjetividade.

São estas perguntas que segundo Ricoeur (1968, p. 25-26) permitem que o documento seja “perscrutado”, “obrigado a falar”. O olhar do pesquisador guiado pelo seu interesse atribui ao documento esta categoria, tornando-o legítimo de ser observado, analisado, interpretado. A constituição deste interesse é um processo. O pesquisador formula questões iniciais que norteiam a composição de suas estratégias de investigação e na medida em que este inicia a busca e a identificação de seus vestígios, tais interrogações se refinam e se objetivam.

Os questionamentos do pesquisador vão aos poucos evidenciando os vestígios: é como a lente objetiva de uma máquina fotográfica que, ao ser manuseada pelo fotógrafo diante de uma paisagem, focaliza inicialmente um objeto no primeiro plano, desfocando o segundo plano e depois, numa nova visada, desfocaliza o primeiro plano e põe em evidência o segundo plano. Ambos os planos estarão presentes na composição da foto e a ênfase em um ou noutro dependerá da escolha do

fotógrafo. Os vários ensaios do fotógrafo diante do seu objeto, testando algumas das suas possibilidades, pode ser semelhante aos do pesquisador em historiografia quando este faz as escolhas de suas fontes, de acordo com suas questões norteadoras. Pode-se considerar a foto tirada pelo fotógrafo, não como uma cópia fiel de uma dada realidade, mas também como uma construção, assim como é o produto concebido pelo pesquisador.

Para que a reconstrução historiográfica seja possível, destacamos duas atitudes iniciais.

A primeira atitude é a “compreensão histórica”, conceito desenvolvido por Coreth (1973), que diz respeito à atribuição de um sentido às ações, obras, destinos e decisões do homem do passado dentro de seu contexto histórico. Trata-se de uma tentativa de analisar e interpretar os vestígios na busca da composição de uma re-apresentação da realidade estudada a partir de suas características próprias. Esta re-apresentação traz consigo a necessidade de estabelecer o que o documento realmente é (Marrou, 1978) e nesse sentido, os caminhos metodológicos adotados pelo pesquisador devem ser precisos e os critérios interpretativos evidenciados.

O rigor metodológico é necessário para que o pesquisador, ao se deparar com a expressão de um outro homem, de uma humanidade que se manifestou em outro contexto sócio-histórico, possa apreendê-la dentro de seu sentido real. Para isto, precisará colocar em suspenso a sua própria experiência e se deixar envolver por uma realidade diferente (Massimi, 1989).

O conceito de “documento” proposto por Marrou (1978) coloca-o especificamente enquanto produto humano. O autor salienta que um

documento é “(...) *toda fonte de informação de que o espírito do historiador sabe extrair alguma coisa para o conhecimento do passado humano, considerado sob o ângulo da questão que lhe foi proposta*” (p.62). Dentro desta perspectiva, Marrou define a “compreensão histórica” como a interpretação de sinais e indícios de uma dada realidade, através da qual a presença do homem pode ser observada: “(...) *sua ação, seu comportamento, seu pensamento, seu ser interior ou, ao contrário, às vezes simplesmente a sua presença (um homem passou por aqui)*” (p.67).

Comparando as formulações de Coreth e Marrou acerca do conceito da “compreensão histórica”, nota-se uma complementariedade neles. O conceito desenvolvido por Marrou pode ser o primeiro passo do historiador: a busca de uma humanidade. O segundo passo seria compreendê-la dentro do seu próprio contexto de manifestação, como postula Coreth.

A segunda atitude a ser destacada, mediante à exigência do rigor na pesquisa historiográfica, é o “aprender”. Giussani (2000) argumenta que “(...) *aprender quer dizer aumentar a consciência do real*” (p.48). Tal postura, aplicada à necessidade do olhar atento do pesquisador às suas fontes documentais, possibilita apreender o real significado do texto. Nesse sentido, diz o autor “(...) *é inevitável que, para entender, tenha-se de repetir (petere ad = tender para): aumentar a atenção*”. Para que o documento “fale” são necessárias várias leituras. Apenas depois de apreendido seu significado será possível reconhecer categorias de significados, que constituirão posteriormente as categorias analíticas de interpretação.

Para “compreender historicamente” o real significado de um “documento - texto”, é importante estabelecer um diálogo com ele: Quem o produziu? Com qual finalidade?

Uma vez concluída a investigação acerca de um determinado objeto, é importante considerar que o conhecimento produzido pelo pesquisador não possuirá caráter de perpetuidade. Tratar-se-á de um conhecimento produzido dentro de algumas limitações; a primeira delas determinada pela própria subjetividade do pesquisador, expressa nas perguntas feitas no deparar-se com seu objeto e nas respostas formuladas. Outra limitação diz respeito às próprias possibilidades encontradas pelo pesquisador para a elaboração de suas respostas, que dependem daquilo que ele irá encontrar num documento. Como coloca Massimi (1989) “(...) *nem sempre as questões que interessam ao historiador são bem documentadas, nem sempre os documentos conservados são os que se desejaria*” (p.20). Tudo dependerá daquilo que o historiador puder ter alcance no seu presente.

As respostas encontradas pelo pesquisador serão frutos de uma objetividade, do exercício do pensamento na tentativa de se fazer compreender, através da elaboração e da ordenação dos dados encontrados (Ricoeur, 1968).

No desenvolvimento dessa pesquisa, o recurso metodológico da Micro-História ajudou-nos no exercício dessa objetividade.

A Micro-História é essencialmente uma prática historiográfica. Tal prática emergiu num momento onde o interesse dos historiadores voltou-se

para a compreensão de processos sociais em contextos mais restritos, como grupos ou indivíduos, procurando evidenciar como as transformações mais globais se refletiam nos níveis comportamentais ou na trajetória individual dos sujeitos de investigação.

Segundo Levi (1992), a prática do pesquisador em Micro-História está baseada em três procedimentos: redução da escala de observação, análise microscópica e estudo intensivo do material documental.

A redução da escala de observação é um procedimento analítico que independe das dimensões do objeto a ser analisado. Implica, no entanto, na necessidade do pesquisador de salientar as relações que este objeto pode manter com o contexto mais amplo no qual se insere. O conhecimento desse contexto é essencial ao pesquisador, podendo ser de grande auxílio a leitura de fontes secundárias elucidativas dos aspectos que mais estiverem relacionados ao objeto de investigação.

O olhar microscópico auxilia o pesquisador a unir as evidências encontradas, configurando uma rede de relações e significados onde seu objeto se insere, que de outra maneira permaneceria pouco visível. Trata-se de um exercício exigente.

Daí a necessidade do estudo intensivo do material documental. São necessárias diversas visadas e tentativas de união de evidências até que uma certa configuração se estabeleça, sendo um bom reflexo do que o documento poderá expressar. Nesse sentido, o pesquisador precisará estar atento e poder abrir mão de uma determinada configuração que lhe seja interessante, mas pouco adequada ao conteúdo dos documentos.

Os procedimentos metodológicos na Micro-História talvez possam se assemelhar ao contemplar de uma pintura impressionista. O observador percebe a obra no seu contexto mais amplo: ele olha e vê o jardim de ninféias (plantas aquáticas) de Monet apreendendo a macro-perspectiva da obra. No entanto, ele apenas poderá observar cada ninféia em sua peculiaridade se fizer o exercício de redução da escala de observação, quando der um passo à frente e compreendê-las na sua micro-perspectiva. Ao fazer uma análise microscópica das ninféias pintadas, o observador irá notar que cada uma delas é formada por pequenas pinceladas de tinta de cor pura. Uma ninféia será um conjunto de pequenos traços peculiares, que ao estabelecerem relações, dão forma a uma composição de cor e luz.

Nesse sentido, a atitude do pesquisador em historiografia pode se comparar a do artista: para compor a obra, é necessário extremo conhecimento da sua matéria-prima e diversos ensaios na busca de uma combinação harmônica. Isto requer dedicação, perseverança, rigor e criatividade.

Uma vez definidos nosso objeto de investigação e as questões básicas que nos guiarão, iniciamos a pesquisa em busca de uma documentação que nos pudesse auxiliar na composição de respostas para a questão: quais eram as idéias acerca do idoso e as práticas da assistência desenvolvidas ao longo da história do Lar Padre Euclides?

A coleta de documentos iniciou-se no próprio Lar mas para tanto, a proposta da pesquisa foi apresentada aos seus dirigentes e como todos demonstraram interesse acerca da investigação sobre a história da instituição, pudemos iniciar o trabalho.

A busca pelos documentos foi interpelada pelas questões: Haveriam documentos do passado? Teriam sido guardados pelas pessoas na instituição?

O caminho para essa busca se abriu e pudemos ter acesso aos armários, estantes, escrivaninhas e cofre de um velho escritório⁸. Foram vários dias de busca, em meados de 1999, quando ainda elaborávamos o projeto para ser apresentado a banca examinadora do processo seletivo da Pós-Graduação. O material encontrado parecia já ter sido organizado previamente por uma outra pessoa. Na medida em que conversávamos com as irmãs, elas contavam a história de um administrador que tinha muito cuidado com os papéis e que gostava de guardar as notícias dos jornais sobre velhice e sobre o Lar. Em cada pasta encontrada nos armários e gavetas, haviam indicações do seu conteúdo, apesar de nem sempre terem sido válidas. Eram recortes de jornais, fotografias, estatutos do Lar e várias cópias de diversos documentos: sinais de que alguém havia estado lá e eram nas suas coisas que mexíamos⁹.

No primeiro dia de busca pudemos notar sob uma mesa uma pilha de papéis amarrados. Pareciam documentos fiscais e, naquele momento,

⁸ Nessa ocasião, esse velho escritório localizava-se no piso inferior da casa da administração, residência das irmãs. Posteriormente, ele foi removido com a ajuda da pesquisadora para uma nova sala dentro da recepção no prédio do refeitório. Atualmente, o velho escritório é um bazar, espaço para exposição e venda de trabalhos artesanais produzidos no Asilo.

⁹ Tratava-se do Sr. Angelo Sampaio que desde 1936 esteve diretamente envolvido com o Asilo, assumindo até 1941 o cargo de secretário e posteriormente, até 1956, a vice-presidência. Após o falecimento do diretor Alfredo Porto, em 1969, assumiu a direção e permaneceu envolvido por vários anos. Sampaio faleceu aos 4 de março de 2000.

Na busca pelos documentos, evidenciava-se seu interesse pela história, especialmente quando nos deparávamos com as pastas e com os jornais por ele recortados e organizados, e com o livreto de sua autoria, versando sobre fatos vivenciados no passado. Sem dúvida, seu trabalho em muito facilitou o nosso, motivando-nos ainda mais.

não houve interesse por eles. Somente no dia seguinte, com a possibilidade de uma nova visada, pudemos olhá-los. Surpreendentemente, tratavam-se dos documentos mais antigos do Lar: os primeiros relatórios anuais de atividades que haviam sido deixados ali por um ex-dirigente que até então, guardava-os em sua casa.

Para a pesquisa, estes relatórios produzidos pelas diretorias em cada ano de suas gestões, desde 1919 até meados da década de 1980, se constituíram como uma das principais fontes na investigação. Então, travamos com eles um “diálogo”¹⁰.

Tais relatórios são documentos de natureza administrativa, elaborados com a finalidade de prestação de contas de cada diretoria que assumiu a direção do Lar. Nesse sentido, são tentativas de registros apurados acerca das finanças, daquilo que foi doado, onde e como o dinheiro foi empregado e do cotidiano da instituição, na medida em que este respaldava as atitudes e decisões tomadas pelos diretores.

Tal exigência atribuiu às informações contidas nesses documentos um grau de fidedignidade em relação aos acontecimentos do passado que foram importantes para a reconstrução historiográfica. É o caso, por exemplo, das descrições do andamento das obras da instituição, da ocupação dos espaços, de algumas atividades do cotidiano como festas, comemorações, atividades produtivas de cultivo de flores, bicho da seda,

¹⁰ A consulta aos documentos só foi possível após a organização e catalogação dos mesmos. Este trabalho foi realizado durante o ano de 2000, com a ajuda de Cristina Lhullier e Regiane Bonagura Bastos, membros do Grupo de Pesquisa em História das Idéias Psicológicas. Esta intervenção no Lar Padre Euclides foi sistematizada e apresentada na 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia: Psicologia e Compromisso Social, como pôster intitulado “História e Memória do Lar Padre Euclides: Um compromisso social”, 2000, Conselho Federal de Psicologia, São Paulo.

criação de porcos, etc. Em alguns desses relatórios, existem documentos anexos que são inventários dos pertences da instituição, ou seja, daquilo que uma nova diretoria deveria encontrar, como objetos de cozinha, de uso pessoal dos assistidos, de uso externo, etc.

Estes documentos que foram elaborados possivelmente com a intenção de serem fiéis à realidade descrita, foram utilizados na pesquisa como uma fonte historiográfica importante na tentativa de evidenciar o cotidiano da instituição e as práticas ali desenvolvidas. Vimos nos documentos uma presença humana que se fez manifesta.

As fotografias coletadas no Lar são fontes historiográficas significativas. Mesmo tratando-se de uma das possíveis perspectivas do olhar para o objeto que retratam, elas auxiliaram a reconstrução historiográfica, explicitando uma realidade ausente.

A leitura inicial dos documentos coletados mostrou-nos que Padre Euclides havia fundado outros asilos de mendicância nas cidades onde viveu. Checamos a existência de tais instituições e localizamos o “Asilo para Inválidos Padre Euclides Carneiro” em São José do Rio Pardo/SP e o “Asilo Padre Euclides” em Botucatu/SP.

Para compreender alguns aspectos da vida do Padre e da concepção de sua obra, visitamos essas instituições em busca de novas fontes documentais e experiências.

Nos dias 17, 18, 19 e 20 de julho de 2001 estivemos em S. José do Rio Pardo e coletamos documentos no Asilo e no Museu Riopardense.

Atualmente, o Asilo para Inválidos Padre Euclides Carneiro é administrado por uma diretoria cujos membros são da comunidade local e os serviços internos realizados por funcionários contratados. Atende idosos carentes de recursos para a subsistência, que ocupam as moradias e idosos que dispõe de recursos numa clínica geriátrica mantida pelo Asilo.

Figura 1 - Entrada principal do Asilo de Inválidos Padre Euclides de São José do Rio Pardo

Figura 2 - Moradias dos assistidos do Asilo de Inválidos Padre Euclides de São José do Rio Pardo

Figura 3 - Moradia de assistidos do Asilo de Inválidos Pe. Euclides de S. José do Rio Pardo

Figura 4 - Horta do Asilo de Inválidos Pe. Euclides de S. José do Rio Pardo

Figura 5 - Capela do Asilo de Inválidos Pe. Euclides de S. José do Rio Pardo

Nos dias 20, 21, 22 e 23 de novembro de 2001 estivemos em Botucatu e coletamos documentos no Asilo, no Centro Cultural e na Biblioteca Municipal de Botucatu.

Hoje, o Asilo Padre Euclides é administrado por uma diretoria cujos membros são leigos vicentinos e os serviços internos realizados pelas religiosas da Congregação Copiosa Redenção. Atende apenas idosos desprovidos de recursos para a subsistência.

Figura 6 - Casa administrativa do Asilo Padre Euclides de Botucatu

Figura 7 - Casa Padre Euclides do Asilo Padre Euclides de Botucatu

Figura 8 - Moradias dos assistidos do Asilo Padre Euclides de Botucatu

Figura 9 - Capela do Asilo Padre Euclides de Botucatu

A visita às instituições criadas por Padre Euclides e a coleta de documentos nas cidades onde ele viveu, permitiram-nos compor uma narrativa histórica da vida de Padre Euclides e de suas obras, na tentativa de compreender a criação do Asilo em Ribeirão Preto dentro de um contexto mais amplo de idéias e práticas concretizadas a partir de um envolvimento comunitário. Esse conteúdo compõe o segundo capítulo.

O terceiro capítulo narra a criação do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto e seu desenvolvimento no período de 1919 até meados da década de 1950, onde procuramos evidenciar a proposta assistencial a partir da organização do espaço da moradia, do trabalho e do exercício da religiosidade.

No quarto capítulo, buscamos descrever e caracterizar os assistidos pela instituição e as idéias acerca destes, salientando as mudanças ao longo do período estudado e evidenciando a idéia dos assistidos como “verdadeiramente necessitados”.

O quinto capítulo resultou do estudo das principais fontes de receita e despesas do Asilo, cujos dados contidos nos relatórios puderam expressar a partir da análise, as formas de relacionamento da comunidade com a obra e as mudanças que proporcionaram a auto-sustentação da mesma.

O sexto capítulo é uma tentativa de, através da utilização do conceito de “identidade exigente” proposto por Ricoeur, compreender mais profundamente os fatores constitutivos do desenvolvimento da obra, decorrente de uma experiência com uma autoridade que possibilitou o surgimento de sujeitos atuantes como protagonistas do processo histórico.

Finalmente, na conclusão, buscamos ressaltar a significância dos resultados obtidos, principalmente daqueles relativos a proposta assistencial do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto e da possível colaboração da pesquisa para a compreensão da experiência dos protagonistas da obra assistencial.

2. PADRE EUCLIDES GOMES CARNEIRO: VIDA E OBRAS

Euclides Gomes Carneiro, filho do coronel José Gomes Vieira e Silva e dona Cândida Santiago Carneiro e Silva, nasceu aos 14 de agosto de 1879, na cidade de Itajubá em Minas Gerais.

Inicialmente realizou estudos no Colégio Salesiano em Lorena, e posteriormente, entre 1896 e 1899, freqüentou o Seminário Episcopal de Mariana. Foi ordenado por Dom Silvério Gomes Pimenta em 09 de abril de 1901, aos 22 anos de idade.

Após a ordenação foi designado coadjutor de Monsenhor Antonio de Siqueira para a paróquia de Ribeirão Preto, onde chegou em dezembro de 1902. A cidade enquanto paróquia fazia parte da Diocese¹ de São Paulo, sendo somente criada em 07 de junho de 1908 pelo Papa Pio X. Aos 09 de

¹ Diocese é uma circunscrição territorial administrada eclesiasticamente por um bispo ou arcebispo.

fevereiro de 1909, Dom Alberto José Gonçalves tomou posse e assumiu o bispado até 1945, ano do seu falecimento.

Figura 10 - Foto de Padre Euclides Gomes Carneiro, inclusa na Polyanthéa Comemorativa da Inauguração do Edifício Social da Legião Brasileira de 3 de maio de 1917

No mesmo ano de sua chegada, Padre Euclides assumiu a direção da Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto. Nesta ocasião, a população sofria com o avanço da febre amarela e a instituição “(...) *não passava de um conjunto precário de enfermarias abandonadas*” (Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto, 1996).

Com pedido de auxílio financeiro aos fazendeiros da região e com convite às irmãs Salesianas para o trabalho, o Padre pôde reestruturar os

serviços da Santa Casa, permanecendo na sua presidência até 1915. As irmãs Salesianas trabalharam na instituição até 1938.

A Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto foi fundada em 1896 e seus primeiros atendimentos foram prestados num casarão. Posteriormente, em terreno doado pela Prefeitura, iniciou-se uma modesta construção, que por ocasião da chegada de Padre Euclides à cidade, ainda não havia sido concluída. Sua atuação enquanto provedor da Santa Casa foi significativa para a consolidação de tal trabalho, tanto na continuidade da construção (em 1908), quanto da organização da assistência (Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto, 1996).

Figura 11 - Santa Casa de Misericórdia; na varanda Padre Euclides (1908) - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

Paralelamente aos cuidados com a Santa Casa, Padre Euclides se envolveu com outros projetos e necessidades da população de Ribeirão Preto.

Aos 3 de maio de 1903, fundou a “Associação dos Catequistas Voluntários” cuja proposta de promover a freqüência de crianças ao catecismo e difundir o patriotismo em Ribeirão Preto teria sido bem aceita pelos moços da cidade. Os objetivos da associação relacionavam-se ao

“estudo e a practica de todos os meios conducentes primeiramente ao estímulo das crianças na frequencia do cathecismo, e em segundo lugar ao avigoramento do patriotismo no solo de Ribeirão Preto”².

Os associados foram

“os primeiros moços convidados para a Associação dos Cathechistas Voluntários, e de quem, muito se deveria esperar, não só aceitaram essa idéia cheios da melhor boa vontade, como ainda se mostravam empenhados a um continuo trabalho para o bem estar religioso e patriotico de nossa cidade”³.

Em janeiro de 1904 a associação passou a ser denominada “Sociedade Legião Brasileira de Civismo e Cultura”.

Em terreno adquirido de Bento Galvão, localizado na esquina das ruas São Sebastião e Visconde de Inhaúma, sua sede foi construída entre os anos de 1905 (término do pagamento do terreno) a 1917, ano da inauguração oficial. O prédio de dois pavimentos⁴ abrigava “salão de biblioteca”, “sala de bilhares e serviço de jogos e passatempos” e “salão nobre”.

Em 2 de fevereiro de 1904, Padre Euclides compôs a “Comissão Auxiliadora” juntamente com outros senhores da comunidade ribeirãopretana

² Ata da reunião de fundação da associação em 3 de maio de 1903.

³ Ata da reunião de fundação da associação em 3 de maio de 1903.

⁴ Na década de 1960, o prédio foi demolido e no terreno vendido foi construído um edifício de quatorze andares, dois deles de propriedade da Legião. Atualmente esta mantém no primeiro piso a Biblioteca Padre Euclides, através de doações, contribuições de sócios e de aluguéis de salas comerciais .

para auxiliarem a “*Comissão Construtora*” no início das obras da igreja matriz (Lauriano, 1973).

Assumiu o cargo de fabriqueiro nas obras até 30 de agosto de 1906, quando escreveu uma carta⁵ ao Cônego José Rodrigues de São Paulo, desistindo do cargo e passando-o a Augusto Guimarães, pois justificava estar “*muito ocupado*”. O Cônego Joaquim Antônio de Siqueira, que presidia a comissão de obras, registrou no livro do Tombo da Paróquia de Ribeirão Preto a contribuição de Padre Euclides ao escrever num relatório

“É de justiça dizer que o Revmo. Sr. Pe. Euclides Gomes Carneiro, dotado de uma têmpera de ferro, e força extraordinária conseguiu levantar e cobrir o corpo da Igreja”
(Lauriano, *op. cit.*, p.47).

Fundou em 1912 uma escola profissionalizante inicialmente denominada Escola de Artes e Ofícios e posteriormente Centro Operário São Benedito. Em 2 de maio desse ano, o **Diário da Manhã**⁶ anunciava que devido às comemorações do 1º de maio (Dia do Trabalho), Padre Euclides teria feito um donativo de 200\$000 “*para as obras do Centro Operario desta cidade*”.

Em 24 de fevereiro de 1914, o **Diário da Manhã**⁷ divulgava a visita de Padre Euclides a sua redação com um convite para a “*inauguração dos machinismos das officinas do Centro Operario*”, que se daria no domingo procedente.

Walker (2000) faz referência a este como “*um clube trabalhista paternalista fundado por um padre imbuído de espírito público, Padre*

⁵ Documento encontrado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo/ SP.

⁶ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 2 mai 1912, ano XIII, n.3879, p.2.

⁷ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 24 fev 1914, ano XV, n. 4407, p.1.

Euclides Carneiro, e reconhecido oficialmente pelo prefeito e pelos demais representantes do poder público” (p.64).

Tal juízo parece-nos por demais inadequado, uma vez que o Centro Operário parecia exercer uma importante função num contexto onde, como descrito pelo próprio Walker, predominavam os interesses ligados à cultura do café e onde outros interesses deveriam estar “(...) aliados às demandas do café – como no caso da indústria, do comércio e das profissões liberais – ou eram demasiado fracos e pouco organizados, como no caso do trabalho” (op. cit., p.64).

O Centro Operário possuía uma diretoria, sócios e se constituía como um ponto de referência ao trabalhador. Promovia diversos eventos como por exemplo o divulgado pelo **Diário da Manhã**⁸ em 28 de agosto de 1914 onde numa “sessão ordinária” o senhor “Dr. J. Taves, distinto medico aqui residente, falará sobre os males do alcoolismo”.

Em 1912, Padre Euclides participou da organização de uma biblioteca na cadeia pública da cidade, oferecendo “uma estante com muitos bons livros”⁹.

⁸ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 28 jan 1914, ano XV, n.4384, p.1.

⁹ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 9 mar 1912, ano XIII, n. 3841, p.1.

Figura 12 - Quadro localizado no Salão de Livros da Biblioteca Padre Euclides pintado a óleo por S. Carelli em 1978

Enquanto provedor da Santa Casa, Padre Euclides desenvolveu as primeiras iniciativas para a fundação de uma instituição de assistência à pobreza, durante os anos de 1909 a 1914¹⁰.

¹⁰ Na fase inicial de coleta de dados da pesquisa, junto ao Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto, os documentos indicavam o ano de 1919 para a fundação da instituição segundo às localização e proporção atuais, ocorrendo, conforme a narrativa histórica, após a saída do Padre da cidade. No entanto, Mauro da Silva Porto, funcionário do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, ao auxiliar outras coletas de dados para essa pesquisa, revelou a existência dessa iniciativa coordenada pelo próprio Padre Euclides, já em 1909.

Em abril de 1909, o jornal **Diário da Manhã**¹¹ noticiava a visita de Padre Euclides Gomes Carneiro à sua redação. O motivo era um convite à inauguração de um *“asylo para a pobreza”* que deveria acontecer no mês de maio do ano citado, cujos empreendedores eram *“dois beneméritos”* (Padre Euclides e um segundo nome não divulgado) e a Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto.

Tal estabelecimento, considerado de *“utilidade pratica”*, se destinaria a causa dos *“desventurados”* e seria instalado, após *“varias modificações”* no edifício do Hospital do Isolamento, cedido por intermédio da Câmara, pela Prefeitura Municipal.

Com algumas modificações arquitetônicas, intencionava-se projetar *“uma espécie de villa, onde os desherdados do destino possam trabalhar em diversos gêneros de officios, em vários misteres”*. Este local deveria abrigar os mendicantes com o máximo de *“carinho e conforto”*, a exemplo de como *“nos grandes centros urbanos se fazia para evitar a causa da pobreza”*.

Esta foi a primeira notícia encontrada, onde anunciava-se a idéia da criação do Asylo de Mendicidade, envolvendo a iniciativa de Padre Euclides e trazendo em si já um esboço do que deveria ser essa instituição: *“uma espécie de villa”* com *“diversos gêneros de officios”*.

Em 14 de maio de 1909, o jornal **A Cidade**¹² noticiava o adiamento da instalação do asilo, que havia sido marcada para o dia 3 do referido mês. Sem o conhecimento dos motivos para tal, o redator declarava ter *“ouvido de pessoas competentes que as immediações do Isolamento são focos de*

¹¹ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 7 abr 1909, n.2880, p.1.

¹² **A Cidade**, Ribeirão Preto, 14 mai 1909, anno V, n.1345, p.1.

impaludismo, que levam todos os annos muitos dos seus moradores ao leito, fazendo victimas não poucas". Fazia referência a malária.

Tal notícia comentava também um artigo publicado na Revista de Direito (RJ) por Auto Fortes, enfatizando a necessidade do envolvimento da sociedade civil e dos poderes públicos na questão da assistência, evitando assim o emprego injusto das leis penais da época que proibiam a mendicância pelas ruas. Fortes faz referência ao caso do mendigo Celestino Rino, preso no Rio de Janeiro por estar esmolando pelas ruas, considerado invalido e injustiçado, uma vez que naquela ocasião o Asylo de Mendicidade da cidade não se encontrava em condições de assistí-lo.

Fortes cita Delmas e coloca:

*"(...) si a sociedade não pode cumprir esse dever de solidariedade humana, cercando o mendigo do necessário e possível conforto, dando-lhes um asylo, um refugio em que encontre allivio ás suas miserias e alento ao seu espirito, não pode tambem impedir que elle exerça o mais humilde dos direitos de estendem do supplice a mão hesitante á piedade dos transeuntes"*¹³.

O apelo ao artigo de Auto Fortes na notícia d' **A Cidade** parece evidenciar a preocupação de alguns ribeirãopretanos com o adiamento a inauguração do asilo, com a continuidade da mendicância e com os modos de reprimi-la.

Poucos dias depois, o **Diário da Manhã**¹⁴ publicava em 18 de maio uma lista de pessoas que haviam aderido a idéia de Padre Euclides de projetar o "*instituto de caridade*", fazendo para tanto doações em dinheiro. O Asylo de Mendicidade em Ribeirão Preto teria assim duas finalidades: acabar com o

¹³ Idem.

¹⁴ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 18 mai 1909.

“triste espetáculo que oferecem tantos mendigos esfarrapados a estenderem a mão à caridade pública” e evitar que a *“supplica dos necessitados”* se misturasse com *“a labia audaciosa dos exploradores”*. O jornal **A Cidade**¹⁵ também continuou noticiando a iniciativa de Padre Euclides no angariar de *“assignaturas”*, com contribuição mensal dos colaboradores.

Posteriormente, localizamos em 07 de dezembro de 1910 no jornal **A Cidade**¹⁶, uma nova menção à arrecadação de fundos em prol do projeto de Padre Euclides. Tal notícia se referia a doação de 85\$000, resultado líquido de um evento realizado *“em favor do Asylo dos Invalidos”* pelos Srs. Fonseca & Irmão no Salão Barroso.

Já em 1912, em livro da Secretaria da Câmara de Ribeirão Preto intitulado *“Relação das plantas de construção e reconstrução aprovados pela Câmara”*¹⁷ no período de 1902 a 1913, foi registrada em 9 de março do referido ano, a apresentação de uma planta para a construção do *“Asylo de Inválidos”*, arquitetada por Vicente Lo Giudice, em terreno de propriedade da Santa Casa localizado à Rua Padre Euclides.

O jornal **Diário da Manhã**¹⁸ anunciava em 14 de março de 1912 que as obras do *“Asylo de Invalidos”* encontram-se adiantadas e localizadas anexamente a Santa Casa de Misericórdia. Neste mesmo mês esse jornal¹⁹ publicava o aviso de Padre Euclides referente a realização de uma quermesse nos dias 27, 28, 29 e 30 de junho, em benefício do *“Asylo de*

¹⁵ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 18 mai 1909, ano V, p.1.

¹⁶ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 7 dez 1910, ano VI, n.1826, p.1.

¹⁷ Localizado no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

¹⁸ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 14 mar 1912, ano XIII, n.3844, p.2.

¹⁹ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 10 mar 1912, anno XIII, n.3842, p.2; **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 23 mar 1912, ano XIII, n.3852, p.1.

Invalidos”, divulgando o nome de algumas senhoras ribeirãopretanas que haviam ficado encarregadas de receberem “*dadivas para a Kermesse*”.

Em 3 de maio de 1912, o **Diário da Manhã**²⁰ apresentava a seguinte nota:

“Fomos informados que as festeiras incumbidas de promover nesta cidade, em 27, 28, 29 e 30 de junho, uma Kermesse em beneficio do Asylo de Misericordia, em vias de construir-se, têm encontrado a maxima bôa vontade por parte dos habitantes desta cidade e de toda a zona”.

Posteriormente em 1913, na publicação do Almanach Illustrado de Ribeirão Preto²¹, o projeto de Padre Euclides já se encontrava atrelado à Sociedade Beneficente Santa Casa de Misericórdia, através da seguinte citação:

*“Sociedade Beneficiente de Ribeirão Preto
Santa Casa e Asylo dos Invalidos
Provedor Padre Euclides Carneiro
Secretario Dr. Arthur Soares Moura
Thezoureiro Dr. Jorge Lobato
Mesarios
Cel. Sarturnino de Carvalho
Dr. João A. Meira Junior
Major Augusto Junqueira
Pedro Marsola
Cel. Eliseu de Campos Pinto”*

Enquanto provedor da Santa Casa, Padre Euclides estava caminhando para a concretização da sua obra.

Nos dias 10, 11 e 12 outubro de 1913, outro grande festival beneficente foi realizado com grande participação da população da cidade. A arrecadação do evento deveria beneficiar as obras do prédio social da Sociedade Legião Brasileira e do “*Asylo de Mendicidade*”.

²⁰ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 3 mai 1912, ano XIII, n.3870, p.1.

²¹ Almanach Illustrado de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Sá, Mania & Cia, 1913.

Tal evento parece ter sido realizado com grande empenho das várias colônias de estrangeiros na cidade, que montaram barracas próprias para a venda de produtos típicos.

Figura 13 - Pavilhão Italiano e Pavilhão Português na quermesse de 1913 - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

A divulgação dos resultados do “*Festival Beneficente*” nos jornais locais foi bastante expressiva. Em 12 de outubro de 1913 **A Cidade**²² publicava:

“Sem duvida devido a esplendida orientação que imprimiu ás festas o illustre revmo. padre Euclides Carneiro, vão decorrendo com grande brilhantismo as festas em beneficio da Legião Brasileira e do Asylo de Invalidos. Na tarde de hontem houve a festa da corda e do pau encebados e da corrida negativa de automoveis”.

Depois no dia 15, o mesmo jornal²³ destacava:

“As festas que a esforçada directoria da Legião Brasileira vem de realizar em beneficio dos cofres sociaes e do Asylo dos Invalidos, tiveram exito completo, produzindo uma renda bruta, que excedeu a expectativa dos seus organizadores. Semelhante resultado tanto faz a honra á dedicada directoria da Legião, que se multiplicou em actividades para ver coroados do melhor exito seus esforços, como ao benfasejo povo de Ribeirão Preto, que aceudio pressuroso ao apelo da Legião, animando e auxiliando os festejos com a sua presença e com as suas generosas offertas”.

Em 24 de abril de 1914, o **Diário da Manhã**²⁴ divulgava o restabelecimento da saúde do coronel Manoel Maximiano Junqueira e as ofertas que sua esposa Amélia fazia em comemoração ao fato, incluindo a quantia de 500\$000 ao “*Asylo de Invalidos*”.

Os fatos que citamos até este ano, são indícios das ações que Padre Euclides direcionava para a realização do projeto do asilo, que deveria funcionar em construção anexa à Santa Casa de Misericórdia.

No início de junho de 1915, aos 36 anos de idade, o padre foi transferido para a cidade de São José do Rio Pardo/SP, pelo Bispo Diocesano Dom Alberto José Gonçalves.

²² **A Cidade**, Ribeirão Preto, 12 out 1913, ano IX, p.1.

²³ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 15 out 1913, ano IX, p.1.

²⁴ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 24 abr 1914, ano XV, n.4455, p.1.

Sua transferência foi marcada por uma grande polêmica. Uma comissão composta pelos senhores Macedo Bittencourt, Rocha Fragoso, Mariano de Siqueira, Veiga Miranda e coronéis Gabriel Junqueira e Saturnino de Carvalho, preparou uma manifestação que, segundo noticiava o jornal **A Cidade**²⁵ em 05 de junho do referido ano *“constará de uma visita que irão fazer ao nosso querido sacerdote numerosas pessoas desta cidade, em trem especial, a S. José do Rio Pardo”*.

Conforme noticiou posteriormente o mesmo jornal²⁶, tal visita ficou marcada para o dia 13 daquele mês e estaria a disposição das pessoas uma mensagem que seria assinada e enviada a Padre Euclides *“em signal de reconhecimento pelos beneficios que praticou nesta cidade”*.

Tal mensagem²⁷ intitulada *“Carta do ‘povo’ de Ribeirão Preto destinada a Padre Euclides por ocasião da sua transferência”* fora escrita em 13 de junho de 1915 em pergaminho animal e acondicionada em uma pasta revestida de veludo verde cuja capa traz bordadas as iniciais do nome de Padre Euclides.

A carta traz inicialmente a surpresa e indignação da população de Ribeirão Preto com a notícia da transferência do Padre:

“O primeiro impeto que a todos assaltou foi o de uma opposição definitiva aos vossos propositos. Não! Ribeirão Preto não se poderia conformar de modo algum com a ausencia daquelle que, durante quase tres lustros, fôra o propulsor desinteressado e infatigavel do seu progresso, o factor por excellencia das suas obras beneficentes, o iniciador quotidiano de reformas e creações materiaes e moraes de luminoso alcance”.

²⁵ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 5 jun 1915, ano XI, n. 3401, p.1.

²⁶ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 10 jun 1915, ano XI, n.3405, p.1.

²⁷ Localizada na Biblioteca Padre Euclides de Ribeirão Preto.

Depois, a mensagem mostra uma imagem muito interessante de

Padre Euclides:

“(...) o intermediário entre as grandes fortunas e as dolorosas miserias, aquelle jovem missionario que sabia tirar risonhamente e com a satisfação do verdadeiro filho de Christo as sobras do rico para mitigar as agruras do pobre. Grande Centro laborioso, Ribeirão Preto encerra em sua sociedade ricos millionarios, modestas fortunas, pobres e pauperios. Os primeiros e os segundos se communicavam com os ultimos por intermedio da bondosa e constante dedicação desse homem raro, rarissimo, encarnação admiravel de um espirito á São Francisco de Paula! ...Como, pois retirar-se esse mediador plastico, cessar essa corrente de vassos comunicantes?”.

A mesma carta também expressa os possíveis sentimentos do

Padre diante da transferência:

“Fomos imaginando o quanto de sacrificio para vós mesmo esse passo representaria, o quanto de doloroso e cruel teria para o vosso coração a contingencia de interromper a grande obra, a incomparavel obra, a obra de titanicos esforços que aqui haveis empregado!”.

E por fim, mesmo desejando uma boa estada a Padre Euclides na

sua cidade de destino, a mensagem ainda expressa esperança de tê-lo de volta:

“Oxalá, Padre Euclides Carneiro, sejam-vo propicios os ares deste bello clima em que vos refugiaes! Oxalá, revigorado dentro em pouco, possaes attender ao clamor de todo o povo de Ribeirão Preto, cujo supremo desejo é e será o de reivindicar-vos para o nosso meio, para nossa sociedade, para os nossos pobres!”.

Uma carta²⁸ de Dom Alberto destinada ao arcebispo de São Paulo e escrita em 8 de junho de 1915, relata possíveis problemas que Padre Euclides estaria vivenciando com membros da própria família que teriam ido *“às casas de famílias da cidade com o fim exclusivo de desmoralisalo”*. O

²⁸ Documento encontrado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo/ SP.

Bispo demonstrava estar com dúvidas sobre o que deveria fazer uma vez que o Padre estaria *“arraigado aqui pelos trabalhos e serviços que tem prestado”*. Além disso, o Bispo preocupava-se com as consequências de qualquer atitude por ele tomada e se interrogava *“Como fazer a cousa sem mal para elle e ao mesmo tempo sem eu ficar mal diante da população?”*.

Como medida de prudência e estando Padre Euclides *“visivelmente doente”*, Dom Alberto o teria levado consigo às visitas paroquiais e somente então teria feito a sua remoção.

Padre Euclides permaneceu em São José do Rio Pardo por 4 anos. Em 20 de junho de 1915 após a sua chegada, a **Gazeta do Rio Pardo**²⁹ noticiava *“assumiu o cargo de vigário desta cidade o conego Euclides Carneiro”*.

O **Album Riopardense** de 1917 fazia referência a Padre Euclides como o *“Legionário do Bem”* e comentando sobre seu trabalho em Ribeirão Preto declarava:

*“Deixou naquella cidade o Padre Euclides tantas saudades e recordações, tantos benefícios e trabalhos que aquelle povo incessantemente o reclama para o seu convívio. São José do Rio Pardo teve a suprema ventura de receber em seu seio o valoroso, progressista e caridoso Padre Euclides. Data de pouco mais de um ano a transferencia desse sacerdote para esta terra, e nós já admiramos os fructos salutareos dessa esplendida aquisição”*³⁰.

Tais *“frutos”* seriam:

“(...) a reforma da nossa Egreja Matriz; a harmonia da familia republicana riopardense, outr’ora separada em facções partidarias; as casinhas da Villa de São Vicente a serem construidas dentro de pouco tempo e tantas outras boas iniciativas”.

²⁹ **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 20 jun 1915, ano VII n.293, p.2.

³⁰ **Album Riopardense**, São José do Rio Pardo, 1917.

De fato, a **Gazeta do Rio Pardo**³¹ noticiava em 10 de outubro de 1915 a iniciativa de Padre Euclides de criar uma biblioteca para os presos e sua preocupação com *“uma outra classe de desventurados, a mais numerosa os mendigos”*. Com o intuito de *“livrar esta cidade de um inicegavel incommodo, proporcionando aos que o causam, sem grande culpa e por necessidade da existencia, um futuro mais garantido e fagueiro”*, pretendia o Padre:

“(...) reunir em terreno determinado – fazendo parte do patrinomio da Egreja – todos os desprotegidos da fortuna e lá, dando-lhes um tecto e quem sabe se tambem nutrição, arrancar-lhes da frente a imagem aterradora da miseria desvalida”.

Rodolpho José Del Guerra citou em seu artigo publicado no jornal **Gazeta do Rio Pardo** de 31 de março de 1990³², o artigo de Paschoal Artese escrito para o jornal **Resenha** de 20 de outubro de 1943. Tratava-se de um *“histórico sobre o Asilo”*, no qual Artese relembra a busca de Padre Euclides por um terreno para sua obra *“Era um dia de sol abrasador. Percorremos de ponta aponta a área (...) Os carrapatos invadiram nosso corpo (...)”*. Nesse *“histórico”* constava que *“o Asilo de Inválidos está situado no perímetro urbano da cidade de S. José do Rio Pardo, em um terreno especialmente doado pela Fábrica, com área de 41.000 m²”*.

Del Guerra (1990) citou também uma notícia escrita por Jóse Honório de Syllos na **Gazeta do Rio Pardo** de 25 de dezembro de 1974 e concluiu:

“Por certo, as terras da Vila Pereira, onde floresceu o magnífico Asilo, deviam pertencer á grande Fazenda da Barra, doadas ao patrimônio da Capela de São José pelo Capitão José Theodoro Nogueira de Noronha, em 1865”.

³¹ **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 10 out 1915, ano VI, n.312, p.3.

³² Del Guerra, R. J. Ao Cléber: as anotações pedidas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 31 março 1990, ano LXXXII, n.1451, p.5.

Segundo os *“Estatutos do Asilo de Inválidos Padre Euclides Carneiro”* de São José do Rio Pardo datado de 25 de abril de 1941, a instituição teria sido fundada em 1916 e inaugurada em 3 de maio de 1917 sob a denominação de Asilo de Mendicidade.

Del Guerra (1990) comentou acerca da construção da instituição: *“As casinhas devem ter sido iniciadas em 1916. Dona Filhinha de Castro contou-me, certa vez, que o Padre Euclides fez a primeira e seu tio, João Modesto de Castro, a segunda”*. Retomando Artese (1943), o autor transcreveu *“(...) Em 1917, havia oito casinhas com quatro quartos (...) com um pavilhão central, onde estão instalados os refeitórios, dispensa, cozinha, administração e capela (...), havendo uma chácara”*.

Figura 14 - Criação de galinhas do Asylo de Mendicidade de São José do Rio Pardo (década de 1920)

O referido autor em **Riquezas do Baú Provinciano** (2000) retrata o envolvimento dos imigrantes italianos de São José do Rio Pardo com o projeto de Padre Euclides e transcreve trechos de notícias de jornais locais onde estes estariam sendo convocados a colaborar nas obras.

A primeira notícia localizada por Del Guerra (2000) data de 4 de agosto de 1918. Teria sido escrita provavelmente sob o pseudônimo italiano Gracco ao jornal **Gazeta do Rio Pardo** com as seguintes palavras:

“Á Colônia italiana (...) Deveis, italianos de São José do Rio Pardo, mostrar-se dignos êmulos de tanta virtude, unindo-vos, e pela vossa fecunda coletividade fazer surgi-la, no Asilo de Inválidos, uma casinha modesta que ateste ao necessitado, ao visitante, ao pósteros, a vossa generosidade, o vosso interesse por tudo aquilo que é nobre, grande e caritativo. Fazei com que a nenhum italiano infeliz seja negado por falta de lugar um generoso abrigo onde possa esperar serenamente o fim de sua peregrina vida. Italianos, vós sois todos generosos, entre vós não faltará certamente quem disso tome iniciativa: não sejais portanto surdos a este apelo e demonstrei mais uma vez que não é em vão que se vos invoca. Mostrai vosso coração ao país que vos hospeda, fazei-lhe ver que conheceis e que aprovais os versos do poeta Gonçalves Dias: ‘A Pátria é onde quer que a vida temos / Sem pena e sem dor / Onde rostos de amigos nos rodeiam / Onde temos amor’. Concorrei, italianos, para o progresso da santa obra, erigi a casinha do padre; e se isso não fizerdes em nome da caridade, fazei-o em memória e como homenagem às almas dos heróis que caíram na frente, mártires de uma Itália maior” (op. cit., p. 152).

Uma resposta às colocações de Gracco foi dada pelo Sr. Lando Argentieri, proprietário da Fazenda Itália, em artigo à **Gazeta do Rio Pardo** de 11 de agosto de 1918:

“Li na Gazeta de domingo passado, 4 de agosto, um apelo à colônia italiana. O missivista tem razão: nós italianos nem devíamos esperar pelo ‘lembrete’ para enfileirar com os

demais generosos brasileiros que mandaram construir o Asilo de Inválidos.

Mas como para fazer o bem nunca é tarde, pelo que me diz respeito, ousou tomar iniciativa cujo mérito é exclusivamente de 'Gracco', e pondo á disposição do Revmo. Padre Euclides Carneiro a modesta oferta de três milheiros de tijolos, postos no lugar da obra para o início de uma casinha que deverá ser igual às demais, e oferecida aos pobres pela Colônia Italiana.

Contemporaneamente, pelas colunas da sua simpática folha, apelo à solidariedade dos meus compatriotas que nunca deverão esquecer de ... 'Quanto as de sale lo pane / altri e qual sai duro calle / Lo scendere e salir l'altrui scale'.

Devotíssimo Lando Argentieri" (op. cit., p.152).

Em 18 de maio de 1918, foi inaugurada a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, construída por Honorato Bontempo na parte baixa do terreno do Asilo.

Figura 15 - As Filhas de Maria na inauguração da Gruta

Nos Estatutos do Asilo de Inválidos, data de 22 de março de 1931 a resolução que instituiu a direção da instituição à Sociedade de São Vicente de Paulo de São José.

Padre Euclides, mesmo residindo em São José, não perdeu o contato com a comunidade de Ribeirão Preto e no início de janeiro de 1919 retomou junto desta o projeto do Asylo de Mendicidade que havia ali iniciado em 1909.

No relatório da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto de janeiro de 1920³³ registrou-se:

“Como se já não fôra bastante o que elle fizera pela cidade de Ribeirão Preto, de longe, da sua parochia de S. José do Rio Pardo não se esquecia elle do seu sonho de muitos annos, dos pobrezinhos que aqui deixára e da necessidade de uma casa gasalhosa e boa que os recebesse e amparasse. Pensou, então, que mesmo de longe poderia continuar a impulsionar o progresso de Ribeirão Preto, nas suas duas faces – material e moral – e tratou” (p.1).

Padre Euclides Gomes Carneiro veio a Ribeirão Preto nos primeiros dias do mês de janeiro de 1919. Para dar novo início a sua obra, encomendou a redação do estatuto da Associação de Beneficência “Asylo de Mendicidade” a três amigos e convocou uma reunião para o dia 5 de mesmo mês a ser realizada nas dependências da Sociedade Legião Brasileira.

Através da notícia “UMA INSTITUIÇÃO NECESSARIA / ASYLO DE INVALIDOS / A REUNIÃO DE HOJE”, o jornal **A Cidade**³⁴ convocava “todas as classes sociais de Ribeirão Preto” a participarem da reunião de fundação da associação cujo empreendimento trataria do “albergamento dos invalidos”, enfatizando a “necessidade imprescindível e inadiável num meio

³³ Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1919.

³⁴ **A Cidade**, Ribeirão Preto, 5 jan 1919, anno XIV, n.4681.

como o nosso, que em certos dias oferece o aspecto desolador e pungente de uma população mendiga, tal o assombro enxame de pobres ...”.

Conforme constava na ata de fundação da associação³⁵, Padre Euclides pretendia “(...) converter em realidade o seu antigo sonho de fundar nesta cidade um *Asylo de Mendicidade*, ao qual fossem recolhidos, além dos mendigos, as pessoas a quem os mesmos devem alimentos e as creanças desvalidas”.

Nesse documento registrou-se os senhores convidados pelo Padre a redigirem os estatutos sendo eles João Alves Meira Junior, Mariano de Siqueira e Manoel da Silva Carneiro.

Na sessão realizada no salão nobre da sede da Sociedade Legião Brasileira, o estatuto foi aprovado pelos presentes incluindo a deliberação dos membros da Diretoria e do Conselho Consultivo para o “*ano social*” que terminaria em 25 de Janeiro de 1920³⁶.

Nessa ocasião Padre Euclides fez um donativo de dez contos de réis à Associação e recebeu o título de Presidente Honorário da mesma.

O Estatuto do “*Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto*” foi devidamente registrado em cartório local no dia 14 de janeiro de 1919 e publicado em diário oficial em 9 de junho de 1919.

³⁵ Asylo Padre Euclides, Livro de Actas 1, Acta da sessão de fundação e instalação da Associação Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, 05 de janeiro de 1919.

³⁶ A Diretoria ficou assim composta: como Presidente Dr. Manoel da Silva Carneiro; como Vice-Presidente D. Maria Antonietta de Loyolla Meira; como 1º Secretario Oscar Guimarães Couto; como 2º Secretario D. Maria Conceição Monteiro de Barros; como 1º Tesoureiro Augusto Guimarães e como 2º Tesoureiro Augusto Junqueira.

O Conselho Consultivo ficou composto por: D. Amalia Junqueira, D. Anna Claudina Villela de Andrade, D. Augusta Cordovil Sampaio, D. Bertha Whately Schmidt, D. Anna Pinto de Carvalho, D. Maria Tahan, Dr. Jorge Lobato Marcondes Machado, Dr. Affonso Guibello, João Raggazzi e Albano José de Carvalho.

No estatuto ficaram definidos os seguintes propósitos da associação:

- “a) fundar e manter um asylo onde sejam internados e tratados os mendigos e as pessoas de suas famílias ás quaes elles, por obrigação natural, devam alimentos;*
- b) recolher as crianças desvalidas;*
- c) proteger e dar collocação aos filhos dos mendigos, maiores de 10 annos, os quaes terão preferencia nos empregos do asylo;*
- d) criar e manter escolas primarias e profissionaes, destinadas ao preparo dos menores internados.”³⁷*

Cada diretoria teria mandato de um ano, podendo ser reeleita ou substituída a partir de voto secreto ou aclamação dos sócios em assembléia geral. Deveria apresentar relatório discriminando as contas de sua gestão a ser apreciado e aprovado. Entre outros deveres, precisaria *“organisar o regimento interno do asylo”* e *“adquirir bens de raiz”*.

Um ano depois, a primeira diretoria relatava que:

“Felizmente, o nome respeitável e respeitado do nobre fundador amparava e protegia a nossa iniciativa: falava por nós melhor do que os nossos argumentos, agi mais efficazmente do que nossos esforços e coroava de um helo resplendente de prestigio a nova associação”³⁸.

Com efeito, a partir do donativo inicial de Padre Euclides, outros foram sendo oferecidos.

Talvez o mais significativo deles tenha sido o terreno doado³⁹ pelo casal Coronel Joaquim Firmino de Andrade Junqueira e Rita Villela de Andrade Junqueira em 31 de janeiro de 1919 onde se instalou o asilo. Tratava-se de:

³⁷ Lar Padre Euclides, Estatutos do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, 5 jan 1919, p.1.

³⁸ Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1919, p.2.

³⁹ Escritura de doação lavrada em 29 de janeiro de 1919.

“Um terreno que constitui o antigo lote 15 da 3ª sessão rural do Nucleo Colonial Antonio Prado, terreno esse que tem a area aproximada de 4 alqueires, confrontando pela frente com a avenida Saudade, nos fundos da rua Luiz Barreto, de um lado com a rua Pernambuco e de outro com cemiterio municipal desta cidade e com outros pertencentes a Vanadia Giuseppe, Giacomo Capelari ou seus sucessores”⁴⁰.

O relatório da primeira diretoria salientou essa doação e assinalou que *“os doadores, com uma modestia que mais dignifica o seu gesto de alta philanthropia, estimaram o terreno em cinco contos de reis, mas é certo que elle vale seguramente o dobro desta quantia”⁴¹.*

A partir de 1919, outros donativos foram feitos e nesse ano destacaram-se aqueles que ajudaram na constituição do patrinômio do Asilo como por exemplo, a doação de um prédio por Antonio Diederichsen que quando alugado, rendia 25\$000 ao mês, na década de 1920, e um terreno doado por José Sélles e Leontina Moreira Sélles.

Nesse primeiro relatório, a diretoria agradeceu também a colaboração dos jornais locais, **A Cidade** e o **Diário da Manhã**, por terem publicado todas as notícias solicitadas e *“em artigos mostraram ao povo a necessidade de auxiliar por todos os meios a obra do benemerito padre Euclides”⁴².*

O Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto foi inaugurado em 12 de outubro de 1920.

No início de junho de 1919, Padre Euclides foi removido da paróquia de São José do Rio Pardo pelo Bispo Dom Alberto Gonçalves.

⁴⁰ Lar Padre Euclides, Certidão emitida pelo Primeiro Cartório de Registro de Imóveis e Anexos de Ribeirão Preto em 24 de março de 1983.

⁴¹ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Rib. Preto, que serviu no anno social de 1919, p.2.

⁴² Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Rib. Preto, que serviu no anno social de 1919, p.4.

Num livreto⁴³ com oito páginas intitulado “*Facto Melindroso*” publicado pela Diocese de Ribeirão Preto em 28 de junho desse ano, o Bispo relata sob a forma de entrevista ao **Diário da Manhã** as razões que o levaram a adotar tal conduta, retomando também os motivos da remoção do Padre ainda de Ribeirão Preto.

Nesse documento, Dom Alberto retoma o envolvimento de familiares de Padre Euclides, especificamente do Sr. Alfredo Porto que teria apelado pela remoção do Padre, sem no entanto detalhar os possíveis motivos dela.

O Bispo explicita as motivações da remoção de São José alegando que Padre Euclides:

“no exercicio do cargo violava as leis da Igreja, fazia festas e procissões sem provisão; celebrava casamentos sem os tres proclamas; sahia da Diocese sem licença, não se dignava responder às cartas que eu lhe escrevia em objecto de serviço, nem me prestava as informação, que eram por mim pedidas”.

Por carta enviada em início de junho de 1919 ao Padre, Dom Alberto teria lhe infligido as “*penas canonicas*” e solicitado que “*puzesse em ordem as cousas da Parochia para entregal-as ao seu sucessor*”.

Na entrevista, o Bispo relata a reação da população de São José do Rio Pardo mediante sua decisão através do envio de telegramas: “*Recebi um telegramma assignado por todas as auctoridades locaes, no qual se me dizia ‘o meu acto offendêra seriamente o povo em seus sentimentos e que sò poderia redundar em prejuizo da religião’*”.

⁴³ Encontrado no Arquivo Público de Ribeirão Preto.

Uma comissão formada por cidadãos riopardenses, incluindo o Sr. Dr. Jovino de Syllos e o Sr. José Villela, esteve com Dom Alberto enquanto este fazia uma visita paroquial à cidade de Tambahú pedindo a reconsideração de sua decisão. Esta foi mantida, acrescentando-se a ela a retirada das religiosas da Santa Casa de São José.

Rodolpho José Del Guerra em **A São José, una nuova storia** (1999) relata que as freiras brasileiras “Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus” foram enviadas por Dom Alberto logo após a inauguração do Hospital de Misericórdia em 10 de junho de 1913. No entanto:

*“(...) ficaram até 16 de junho de 1919, quando foram recolhidas pelo mesmo bispo, durante o rumoroso ‘Caso Paroquial’, iniciado com a remoção, em junho, do amado e polêmico Padre Euclides Carneiro. Este incidente entre o bispo e a ‘Comissão Popular’, que solicitava a permanência do pároco em São José, foi parar até nas páginas do jornal **O Estado de São Paulo**” (op. cit., p.24).*

Em 10 de agosto de 1919 o jornal **O Estado de São Paulo**⁴⁴ publicou uma notícia de página inteira de autoria da Câmara Municipal de São José do Rio Pardo intitulada *“São José do Rio Pardo e o Bispo diocesano de Ribeirão Preto”*.

Em 1920, Padre Euclides foi removido com a ajuda de Dom Nery (Arcebispo de Campinas) para Botucatu onde chegou em 1º de janeiro. Ocupou o cargo de 12º vigário e fundou em 7 de setembro de 1922 o Asylo de Mendicidade de Botucatu.

Nesta data iniciava-se a construção e era lançada:

“(...) a pedra fundamental do pavilhão central da grande instituição. Ao seu redor foram-se agrupando as confortáveis casas dos indigentes, resultado de ofertas espontâneas que

⁴⁴ **O Estado de São Paulo**, 10 ago 1919, p.10.

a amizade dedicada ao Padre Euclides ditava aos seus doadores”⁴⁵.

Figura 16 - Vista geral do Asilo de Mendicidade de Botucatu

Desde sua fundação o Asylo foi dirigido pela Sociedade de São Vicente de Paulo de Botucatu e seus primeiros estatutos foram registrados em 5 de agosto de 1923.

Padre Euclides permaneceu nesta paróquia até 1º de março de 1925. Quando ele partiu:

*“(...) sua obra não estava completa, de acôrdo com o projeto por ele idealizado e por êle mandado executar. Mas Botucatu sempre grata ao venerando e inesquecível vulto de seu antigo vigário e amigo, incumbiu-se de completar os trabalhos, pelas mãos zelosas de seus filhos”*⁴⁶.

Em 1925, foi transferido para Pirajú/SP, onde permaneceu até 8 de setembro de 1926⁴⁷.

⁴⁵ **Monitor Diocesano**, Botucatu, Curia Diocesana, 3 mar 1945, ano VI, n. (1) 261.

⁴⁶ Idem ibidem.

⁴⁷ As constantes remoções de Padre Euclides por D. Alberto José Gonçalves foram motivo de grandes polêmicas entre as populações das cidades onde ele viveu. Sem ter totalmente esclarecidos os motivos de tais transferências (que variavam entre comportamentos

Em 1932, o padre já se encontrava morando no Rio de Janeiro. Vindo de lá, fez várias visitas ao Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto.

Em 1939, se encontrava em Todos os Santos - RJ, como Capelão das Carmelitas.

Nos anos de 1941 e 1942, Padre Euclides esteve internado no Sanatório de São José dos Campos para tratamento de uma enfermidade.

Figura 17 - Padre Euclides Gomes Carneiro fotografado quando enfermo na Santa Casa de Misericórdia de São José dos Campos - SP

Em 26 de fevereiro de 1945 (66 anos), faleceu no Convento das Carmelitas.

inadequados do padre e conflitos familiares conforme D. Alberto até inveja deste em relação a padre Euclides conforme ponto de vista da população), o povo se manifestava, reclamando a permanência do padre (sem êxito), salientando a importância de suas obras e do relacionamento com ele. Tais remoções e suas decorrências são aqui descritas com o intuito de identificar o percurso de vida de Padre Euclides e suas ações, sem nos preocuparmos no entanto em identificar ou esclarecer os fatores determinantes de tais remoções.

Após o falecimento de Padre Euclides, a diretoria do asilo em Ribeirão Preto encomendou de Alberto Crósera a construção de um monumento em homenagem ao Padre. Este representaria “Padre Euclides amparando um velhinho” e seria edificado em frente ao Asilo, no canteiro central da Avenida Saudade. Crósera comprometeu-se a colocar por conta própria todo o bronze na peça.

Em 27 de fevereiro de 1946, em comemoração ao primeiro aniversário de falecimento do Padre, o monumento foi inaugurado. Quando a Avenida Saudade foi transformada em via única, o monumento foi transferido para a Praça Santo Antônio na mesma. Depois de alguns anos, o monumento voltou ao asilo, sendo instalado no jardim da Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Figura 18 - Monumento a Padre Euclides na Praça Santo Antonio da Avenida Saudade

Em 30 de abril de 1950, os restos mortais de Padre Euclides que estavam enterrados no Cemitério de São Francisco Xavier do Rio de Janeiro, foram transferidos para a Capela de Nossa Senhora Aparecida do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto.

Decorreu-se nessa ocasião uma cerimônia:

“(...) com toda solenidade, tendo o ilustre Conego Luiz Abreu proferido uma belíssima alocução sôbre a vida do Padre Euclides que sempre se dedicou a caridade. Esteve presente ao ato o Exmo. Rev. Snr. D. Manuel da Silveira D’Elboux, atual arcebispo de Curitiba. Compareceram todas as autoridades civis e militares, Imprensa, Radio e avultado número de amigos”⁴⁸.

Uma placa de bronze foi colocada sobre o local da urna com os seguintes dizeres:

“Aqui jazem os restos mortais do Padre Euclides Gomes Carneiro, benemérito fundador deste Asilo. Amou ao próximo mais do que a si mesmo, propagou a Fé Católica. Realizou obra ampla de caridade e assistência. Tornou-se credor da veneração do povo. Nasceu em 14 de Agosto de 1879 e faleceu em 26 de Fevereiro de 1945. Orai por êle”⁴⁹.

⁴⁸ Relatório do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto referente ao ano de 1950, p.3.

⁴⁹ Idem.

3. DO “ASYLO DE MENDICIDADE DE RIBEIRÃO PRETO”

AO “ASYLO PADRE EUCLIDES”:

A constituição de uma “verdadeira villa”

Ao dar início a construção do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, uma das primeiras providências da diretoria no ano de 1919, foi pedir à Prefeitura Municipal a colocação da rede de água e esgoto no terreno recebido como doação, propondo que as despesas desse serviço fossem divididas e pagas por três partes: uma pelo asilo, outra pela Câmara Municipal e a terceira pela *“Empresa de Aguas e Exgottos de Ribeirão Preto”*.

Depois de atendida essa solicitação, a diretoria agradeceu em relatório os senhores Dr. Meira Jr., Macedo Bittencourt e Dr. Flávio de Mendonça Uchoa, respectivamente Prefeito Municipal, Presidente da Câmara e Diretor da Empresa, pelo *“acto de justiça”* e de *“boa vontade”*¹.

¹ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1919, p. 3.

Ao planejarem as obras do asilo, optaram pelo “*systema que o Revmo. Pe. Euclides adoptára no seu asylo de S. José do Rio Pardo*”, uma vez que “*déra magníficos resultados*”.

“Trata-se da fundação de uma verdadeira villa, com a construcção de pequenos pavilhões, simples, mas hygienicos, destinados á habitação dos asylados. Ahi o pobre, com a sua familia, se a tiver, ou com companheiros, se fôr solteiro, será installado e terá a impressão de estar em sua propria casa, não havendo a promiscuidade dos grandes pavilhões, que dão idéa de hospitaes e são a causa de constantes attrictos, fazendo os asylos ficarem abandonados”².

Em 6 de abril de 1919, ocorria a cerimônia de lançamento da pedra fundamental na qual esteve presente o deputado federal Dr. João Pedro da Veiga Miranda.

No dia 15 de abril de 1919, o Presidente Manoel da Silva Carneiro enviou ofício a Câmara Municipal pedindo licença para iniciar a construção. Anexo a este encontram-se três plantas elaboradas gratuitamente pelo engenheiro Dr. Antonio Soares Romêo³, sendo a primeira relativa ao “*Pavilhão de Administração*”, a segunda de uma “*casa dupla*” e a terceira do “*Refeitório, Dispensa e Cosinha*”. Tal licença tornava-se necessária porque na planta “*as casas são de meio tijolo e têm altura um pouco menos do que a determinada no Codigo de Posturas Municipal*”⁴.

² Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1919, p.4.

³ Aclamado sócio benemérito.

⁴ Ofício localizado na caixa ADM. Balancete 1914-1910 / Requerimentos de construções 1906-1914 do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Figura 19 - Plantas anexas ao pedido de licença para construção do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, abril de 1919; Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

A construção de dez casas duplas deu início às obras nesse ano. Além delas, a diretoria construiu os alicerces do “*Pavilhão Refeitório*” e previa que no ano de 1920 o novo diretor teria que “*angariar donativos para construção do refeitório e do pavilhão da administração*”. Previa-se que, uma vez concluído o refeitório, o asilo poderia ser inaugurado.

Figura 20 - Casas do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

Em janeiro de 1920, a primeira diretoria iniciou a arrecadação das mensalidades dos sócios. No entanto, como o asilo ainda não possuía condições para abrigar os mendigos, pensou-se em, sendo essa renda suficiente, “*encarregar uma pessoa de distribuir as mensalidades angariadas*”

*pelos pobres que têm chapas da policia, até que se conclua o pavilhão-refeitório*⁵.

A preocupação dos diretores era de que essa arrecadação poderia não ser suficiente para o sustento dos mendigos e se lamentavam por não terem feito mais: *“Não nos cabe dizer das dificuldades e trabalhos que tivemos. É aos outros que incumbe apreciar o nosso esforço. Fizemos talvez pouco, mas fizemos o que pudemos, com dedicação e a melhor vontade de acertar*⁶.

A diretoria do ano social de 1919 foi reeleita para o período de janeiro de 1920 a janeiro de 1921 e deu continuidade às obras do pavilhão refeitório que incluía cozinha, dispensa e instalações sanitárias:

*“Edifício de vastas proporções, que consumiria grande quantidade de material, dada a alta nos preços deste e da mão de obra, foi feito com vagar, porque os recursos do Asylo não eram também suficientes para a sua rápida construcção”*⁷.

Depois desse pavilhão, foi construído um barracão que abrigava um tanque, um forno e dois cômodos *“para guarda de materiaes”*.

A construção do pavilhão da administração foi iniciada, ficando paralisada ao final do ano de 1920 e durante o ano de 1921, sendo concluída em 1923.

Em 1920 a diretoria continuou a preparar o espaço físico do asilo providenciando meios para a obtenção de renda própria. Foram feitos:

⁵ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no ano social de 1919, p.6.

⁶ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no ano social de 1919, p.6.

⁷ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no ano social de 1920, p.1.

“(...) um pasto, de capim gordura, com a area de 10.000 metros quadrados, um pomar com 50 arvores fructíferas, uma horta de 800 metros quadrados, fechada a ripas fixadas, um tanque para irrigação da mesma... um pequeno chiqueiro, plantando-se 60 bananeiras, e milho e feijão, em uma area de um alqueire”⁸.

A diretoria justificava que o pasto havia sido feito *“para dar uma pequena renda ao Asylo, desde que, pela extensão do terreno, má qualidade da terra, e falta de adubos, não podia ser toda a area aproveitada em plantações mais rendosas”⁹.*

Além disto, foram adquiridos móveis e utensílios considerados *“indispensáveis”* para que fosse viabilizado o início do funcionamento.

No relatório de 1920, encontra-se anexada uma lista dessas aquisições que inclui desde roupas de cama e mesa, peças de vestuário, até *“vehículos, arreios, animaes e ferramentas”*, como por exemplo: *“um semy trolly, um arreio para carroça, um carrinho de mão”, “sete enxadas, um machado, um restello, uma cavadeira mechanica”* e *“dois porcos cevados, dois casaes de gansos, uma leitoa, um casal de coelhos e uma egua baia”*.

Em 7 de setembro de 1920, o asilo começou a receber os mendigos da cidade *“(...) para que por ocasião da inauguração já se pudesse ter uma idéia do que seria o Asylo funcionando”¹⁰.*

A inauguração aconteceu no dia 12 de outubro daquele ano, com missa campal e colocação dos retratos no pavilhão-refeitório de Padre Euclides

⁸ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1920, p.2.

⁹ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1920, p.2.

¹⁰ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1920, p. 1-2.

e do Coronel Joaquim Firmino de Andrade Junqueira, ambos homenageados.

Nesse início, *“houve alguma dificuldade em manter-se a ordem dentro do estabelecimento. Dentre os asylados havia alguns que promoviam desordens constantes. Hoje, porém, tudo corre normalmente”*¹¹.

A diretoria evidenciava a proposta assistencial, procurando mostrar que

*“(...) o Asylo não é um recolhimento forçado e obrigatorio e faz ver aos mendigos que alli terão vida socegada e tanto quanto possível confortavel, gosando de inteira liberdade e podendo sahir a passeio, observadas apenas as disposições do regimento interno”*¹², *como medida de ordem*¹³.

Em 1920, o asilo possuía três empregados efetivos: um zelador¹⁴, um cozinheiro e uma lavadeira. Além disso, contava com o trabalho voluntário do Sr. Alfredo Porto e de sua esposa Clotilde Porto.

Nesse ano, a diretoria fazia considerações sobre o efeito do funcionamento do asilo sob a cidade. No entanto, preocupava-se com a diminuição da contribuição financeira da comunidade:

“(...) apenas metade dos mendigos que esmolavam nas ruas desta cidade, accorreu ao Asylo (...) O que é facto, porém, é que a cidade ficou livre da mendicidade: não apresentava mais o aspecto triste e degradante de uma centena de mendigos a esmolar de porta em porta. (...) Agora mesmo, porém, poucos mezes depois a inauguração do Asylo, já desertaram alguns socios que com entusiasmo haviam inscripto os seus nomes entre os contribuintes da nova associação. Com o tempo, quantos outros não deixarão de contribuir? Livres da mendicidade que todas as semanas os incomodava,

¹¹ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no ano social de 1920, p.3-4.

¹² O regimento interno que encontramos data de 28 de janeiro de 1929.

¹³ Relatório e contas da diretoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no ano social de 1920, p.3.

¹⁴ No período de 1928 a 1951, o Sr. Ariovaldo Rodrigues exerceu a função de zelador do asilo. Faleceu aos seis de setembro de 1951, completando 23 anos de serviços prestados. A diretoria desse ano, pagou as despesas do hospital e do seu funeral e colocou em sua sepultura uma placa de mármore como homenagem. Sua viúva, Elvira Rodrigues, foi amparada pelo asilo que cedeu a ela uma casa à Avenida Saudade “a título precário”.

não reflectirão que, não tendo o Asylo um patrimonio, não póde viver sem o concurso constante do povo”¹⁵.

Em 1921, vários melhoramentos foram feitos no asilo, incluindo a construção de uma caixa d’água com capacidade para 12 mil litros e o cercamento do terreno. Sampaio (1983) comenta este fato nos seus escritos sobre a história do Asilo:

“Precisava-se murar todo o terreno do asilo. – Mas como? Com que dinheiro? Eram mais de 1.500 metros lineares de muro a ser construído, bem como as calçadas (passeio). Foi diante do problema da construção do muro, que o nosso Alfredo, virou industrial, montando dentro do asilo uma fabrica de muros de cimento armado, cujo preço era menor que os de alvenaria. A matéria prima: cimento, areia, e pedra britada, era comprada pechinchando e os ferros de armação eram catados nos ‘lixões’, juntamente com restos de pedaços de arame farpado. A mão de obra foi realizada por ele Alfredo, ajudado por alguns indigentes que haviam tido alta de manicômios e com alguns dos asilados, organizou um mutirão e dessa forma o muro foi construído” (p.2-3).

Em 1921, a Câmara Municipal concedeu subvenção de 1:200\$000 ao Asilo. No entanto, esse valor se alterou a cada ano.

Ainda em março de 1921, o presidente Manuel da Silva Carneiro mudou-se para a cidade de Assis, sendo substituído por João Baptista Simões. Nesse ano, o senhor Alfredo Porto foi nomeado diretor do asilo, uma vez que era preciso que alguém estivesse *“a testa de todo movimento (...) devida a impossibilidade de nenhum dos membros da Directoria poder tomar a si esse cargo”¹⁶.*

Alfredo Porto era cunhado de Padre Euclides e permaneceu na

¹⁵ Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1920, p. 4.

¹⁶ Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, Relatório da Directoria, do anno social de 20 de Janeiro de 1921 a 20 de Janeiro de 1922, p.2.

direção do Asilo até 1968. No ano de 1923 passou a residir na casa da administração do asilo. Sua esposa Clotilde faleceu no ano de 1967 e ele, a partir de então, passou a ter a saúde comprometida:

“Em 1967, falecia essa distinta dama, deixando grata saudade pelo bem dedicado aos velhinhos, que tanto amava. Logo depois da sua morte, o nosso Alfredo começou enfraquecer-se e ter dificuldade de andar, além de ter sido acometido dos males da bexiga, próstata e reumatismo, teve de usar cadeira de rodas” (Sampaio, 1983, p.4).

Faleceu em 02 de maio de 1969 aos 85 anos:

“Alfredo Porto foi um cidadão prestativo, muito estimado e respeitado na vida social e artística da cidade. Além de ocupar o cargo de Diretor Geral do então Asilo Padre Euclides, tinha também igual cargo na Sociedade Legião Brasileira de Cultura e Civismo. Pertenceu ao corpo de jurados da Comarca. Também ocupou, muitas vezes a presidência de Mesa Eleitoral. Ocupou durante muitos anos o honroso e elevado cargo de Juiz de Paz. Teve a seu lado a constante presença da sua dedicada esposa, D. Clotilde Carneiro Porto que com carinho cuidava dos asilados enfermos e consolava os aflitos” (op.cit., p.3-4).

Seu corpo foi velado na Capela do Asilo e enterrado no Cemitério Municipal.

No ano de 1922, o nome da instituição foi modificado de “Asylo de Mendicidade” para “Asylo Padre Euclides” pois esta deveria ter “(...) o nome do seu benemerito fundador, daquelle a quem Ribeirão Preto deve immorredoura gratidão, prestando-se assim uma pallida homenagem ao grande sacerdote”¹⁷.

A denominação “Lar Padre Euclides” passou a ser utilizada apenas a partir do ano de 1979.

¹⁷ Asylo Padre Euclides, Relatório da Directoria apresentado em sessão ordinária, realizada em 20 de Janeiro de 1923, p.1.

A partir do início do funcionamento do asilo no ano de 1921, com a preparação de parte do terreno para o cultivo de hortaliças, árvores frutíferas e cereais, além dos espaços para a criação de animais, os resultados desse investimento já podiam ser vistos. Nesse ano houveram a colheita de dois carros de milho e 6 sacos de feijão. Além disso, a horta forneceu:

“(...) verdura em abundancia, para o gasto e alguma sobra para vender; a criação de aves, que fizemos regularmente, tem dado para os asylados e mesmo para venda; abatemos 3 porcos creados no Asylo e que deram 153 kilos de gordura derretida e actualmente temos diversos”¹⁸.

Depois da colheita, plantou-se milho numa extensão de dois alqueires, mas *“infelizmente a terra não se presta para o cultivo de cereaes, o que conseguimos della foi a custa de muito esterco”¹⁹.*

Em 1922, o cultivo do milho foi mantido e foram colhidos 5 carros. Outras árvores frutíferas foram plantadas, incluindo 100 bananeiras.

Nesse ano, os asilados começaram a receber dinheiro pelas atividades desempenhadas, uma vez que *“Na verba despendida com empregados, está incluída a gratificação que fazemos mensalmente aos asylados que trabalham na horta, pomar, lavoura e para as encarregadas da lavagem de roupas, etc”²⁰.*

¹⁸ Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, Relatório da Directoria, do anno social de 20 de Janeiro de 1921 a 20 de Janeiro de 1922, p.2.

¹⁹ Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, Relatório da Directoria, do anno social de 20 de Janeiro de 1921 a 20 de Janeiro de 1922, p.2.

²⁰ Asylo Padre Euclides, Relatório da Directoria apresentado em sessão ordinaria, realizada no dia 20 de Janeiro de 1923 e aprovado em Sessão de 28 do mesmo mez, p.2.

Figura 21 - Assistido trabalhando no Asilo Padre Euclides

Em 1923, a terra continuou a ser melhorada e a colheita de milho rendeu 10 carros. Após a conclusão da casa da administração, outros melhoramentos foram feitos para ampliar o trabalho no asilo:

“(...) fizemos ainda um paiol de madeira coberto de telhas francezas com capacidade para 29 carros de milho; um galinheiro coberto de telhas francezas com tela de arame e madeira; um galpão para deposito com 50 metros quadrados”²¹.

Em 1925, outras plantações foram feitas e a colheita de milho rendeu 11 carros. Este era usado para alimentar a criação de porcos que *“muito auxiliaram as despesas com a alimentação”*. Além disto: *“Com os serviços dos asylados fizemos ainda diversas plantações de cereaes, assim como mantivemos uma horta que dá para o custeio do Asylo, não sendo necessario comprar-se verduras”²².*

²¹ Asylo Padre Euclides, Relatorio da Directoria apresentado em sessã ordinaria, realizada no dia 20 de Janeiro de 1923 e aprovado em Sessão de 28 do mesmo mez, p.3.

²² Asylo Padre Euclides, Relatorio do anno 1925-1926, apresentado em sessão de 20 de Janeiro de 1926, p.2.

Figura 22 - Horta do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

No ano de 1926, o trabalho dos asilados continuou a ser ressaltado, principalmente no plantio e colheita do milho e na horticultura:

“Continuamos a manter as nossas plantações tendo feito muito bôa colheita de milho, e a horta de verduras tem dado para a manutenção dos nossos pobres. Todos esses serviços são feitos pelos asylados que estão em condições de trabalhar”²³.

Em 1927, iniciou-se um novo empreendimento no asilo: o cultivo de flores. Em frente a sede da instituição pretendia-se instalar uma floricultura que além de *“trazer mais uma fonte de renda”*, serviria para *“embelezar a sua fachada”*. Para tanto, vários melhoramentos foram feitos incluindo a preparação de uma área de 50/100 metros, a construção de uma cisterna, a aquisição de mudas da *“antiga chacara Flora”* e a contratação de um profissional para supervisionar as atividades. Os resultados desse investimento estavam sendo aguardados para o mês de maio daquele ano, uma vez que:

“é um ramo da agricultura muito lucrativo, e o local oferece vantagem de sobra aos consumidores de flores, pois estando o Asylo proximo ao cemiterio, torna-se muito facil a aquisição de flores para as pessoas que alli vão”²⁴.

²³ Asylo Padre Euclides, Relatório do anno social 1926-1927, apresentado em sessão de 27 de Janeiro de 1927, p.2.

²⁴ Asylo Padre Euclides, Relatório do anno social 1927-1928, apresentado e lido em sessão de 20 de Janeiro de 1928 e aprovado em sessão realizada em 29 do mesmo mez, p.1.

Também em 1927, deu-se início a outro empreendimento: a criação do bicho da seda. Para isto, foram plantadas 2000 amoreiras, fornecidas pelas Industrias de Seda Nacional de Campinas.

O envolvimento dos asilados nas atividades produtivas desse ano renderam bons resultados:

“Apezar de ter corrido mal o anno com a grande secco, ainda assim esperamos colher em nossos terrenos cerca de 8 carros de milho, além de grande quantidade de mandiocas. Temos dois pomares já formados, com cerca de 200 pés de diversas arvores fructíferas. A nossa horta tem dado para fornecimento do Asylo, o que representa uma economia de 300\$000 mensaes. Colhemos para mais de 100 kilos de uva, e cerca de 400 abacaxis”²⁵.

Em 1928, já se comentava acerca dos lucros com a Floricultura e foi concluída a construção de uma grande cobertura para abrigar os animais.

O relatório do ano de 1930 é ricamente ilustrado por fotografias e aquelas relacionadas às atividades produtivas, nos permitem visualizar os trabalhos realizados no asilo.

Figura 23 - Capa do Relatório de 1930

²⁵ Asylo Padre Euclides, Retatorio do anno social 1927-1928, apresentado e lido em sessão de 20 de Janeiro de 1928 e aprovado em sessão realizada em 29 do mesmo mez, p.2.

A diretoria desse ano justificava que:

“No seu funcionamento normal, o Asylo Padre Euclides tem procurado resolver os seus problemas de economia interna, fazendo cultivar a vasta area onde está situada e promovendo a criação de animaes domesticos, não só para seu consumo interno como para fonte de renda”²⁶.

Nesse documento, cada atividade desenvolvida pelos asilados está descrita e ilustrada.

A horticultura, iniciada em 1919, produzia “(...) mudas em geral, plantas ornamentais e frutíferas, encarregando-se ainda de confecção de coroas, corbelhas e installações de jardins”.

Figura 24 - Foto da Horticultura inclusa no Relatório de 1930

²⁶ O que é o Asylo Padre Euclides, Relatório do ano social 1930-1931, p.6.

Na sede da Legião Brasileira, à esquina das ruas Visconde de Inhaúma e São Sebastião, o Asilo manteve por vários anos uma floricultura, que além de fornecer renda, era um local onde esse trabalho podia ser demonstrado.

Figura 25 - Foto da Floricultura inclusa no Relatório de 1930

Em 1930, a apicultura foi iniciada, possuindo o Asilo 30 enxames de abelhas italianas, criadas em “colmeias de systema ‘americano’ e ‘schenk’” “feitas em oficina própria.

Figura 26 - Foto de atividades desenvolvidas no Asilo inclusa no Relatório de 1930

A criação de porcos da raça Piau, foi mantida, tendo-se abatido diversas vezes “porcos com 15 arrobas”.

Figura 27 - Criação de porcos do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

Figura 28 - Foto da criação de porcos no Asilo inclusa no Relatório de 1930

Em 1930, o asilo continuava a produzir milho, além de mandioca e batata, plantados numa área de 2 alqueires. Possuía dois pomares, com aproximadamente 500 árvores.

Na oficina, mantinha instrumentos de trabalho para ferreiro e carpinteiro, e na casa das máquinas haviam instalados um moinho de fubá, um moinho de café e uma serra circular.

Figura 29 - Foto da casa das máquinas do Asilo inclusa no Relatório de 1930

Nesse ano, a diretoria definia um “ordenado” aos asilados que trabalhavam, variando de 1\$ a 5\$ mensais.

A criação do bicho da seda foi mantida, e em 1931 a diretoria registrava que mesmo “*trabalhosa e difícil devido a peste a que está sujeita*”, tal criação rendeu 1:600\$000.

Figura 30 - Criação do Bicho da Seda no Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

A criação de porcos foi intensificada e foram plantadas 500 mudas de laranjeiras.

Figura 31 - Posto de venda de laranjas no Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

Em 1933, a horticultura foi arrendada, uma vez que não houve produção, apenas despesas com essa atividade. A criação de porcos, por outro lado, era cuidada com muito entusiasmo, incluindo a venda de casais e o envio desses para Curitiba, atendendo a solicitação de um comprador.

Um novo paiol, com capacidade para 30 carros de milho foi construído em 1933. Também foi construída uma casa com quatro cômodos para residência do “*representante do locatario da horticultura*”. Nesse ano, foi feito um rebaixamento no terreno onde se localizava a criação de porcos, evitando o lamaçal que se fazia nos dias de chuva.

Em 1934 dava-se continuidade a criação do bicho da seda e no relatório desse ano incluiu-se um pequeno anúncio referente a criação de porcos:

*“Porcos Piau
A melhor raça nacional
Peso de 9 a 20 arrobas
Não estão sujeitos a peste
3 meses de ceva
Mais de 100 casaes vendidos
Pedidos e informações para o Asylo Padre Euclides”²⁷.*

Nos anos seguintes, a sericultura e o arrendamento da horticultura, incluindo o aluguel da floricultura da Avenida Saudade continuavam a dar rendimentos.

Em 1939 foram adquiridas novas ferramentas para a carpintaria, uma plaina e uma desempenadeira, ficando esta completa e habilitada para executar qualquer serviço. Tais melhoramentos foram notícia no jornal local, trazendo uma foto do interior da oficina.

Figura 32 - Vista da nova oficina. **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 5 mar 1939, p.5

²⁷ Asylo Padre Euclides, Relatório da directoria do anno social 1934-1935, aprovado em assembléa realizada em 27 de janeiro de 1935..

As casinhas para moradia dos asilados e os espaços para as atividades produtivas foram constituindo a “villa”.

Figura 33 - Foto aérea do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

No entanto, ainda na década de 1920, as diretorias se preocupavam com outro aspecto da vida no asilo que se tratava do exercício da religiosidade.

Em 1922, a diretoria relatava estar promovendo aos asilados “o maior conforto possível (...) celebrando no Asylo actos religiosos”. Os assistidos “(...) são todos catholicos” e “(...) receberam comunhão e assistiram a missa celebrada pelos missionarios, por ocasião das missões pregadas nesta cidade”²⁸.

²⁸ Asylo Padre Euclides, Relatório da Diretoria apresentado em sessão ordinária, realizada no dia 20 de Janeiro de 1923 e aprovado em Sessão de 28 do mesmo mez, p.2.

Finalmente, em 7 de setembro de 1930 foi lançada a pedra fundamental da construção da Capela de Nossa Senhora Aparecida no Asilo. O relatório desse ano traz uma ilustração da frente da capela que, para sua edificação, contava com a contribuição dos fiéis:

“Será uma construção muito elegante, medindo 12 por 7 metros com altura de 15 metros a sua torre. Feita essa capella, terão os velhinhos esse conforto espiritual (...) As obras dessa capella estão orçadas em 30:000\$000”²⁹.

Figura 34 - Planta da Capela de Nossa Senhora Aparecida do Asilo Padre Euclides, inclusa no Relatório de 1930

²⁹ O que é o Asylo Padre Euclides, Relatório do ano social 1930-1931.

Nessa ocasião, foi realizada a primeira procissão em louvor a Nossa Senhora Aparecida, com grande participação da população.

Figura 35 - Primeira procissão em louvor a Nossa Senhora realizada pelo Asilo Padre Euclides em 7 de setembro de 1930

Posteriormente, em 1931 com o adiantamento das obras da capela, foi realizada a primeira missa:

“Em 7 de setembro fizemos celebrar alli a primeira missa, tendo por essa ocasião o Exmo. e Rev. Conego Dr. Francisco de Assis Barros, illustre Cura da Cathedral, produzindo uma bella alocução não só sobre as vantagens da construcção dessa Capella, como tambem sobre o dia que era escolhido para a primeira missa em honra á excelsa padroeira do Brasil”³⁰.

A capela foi inaugurada em 8 de dezembro de 1932, ocasião de muitas *“festividades religiosas, tendo havido leilões, ladainhas e procissão no ultimo dia”*. A capela era:

“(...) uma obra de grande valor e que muito recommenda o adiantamento espiritual e material dos habitantes de Ribeirão

³⁰ Asylo Padre Euclides, Relatorio da directoria, apresentado em sessão de 20 de janeiro de 1932, p.2.

*Preto. A obra edificada com toda segurança, o seu aspecto é magnífico e a sua construção vem aumentar o patrimonio das grandes obras edificadas em Ribeirão Preto*³¹.

Figura 36 - Capela de Nossa Senhora Aparecida do Asilo Padre Euclides de Ribeirão Preto

A partir desse ano, missas realizadas pelos padres Agostinianos da Igreja São José passaram a ser celebradas sempre aos domingos, gozando a capela de *“um grande movimento de fiéis”*. A procissão em louvor a Nossa Senhora tornou-se uma tradição, sendo realizada anualmente.

³¹ Relatório da directoria do anno social 1932-1933, apresentado em sessão de 20 de janeiro de 1933.

Devido ao grande número de fiéis que passaram a frequentar a Capela de Nossa Senhora, em 1952 o arquiteto Antonio Terreri iniciou estudos para a ampliação de sua frente e em março de 1954 esta foi concluída.

As festas em torno de Nossa Senhora deram um impulso à realização das quermesses do Asilo Padre Euclides, que se transformaram em uma importante fonte de renda para a instituição.

Anualmente, esse evento contava com a participação de um grande número de pessoas e a partir de 1934, o parque de diversões construído especialmente para esse fim, passou a contar com uma nova atração: a Mogianinha. Tratava-se de um trem que percorria um trilho por toda a extensão do terreno do asilo e que alcançava elevado lucro nos balancetes desse evento. A Mogianinha funcionou por vários anos e atualmente sua locomotiva encontra-se no jardim da Capela do Asilo.

Figura 37 - A Mogianinha no jardim da Capela de Nossa Senhora Aparecida

A cada ano, pessoas da comunidade se responsabilizavam pela promoção da quermesse, especialmente os funcionários do Banco Construtor, que por muitos anos trabalharam para o sucesso desta.

Figura 38 - Os promotores da quermesse em 7 de julho de 1940

Uma notícia não datada do jornal **A Cidade** encontrada no Lar Padre Euclides nos mostra a importância desse evento, trazendo uma foto de Aristides e Matos para a recordação dos leitores:

“Quem não se lembra desta sensacional quermesse do Asilo Padre Euclides? De 1930, aproximadamente, quando a Avenida Saudade era dividida, tendo no meio o tradicional caramanchão ... tendo as barracas comandadas pelos funcionários do antigo Banco Construtor ... todas as noites uma multidão invadia o imenso pátio, sendo que uma das maiores atrações era o famoso trenzinho...”

Figura 39 - Foto da quermesse de 1930 no jornal **A Cidade**

Outra notícia do jornal **Diário da Manhã** em 12 de setembro de 1943, dá destaque ao evento e traz uma foto da Mogianinha em funcionamento:

“Ribeirão Preto contribue eficazmente, em favor da obra de amparo aos velhinhos internados no Asilo “Padre Euclides”. Essa contribuição torna-se tanto mais efetiva por ocasião dos festejos anuais do Asilo, em louvor da padroeira do Brasil. Assim, pois, justifica-se o êxito com que se reveste a quermesse que ali presentemente efetua. Os festejos recreativos de hoje, que serão dos mais concorridos, estão a cargo da Associação Aero-Pecuária do Vale do Rio Pardo, que os patrocinará. Amanhã, segunda-feira, a função da quermesse será patrocinada pelos professores de Ribeirão Preto”³².

³² **Diário da Manhã**, 12 set 1943, ano XLVI, n.14267, p.8.

Figura 40 - A “Mogianinha” em pleno funcionamento no recinto do Asilo Padre Euclides

As quermesses promovidas pelo asilo ganharam grandes proporções, principalmente no retorno financeiro que garantia a manutenção da instituição.

A partir da década de 1940, as atividades produtivas mais rentáveis foram intensificadas, como a criação do bicho da seda e os trabalhos de carpintaria. No entanto, os investimentos no plantio de cereais e flores foram diminuindo, até que em 1951 a diretoria optou por vender o terreno destinado a tais atividades. Tratava-se de um terreno no fundo do asilo com 55.880 metros quadrados, onde o cultivo tornara-se difícil e dispendioso.

4. OS “VERDADEIRAMENTE NECESSITADOS”

Descrição das características e apreensão das idéias acerca dos assistidos

Considerando os objetivos iniciais do Asilo de abrigar os mendigos de qualquer idade, e observando a realidade atual dos idosos no Lar, tornou-se inevitável perguntar-nos acerca de como teria ocorrido esse processo de transição no tipo de clientela atendida. Quem foram os primeiros residentes da “*villa*”? Que fatores teriam influenciado essa mudança? Quais as idéias acerca dos assistidos, sendo eles mendigos, crianças ou velhos?

Na busca de respostas para tais indagações, foram realizados dois procedimentos metodológicos. Primeiramente, sistematizamos e analisamos as informações contidas nos relatórios referentes ao movimento de entrada e saída de pessoas no Asilo do período de 1920 a 1956¹. Gradativamente, tais

¹ Tais informações estão ausentes para os anos de 1924 e 1929, uma vez que não encontramos os relatórios correspondentes.

informações foram sendo ampliadas nas suas categorias descritivas, incluindo progressivamente o sexo, o estado de saúde, a nacionalidade e a idade dos assistidos². Posteriormente, realizamos o levantamento e a análise dos termos e expressões usadas para designar os assistidos, nos relatórios do período de 1919 a 1956³.

No período de 1920 a 1956, foi registrado nos relatórios anuais, o número de pessoas que “entraram”, “saíram”, “faleceram” e “existem”. Tais informações referiam-se especificamente ao movimento assim caracterizado em cada ano, não havendo indicações de relações entre elas, o que não nos permitiu identificar “quem” saía ou falecia a cada ano, ou ainda, por exemplo, qual o tempo de permanência daqueles que entraram num determinado ano. A partir do ano de 1923, os “existem” foram discriminados entre “homens” e “mulheres”.

O número de pessoas em cada categoria e a porcentagem de homens e mulheres em cada ano estão apresentados na TABELA 1 - Movimento de pessoas no Asilo Padre Euclides no período de 1920 a 1956 (anexo).

O comportamento do movimento de pessoas em cada categoria pode ser melhor observado na Figura 41 - Movimento de pessoas no Asilo Padre Euclides nos anos de 1920 a 1956.

O comportamento da proporção entre homens e mulheres no período estudado pode ser melhor observado na Figura 42 - Porcentagem de homens e mulheres existentes no Asilo Padre Euclides no período de 1923 a 1956.

² As categorias citadas ao longo dessa análise foram mantidas conforme se apresentaram nos documentos.

³ Idem.

Figura 41 - Movimento de pessoas no Asilo Padre Euclides no período de 1920 a 1956

Figura 42 - Porcentagem de homens e mulheres existentes no Asilo Padre Euclides no período de 1923 a 1956

Na Figura 41, observa-se que no período de 1920 a 1923, o número de pessoas existentes no Asilo aumentou progressivamente a cada ano, sem atingir no entanto a sua capacidade máxima de assistir a 100 pessoas. Nesse período foram atendidas em média 49 pessoas. Em 1922, incluía-se entre os existentes, duas crianças: *“(...) uma, filha de uma das asyladas e a outra foi entregue pela policia por ser orphã. Os dois menores já estão em idade escolar, por isso vamos providenciar para a sua frequencia em um dos nossos grupos escolares”*⁴. No período de 1925 a 1928, observa-se o aumento do número de existentes a cada ano, cuja média foi de 90,5 pessoas.

Tal evolução, foi acompanhada na década de 1920 pelo aumento progressivo do número de pessoas que entravam a cada ano, cujas médias foram de 65 “entradas” no período de 1920 a 1923 e 94,2 “entradas” no período de 1925 a 1928, e pelo aumento do número de pessoas que saiam, cujas médias para os mesmos períodos foram de 44,2 e 81,5 “saídas”, respectivamente.

No período de 1930 a 1932, foram atendidas em média 80 pessoas, observando-se assim uma queda da média de “existentes” em relação ao período precedente (1925-1928). Concomitantemente, a média de entrada foi de 49 pessoas e de saída de 40 pessoas.

Nos anos de 1933 a 1934, a média de “existentes” foi de 99,5 pessoas e a média de “entradas” e “saídas” foi de 73,5 e 50,5 pessoas, respectivamente.

⁴ Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, Relatório da Directoria, do anno social de 20 de Janeiro de 1921 a 20 de Janeiro de 1922, p.1.

No período de 1935 a 1941, a média dos “existem” foi de 93,4 pessoas, mantendo-se próxima da média do período anteriormente citado. Observa-se, no entanto, o decréscimo nas médias de pessoas que entraram (45,7) e saíram (37,8).

No período de 1942 a 1956, a média dos existentes foi de 97,6 pessoas, acentuando-se paralelamente o decréscimo nas médias de entrada e saída de pessoas, sendo 27,5 e 22,7 respectivamente.

O número de pessoas que faleciam a cada ano no Asilo variou ao longo do período estudado, entre duas pessoas nos anos de 1920, 1926 e 1940 a quinze pessoas no ano de 1930. A diretoria do ano de 1923, preocupava-se com essa questão e colocava como prioridade para o próximo ano a construção de um espaço para o cuidado dos mortos:

“(...) um comodo para o necroterio, para assim sanar o grande mal que ha sempre que fallece o asylado por ter que ficar exposto em suas casas, acarretando á direcção do Asylo bastante inconveniencia. Calculo que com 600\$000 faremos essa obra”⁵.

De modo geral, destacam-se três momentos distintos na evolução do movimento de pessoas no Asilo, durante o período estudado. Na década de 1920, observa-se o aumento progressivo no número de pessoas existentes na instituição, acompanhado do aumento na frequência de pessoas que entraram e saíram. Até meados da década de 1930, o total de existentes a cada ano apresentou-se mais oscilante, com frequência menor de entradas e saídas. A partir de 1935, observou-se a queda do movimento de entrada e saída de pessoas e o total de existentes a cada ano se

⁵ Relatório referente ao ano de 1923, p.3.

estabilizou em torno da capacidade máxima de atendimento da instituição.

Quanto a discriminação dos existentes segundo o sexo, iniciada em 1923, observa-se na Figura 42 que, no período de 1923 a 1927, houve pouca diferença proporcional entre homens e mulheres existentes, cujos percentuais médios foram de 56,7% e 43,3% respectivamente.

No período de 1928 a 1942, os percentuais médios se diferenciaram mais significativamente, tendo sido de 65,1% para homens e 34,9% para mulheres.

No entanto, no período de 1943 a 1956 tal diferença se reduz, sendo os percentuais médios de 57,3% para homens e 42,7% para mulheres.

Figura 43 - Asilados do Asilo Padre Euclides; Ao centro Padre Euclides, Prefeito Fábio Barreto e D. Dulce Costa (década de 1940)

A referência ao estado de saúde dos existentes em cada ano segundo as categorias “aleijados”, “cegos”, “idiotas”, “mentecaptos”, “mudos”, “paralíticos” e “inválidos para o trabalho regular”, iniciou-se em 1923. No período de 1930 a 1943, consta-se a proporção de homens e mulheres em cada categoria.

Tais informações estão apresentadas na TABELA 2 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides segundo estado de saúde e sexo no período de 1923 a 1943 (anexo).

A evolução da distribuição (em porcentagem) dos existentes por categorias de estado de saúde pode ser melhor observada na Figura 44 - Distribuição do estado de saúde dos existentes (porcentagem) no Asilo Padre Euclides no período de 1923 a 1943.

Figura 44 - Distribuição do estado de saúde dos existentes (porcentagem) no Asilo Padre Euclides no período de 1923 a 1943

Na Figura 44, nota-se que a categoria que apresentou percentuais mais elevados no período estudado foi aquela denominada “inválidos para o trabalho regular” (percentual médio de 66,2%), ou ainda *“inválidos por velhice, ainda aproveitáveis para trabalhos fáceis”*, conforme consta no relatório referente à 1925. Devido a isto, a análise da distribuição dos existentes segundo o estado de saúde, foi realizada levando-se em conta dois grupos: os “inválidos para o trabalho regular” e o conjunto dos existentes nas demais categorias. Nos anos de 1923 a 1925, a categoria “inválidos para o trabalho regular” atingiu percentual médio de 71,2% de existentes, enquanto que no período de 1926 a 1934, o percentual médio da mesma diminuiu para 57,7%. No período de 1935 a 1943, o percentual médio voltou a se elevar para 72,4% de existentes.

No período de 1923 a 1930, observam-se maiores proporções de “aleijados” (percentual médio de 11,8%) e “cegos” (percentual médio de 13,9%) e menores proporções de “mentecaptos” (6%), “paralíticos” (4,1%) e “mudos” (4,7%).

No ano de 1928, cita-se pela primeira vez, a categoria “idiotas”. Na descrição e análise dos dados referentes ao estado de saúde dos existentes nos anos seguintes, consideramos como sinônimos os termos “mentecaptos” e “idiotas”, por fazerem referência a uma condição de saúde mental.

No período de 1931 a 1935, observa-se relativa manutenção dos percentuais médios das categorias “aleijados” (8,8%), “cegos” (9,8%), “mentecaptos” (6,4%) e “mudos” (6%), em relação ao período anterior (1923-1930) e elevação do percentual médio de “paralíticos” para 9,8%.

No período de 1936 a 1943, observa-se percentuais médios menos elevados para “aleijados” (5,6%) e “cegos” (4,8%), quando comparados com os períodos anteriormente destacados (1923-1930 e 1931-1935). O percentual médio de “paralíticos” (5,2% dos existentes) se reduz em relação ao período de 1931 a 1935 e se aproxima daquele relativo ao período de 1923 a 1930. No entanto, observa-se maior número de “mentecaptos”, cujo percentual médio foi de 13%.

Figura 45 - Os velhinhos do Asilo Padre Euclides; **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 22 set 1946, ano XLIX, n. 15080, p.4

No período de 1930 a 1943, consta nos relatórios a proporção de homens e mulheres existentes a cada ano nas categorias de estado de saúde. Tal distribuição pode ser melhor observada na Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943. A partir da figura, foram destacados na análise dois períodos: primeiro período (1930 a 1934) e segundo período (1935 a 1943).

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

Figura 46 - Distribuição da proporção de homens e mulheres segundo o estado de saúde no período de 1930 a 1943

No período de 1930 a 1934, a categoria “inválidos para o trabalho regular” atingiu percentual médio de 55,8%, sendo os percentuais médios para homens e mulheres de 42,7% e 13,1%, respectivamente. Já entre 1935 e 1943, tal categoria apresentou percentual médio de 72,4% entre os existentes, sendo o mesmo de 46% para homens e 26,4% para mulheres.

Tal movimento foi acompanhado no primeiro período (1930-1934), de uma distribuição mais equilibrada de homens e mulheres nas demais categorias de saúde. Os percentuais médios destes respectivamente foram: “aleijados” (4,9%; 4,9%), “cegos” (7,6%; 3,8%), “mentecaptos” ou “idiotas” (3,8%; 2,9%), “mudos” (3,6%; 2,3%) e paráliticos (5,8%; 4,4%).

No período seguinte (1935-1943), a distribuição de mulheres existentes nas categorias de saúde citadas acima, foi menor que a distribuição de homens. Os percentuais médios para ambos, respectivamente, foram: “aleijados” (4,3%; 1%), “cegos” (5,3%; 0,7%), “mentecaptos” ou “idiotas” (8,8%; 2,8%), “mudos” (0%; 0%) e paráliticos (3,5%; 1,7%).

Conclui-se que, no período de 1935 a 1943, as mulheres existentes encontravam-se em melhores condições de saúde que os homens, quando compara-se tal relação no período precedente (1930-1934).

Figura 47 - Os velhinhos do Asilo Padre Euclides; **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 22 set 1946, ano XLIX, n. 15080, p.4

No período de 1928 a 1943, os relatórios referem-se à idade dos existentes a cada ano. Entre os anos de 1930 e 1934, foi distribuído em cada categoria etária o número de homens e mulheres existentes. Tais dados estão

apresentados na TABELA 3 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides segundo categorias etárias e sexo no período de 1928 a 1943 (anexo). Observa-se que no ano de 1928, há referência ao número de existentes com “até 17 anos” (20,7%). Nos anos subsequentes, tal categoria parece ter sido substituída ou incluída entre os existentes com “até 40 anos”.

A distribuição do percentual de existentes por categoria etária, segundo constam nos relatórios, pode ser melhor observada na Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943.

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

Figura 48 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides (porcentagem) por categorias etárias no período de 1928 a 1943

A partir da figura, destacamos dois períodos distintos no movimento da distribuição dos existentes nas categorias etárias: primeiro período (1928 a 1938) e segundo período (1939 a 1943).

No primeiro período, predominam os existentes com idades entre “50 a 60 anos” (percentual médio de 28,4%) e “60 a 70 anos” (percentual médio de 27,4%). As demais categorias apresentaram os seguintes percentuais médios: “até 40 anos” (8%); “de 40 a 50 anos” (15,7%), “de 70 a 80 anos” (14,6%), e “mais de 80 anos” (5,9%).

No segundo período, predominam os existentes com idades entre “60 a 70 anos” (percentual médio de 27,4%) e “70 a 80 anos” (percentual médio de 31,8%). As demais categorias apresentaram os seguintes percentuais médios: “até 40 anos” (0,6%); “de 40 a 50 anos” (8,4%); “de 50 a 60 anos” (16,8%) e “mais de 80 anos” (14,9%).

Ao longo do período de 1928 a 1943, observou-se a partir da análise, a progressiva predominância entre os existentes de pessoas com idades mais avançadas.

Figura 49 - Os velhinhos do Asilo Padre Euclides; **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 22 set 1946, ano XLIX, n. 15080, p.4

No período de 1925 a 1956, consta nos relatórios anuais a referência a nacionalidade dos existentes, sendo que no período de 1930 a 1943 é dada a proporção de homens e mulheres nessa categoria, conforme a TABELA 4 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides segundo nacionalidade e sexo no período de 1925 a 1956 (anexo).

O movimento da distribuição da nacionalidade dos existentes nas categorias “brasileiros”, “italianos”, “espanhóis”, “portugueses”, “alemães”, “austriacos” e “outras nacionalidades”, pode ser observado na Figura 50 - Distribuição da nacionalidade dos existentes (porcentagem) no Asilo Padre Euclides no período de 1925 a 1956.

Figura 50 - Distribuição da nacionalidade dos existentes (porcentagem) no Asilo Padre Euclides no período de 1925 a 1956

Em linhas gerais, podemos observar no período estudado, percentuais médios mais elevados entre “brasileiros” (42%) e “italianos” (41%). Depois, seguem-se os percentuais médios para “portugueses” (10,2%) e “espanhóis” (8,9%) e finalmente os percentuais médios para “outras nacionalidades” (5,2%), “alemães” (0,6%) e “austriacos” (0,1%).

Na análise da distribuição de “brasileiros” e “italianos”, destacamos três momentos. No período de 1925 a 1935, os percentuais médios para tais categorias são respectivamente (35,8%) e (39%). No período de 1935 a 1951, os mesmos são (42,3%) e (34%). E no período de 1952 a 1956, os percentuais médios para “brasileiros” e “italianos” são

respectivamente (52%) e (20,6%). Nota-se que a distribuição dos existentes na categoria "brasileiros" aumentou progressivamente ao longo do período estudado, enquanto houve um decréscimo entre os existentes "italianos".

Quanto à distribuição dos existentes na categoria "portugueses", destacamos dois períodos: (1925 a 1950) e (1951 a 1956). No primeiro período, tal categoria apresentou percentual médio de (8,9%), enquanto que no segundo, tal percentual médio foi de (15,8%). Observa-se assim, um aumento na distribuição de "portugueses" nos últimos 6 anos destacados.

A evolução da distribuição dos existentes "espanhóis", pode ser analisada em três momentos. No período de 1925 a 1938, tal categoria atingiu percentual médio de (8%). No período de 1939 a 1948, tal percentual médio foi de (11,2%). No período de 1949 a 1956, o percentual médio dos existentes "espanhóis" foi de (7,5%). A distribuição de "espanhóis" foi mais expressiva entre os anos de 1939 e 1948.

A distribuição dos existentes entre as "outras nacionalidades", assim caracterizada nos relatórios, manteve-se oscilante em torno do percentual médio de 5,2% ao longo do período.

Os existentes "austríacos" estiveram distribuídos nos anos de 1926 e 1927, com percentuais de 1,1% e 2,1%, respectivamente.

Os existentes "alemães" estiveram distribuídos entre os anos de 1932 a 1935, com percentual médio de 5%.

Em linhas gerais, houve entre os existentes no período de 1925 a 1956 a predominância de "brasileiros" e "italianos".

* * *

Em relação ao levantamento e análise dos termos e expressões utilizadas nos relatórios, prevaleceu, durante todo o período, o uso da expressão “Pobreza Desvalida”, designando o objeto para o qual se voltava a finalidade da instituição. Os assistidos nessa situação eram designados “pobres”, “necessitados”, “inválidos”, “velhos” e “velhinhos”, conforme demonstra a TABELA 5 - Termos e expressões utilizados para designar os assistidos nos relatórios do período de 1919 a 1956, a seguir.

TABELA 5 - Termos e expressões utilizados para designar os assistidos nos relatórios do período de 1919 a 1956

ANO	TERMOS E EXPRESSÕES
1919	Pobrezinho; Pobre; Asilado; Mendigo
1920	Asilado; Mendigo
1921	Pobreza Desvalida; Pobre; Mendigo; Asilado
1922	Pobreza Desvalida; Pobre; Pobre Desventurado; Asilado; Indigente Pobre
1923	Pobreza Desvalida; Pobre; Asilado; Nosso Doente; Internado; Verdadeiramente Necessitado
1925	Desvalido; Pobre; Asilado; Nosso Pobre
1926	Desvalido; Nosso Pobre; Necessitado; Asilado; Velhice Desprotegida
1927	Pobre; Asilado; Velhice Desamparada
1928	Pobreza Desvalida; Asilado; Velho; Verdadeiro Necessitado
1930	Pobreza Desvalida; Pobre; Nosso Pobre; Asilado; Necessitado; Velhinho; Nosso Velhinho; Mendigo; Inválido; Desvalido da Sorte
1931	Inválido; Necessitado; Asilado; Velhinho
1932	Asilado; Velhinho; Velhinho Desamparado
1933	Velhice Desamparada; Mendigo Realmente Necessitado; Asilado
1934	Pobreza Desvalida; Asilado; Velhinho
1935	Pobreza Desvalida; Desprotegidos da Sorte; Necessitado; Verdadeiramente Necessitado; Velhinhos
1936	Velhice Desamparada; Inválido; Necessitado; Asilado; Realmente Necessitado
1937	Pobre; Invalido; Velhice Desprotegida; Verdadeiramente Necessitado; Asilado
1938	Pobreza Desvalida; Necessitado; Indigente; Asilado; Velhinho
1939	Velhice Desprotegida da Sorte; Asilado
1940	Pobreza Desvalida; Pobre; Asilado; Nosso Velhinho; Aquele que a sorte abandonou
1941	Inválido; Asilado; Necessitado
1942	Inválido; Velhice Desprotegida da Sorte; Mendigo verdadeiramente necessitado
1943	Infortunado da Sorte; Asilado; Velhinho
1944	Inválido; Necessitado; Asilado; Velhinho
1945	Pobreza Desvalida; Asilado
1946	Asilado
1947	Desprotegido da Sorte; Necessitado; Verdadeiramente Necessitado; Asilado; Velhice Inválida; Nosso Velhinho; Velhinho
1948	Pobreza Desvalida; Velhice Desamparada; Necessitado; Asilado
1949	Necessitado; Asilado; Nosso Velhinho
1950	Inválido; Necessitado na Velhice; Velhinho; Asilado
1951	Desvalido; Necessitado; Verdadeiramente Necessitado; Velhice Desamparada
1952	Pobreza Desvalida; Necessitado; Desamparado; Desvalido; Asilado
1953	Pobreza Desvalida; Desvalido; Asilado
1954	Asilado; Nosso Internado
1955	Desprotegido da Sorte; Asilado
1956	Desvalido da Sorte; Verdadeiro Desprotegido da Sorte; Asilado

Os termos “velhice desprotegida”, “velhice desamparada” e “velhice inválida” também foram utilizados nos documentos e expressavam uma velhice qualificada, vivida dentro da situação de pobreza, invalidez e desamparo e, por isto, objeto de assistência. A condição da velhice não era tomada propriamente enquanto objeto em si mesma a ser assistido, sendo os termos “velho” e “velhinho” utilizados enquanto observação acerca da idade dos assistidos.

As expressões “verdadeiramente necessitado”, “realmente necessitado” são utilizadas especialmente em contraposição aos termos “indigente”, “mendigo”, “pedinte”, “profissão de mendigo” e “falsos mendigos” definidores daqueles que recusando o auxílio da instituição, permaneciam nas ruas pedindo esmolas e “explorando a caridade pública”.

Estes mendigos nas ruas que não se beneficiavam do trabalho de caridade desenvolvido pela instituição, desviavam os donativos que poderiam ser feitos a obra. Nesse sentido, as diretorias insistiam em afirmar que aqueles que estavam abrigados eram os “verdadeiramente necessitados” e que a população deveria evitar o uso indevido da esmola dada na rua, direcionando-a a instituição.

Nos relatórios, a referência aos mendigos das ruas era constante, implicando inclusive na necessidade da ação da polícia na repressão da mendicidade e no encaminhamento dos “verdadeiros necessitados” ao asilo:

“A nossa cidade pode dizer que está varrida desse espectáculo triste, de aluviões de mendigos estendendo a mão á caridade publica, e nesse sentido temos empregado os melhores dos nossos esforços. Apesar de sempre termos facilitado a quem nos procura, pedindo abrigo em nossa casa, ainda existe quem estenda a mão pedindo uma

*esmola, e quasi na sua totalidade, pessoas que não necessitam da caridade publica. Isso o fazem, por que é bom meio de vida. Em nossas ruas perambulam pedidores de esmolas que são proprietarios, que têm meios que lhes facilitem a manutenção. São paes e mães poucos escrupulosos, que obrigam seus filhos a pedirem esmolas; são mulheres fortes e sadias que empregam o seu tempo recorrendo ao povo, com sentidas palavras, implorando um auxilio. Já temos mais de uma vez auxiliado a policia na reprehensão da mendicidade, vindo acompanhando as diligencias para as suas capturas*⁶.

A preocupação com os mendigos permaneceu e as diretorias afirmavam constantemente que aqueles que estavam nas ruas não eram “verdadeiramente necessitados”:

*“Apesar dos nossos esforços para evitar que exploradores da caridade publica percorram a cidade em busca de uma esmola, ainda se vêm alguns delles batendo de porta em porta. Já temos mais do que uma vez pedido a intervenção das dignas autoridades no sentido de reprimir o abuso desses pedintes, na maioria gente que dispõe de recursos, gente que pode perfeitamente trabalhar, mas prefere esse meio de vida, pois a nossa população que é sempre bondosa e caritativa, nunca lhes nega um nickel”*⁷.

Relatavam situações de exploração por pessoas “validas” nas ruas e encaminhavam aos seus sócios um cartão para ser afixado nas portas de suas residências, explicitando a colaboração ao Asilo:

“Apesar de estarem sempre aberta as portas deste Asylo aos verdadeiros necessitados, continua ainda pela nossas ruas e praças, um exercito de mendigos que com rara habilidade, vae conseguindo da nossa generosa população uma esmola. São homens e mulheres na sua maioria pessoas vallidas, que acham, nessa rendosa profissão os sustentos com relativa fartura. A maior parte dos pedintes é gente conhecida e muito delles até dispoem de recursos e são proprietarios. Há bem pouco tempo, por ocasião da correição feita por ordem das dignas autoridades policiaes, foi presa uma mulher que trasia consigo cerca de 2 contos

⁶ Relatório do anno social 1933-1934, apresentado em sessão de 20 de janeiro de 1934.

⁷ Relatorio da directoria, do anno social de 1935-1936, aprovado em assembléia geral em 26 de janeiro de 1936.

de reis, e tinha depositado em uma casa commercial desta cidade igual quantia, alem de outras que foram encontradas em sua casa na Villa Lobato.

Aos nossos consocios temos fornecido um cartão para serem fixados em suas casa com os seguintes dizeres: 'ESTA CASA JÁ CONTRIBUE PARA O ASYLO DOS POBRES, (ASYLO "PADRE EUCLIDES") POR ISSO NÃO DÁ ESMOLAS' »⁸.

Permaneciam as orientações quanto ao ato de dar esmolas, evitando a exploração da caridade pública:

"(...) aos nossos consocios, solicitamos que não deem esmolas em suas portas (...) O numero não pequeno de pedintes que ainda existe em nossa cidade resulta do facto de encontrarem sempre quem lhes dê esmolas, e, como temos verificado, taes pedintes são pessoas, na sua maioria, exploradores da caridade publica"⁹.

Com efeito, a preocupação com esses "exploradores" permaneceu até a década de 1940:

"O eterno problema da mendicância em nossa cidade, apesar de nossa boa vontade, não teve ainda a solução desejada. Muitos pedintes percorrem nossas ruas e praças, pedindo uma esmola por amor de Deus. As nossas distintas autoridades têm procurado dar combate a esses exploradores da caridade publica, porem ainda não tem sido bastante essa repressão"¹⁰.

As diretorias do asilo buscavam educar a prática da esmola e convidavam seus colaboradores a visitarem a instituição para constatarem a eficaz utilização dos seus benefícios.

A preocupação constante com os mendigos das ruas, pode ser decorrente do elevado número de pessoas que entravam e saíam da

⁸ Relatório da directoria do anno social 1937-1938, aprovado em assembléia geral, realizada em 23 de janeiro de 1938.

⁹ Relatório da directoria do anno social de 1940-1941, apresentado em Assembléia Geral, em 25 de janeiro de 1941.

¹⁰ Relatório da directoria aprovado em assembléia geral realizada em 25 de janeiro de 1949.

instituição, conforme observado no período de 1920 até meados da década de 1930. O movimento de entrada e saída de pessoas da instituição, apesar da ausência de referências acerca do tempo de permanência dos existentes, pode ser resultante da não adaptação de um determinado tipo de clientela à proposta assistencial do Asilo.

Com efeito, pôde-se observar que a partir do ano de 1935, houve considerada queda no movimento de entrada e saída de pessoas, definindo-se a partir daí um perfil mais específico dos assistidos na instituição. No período de 1935 a 1943, predominavam os assistidos considerados “inválidos para o trabalho regular”, bem como os assistidos com idades entre 60 a 80 anos.

A categoria “inválidos para o trabalho regular” parece fazer referência justamente aos assistidos com idades mais avançadas, sem complicações no estado de saúde, mas sem oportunidades de trabalho na cidade ou no campo para manterem sua subsistência. No entanto, podiam executar os trabalhos propostos pela instituição, talvez por não haver, por parte das diretorias, pressões acerca da produtividade e maior flexibilidade no que diz respeito às expectativas em relação à capacidade de trabalho dos assistidos.

* * *

A utilização dos dois recursos metodológicos na busca da caracterização e da definição das idéias acerca dos assistidos, auxiliaram na explicitação da idéia definidora do assistido como desprovido de recursos para a manutenção da própria sobrevivência e para o qual se voltava a ação

caritativa desenvolvida pela instituição no sentido de lhe proporcionar uma vida mais digna e satisfatória de suas necessidades.

A obra destinava-se ao desprovido, aquele que por falta de recursos materiais, pela doença ou velhice não podia se sustentar, de quem se deveria cuidar, oferecendo-lhe as condições para a vida: a moradia, o trabalho, a vida religiosa.

Efetivamente, a definição da instituição enquanto uma casa de caridade voltada aos necessitados na pobreza, permaneceu até fins da década de 1950.

Gradativamente, a partir da presença das irmãs de caridade na instituição e da mudança do nome de Asilo para Lar Padre Euclides no início da década de 1970, este foi assumindo a função mais definida de abrigar a velhice. Em 1971, o prédio da oficina de carpintaria foi reformado e destinado a enfermaria, onde o atendimento ambulatorial aos assistidos era feito por um médico *“entendido em geriatria”*¹¹.

Estas mudanças culminaram na modificação dos estatutos, refinando a finalidade da instituição: *“amparar, proteger e dar assistência às pessoas idosas, de ambos os sexos, sem distinção de raça, cor, condição social, credo político e religioso”*¹².

Tais mudanças podem estar relacionadas tanto à predominância de pessoas idosas no Asilo, quanto ao surgimento de um novo olhar a elas direcionado pelas irmãs de caridade, pela comunidade e pelas políticas

¹¹ Asilo Padre Euclides, Relatório a ser apresentado e discutido na assembléia geral ordinária a realizar-se dia 14 de abril de 1973.

¹² Estatuto do Lar Padre Euclides, registrado em cartório aos 21 de fevereiro de 1980.

públicas de assistência social, movido pela visibilidade de que o idoso passou a ser investido no meio social, a partir de então.

5. AS PRINCIPAIS FONTES DE RECEITA E AS PRINCIPAIS DESPESAS DO ASILO PADRE EUCLIDES

O estudo das principais fontes de receita e principais despesas do Asilo Padre Euclides, é um auxílio significativo na busca do entendimento das formas de relacionamento da instituição com a comunidade. A identificação das diversas fontes de receita arrecadada a cada ano e de seu comportamento ao longo do período, permite avaliar a importância de cada fonte, que advinham de várias origens. O destaque das principais despesas efetuadas e a análise do comportamento das rubricas ao longo do período, permite visualizar as demandas da instituição e as prioridades destacadas no emprego da receita disponível.

5.1. As principais fontes de receita

Para estudar as principais fontes de receita da instituição, foram analisados os demonstrativos do Movimento do Caixa no período de 1919 a 1956, constantes nos relatórios anuais.

As rubricas foram agrupadas para facilitar o estudo, definindo-se cinco grupos: aluguel, donativo, eventual, subvenção e outros¹.

Para cada grupo, foi calculada a porcentagem, tendo-se como base o valor nominal arrecadado por cada rubrica e o total da receita em cada ano. Este procedimento evitou a utilização dos valores nominais em si mesmos que poderiam ter sofrido influências da inflação no período estudado.

Os valores nominais de cada grupo e o total da receita a cada ano são apresentados na TABELA 6 - Receita arrecadada pelo Asilo Padre Euclides (valores nominais) no período de 1919 a 1956².

As porcentagens de cada grupo são apresentados na TABELA 7 - Receita arrecadada pelo Asilo Padre Euclides (porcentagem) no período de 1919 a 1956.

O comportamento de cada grupo das fontes de receita pode ser melhor observado na Figura 51 - Evolução das principais fontes de receita arrecadadas pelo Asilo Padre Euclides (porcentagem) no período de 1919 a 1956.

¹ Estes grupos foram definidos com base nos Movimentos do Caixa dos últimos anos analisados.

² Os valores são apresentados em mil réis até 1941 e, posteriormente, em cruzeiros.

TABELA 6 - Receita arrecadada pelo Asilo Padre Euclides (valores nominais) no período de 1919 a 1956

ANO	ALUGUEL	DONATIVO	EVENTUAL	SUBVENÇÃO	OUTROS	TOTAL
1919	-	63.529,00	-	-	-	63.529,00
1920	250,00	56.461,70	13.843,33	-	16.623,60	87.178,63
1921	445,00	23.719,40	1.864,80	1.200,00	4.425,00	31.654,20
1922	815,00	21.852,50	3.899,20	2.400,00	-	28.966,70
1923	990,00	26.429,60	2.994,10	2.400,00	3.000,00	35.813,70
1924	1.080,00	31.248,30	3.309,20	3.600,00	-	39.237,50
1925	1.460,00	51.616,00	4.683,60	3.600,00	800,00	62.159,60
1926	6.179,00	35.878,00	2.501,60	4.000,54	1.801,00	50.360,14
1927	8.131,00	32.941,80	2.916,20	4.000,00	12.400,00	60.389,00
1928	9.337,00	30.478,50	4.377,10	15.000,00	8.765,40	67.958,00
1929	6.349,00	18.065,20	1.801,40	12.500,00	-	38.715,60
1930	5.784,00	20.125,00	4.446,30	11.000,00	15.808,20	57.163,50
1931	4.160,60	14.686,00	2.975,70	16.000,00	14.068,10	51.890,40
1932	3.476,50	11.724,00	5.082,30	16.000,00	9.371,50	45.654,30
1933	6.308,80	16.402,00	12.811,30	13.000,00	1.430,80	49.952,90
1934	6.062,00	11.331,80	18.130,90	8.000,00	5.752,29	49.276,99
1935	5.879,00	11.215,40	25.318,30	10.250,00	5.929,90	58.592,60
1936	6.510,00	26.625,00	28.401,90	15.750,00	2.529,00	79.815,90
1937	6.486,00	24.783,00	28.757,10	12.800,00	3.477,70	76.303,80
1938	8.255,00	26.594,60	29.382,30	19.191,00	8.055,10	91.478,00
1939	8.593,00	30.194,00	35.593,50	16.252,40	8.707,60	99.340,50
1940	7.968,00	17.987,50	42.463,10	20.960,00	-	89.378,60
1941	9.121,00	14.076,50	35.672,20	19.800,00	-	78.669,70
1942	9.920,00	14.004,70	48.895,30	17.000,00	2.268,30	92.088,30
1943	9.848,00	22.845,00	63.638,00	11.000,00	1.196,00	108.527,00
1944	11.644,00	22.253,00	71.769,00	17.000,00	10.375,00	133.041,00
1945	13.924,00	27.096,00	94.879,40	11.000,00	932,00	147.831,40
1946	20.358,00	18.155,00	119.656,00	36.000,00	-	194.169,00
1947	37.594,00	62.087,00	144.194,00	16.000,00	-	259.875,00
1948	48.131,00	25.534,00	120.341,00	24.500,00	-	218.506,00
1949	74.580,00	21.450,00	138.787,80	25.000,00	-	259.817,80
1950	98.610,00	35.301,00	152.249,90	15.000,00	-	301.160,90
1951	126.370,00	32.803,20	169.032,20	43.000,00	1.161.435,60	1.532.641,00
1952	220.724,00	86.672,00	126.632,00	30.000,00	636.275,10	1.100.303,10
1953	296.999,00	22.101,00	133.253,00	48.000,00	82.536,80	582.889,80
1954	351.480,00	40.637,00	158.303,00	33.000,00	60.205,00	643.625,00
1955	436.800,00	76.272,00	168.774,00	-	53.055,00	734.901,00
1956	611.050,00	718.157,00	162.914,00	189.240,00	21.797,70	1.703.158,70

Fonte: Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, Relatórios Anuais, Movimento do Caixa. Os dados referentes aos anos de 1924 e 1929 foram compilados a partir do registro no livro Diário 1922-1929.

TABELA 7 - Receita arrecadada pelo Asilo Padre Euclides (porcentagem) no período de 1919 a 1956

ANO	ALUGUEL	DONATIVO	EVENTUAL	SUBVENÇÃO	OUTROS	TOTAL
1919	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0
1920	0,3	64,8	15,9	0	19,1	100,0
1921	1,4	74,9	5,9	3,8	14,0	100,0
1922	2,8	75,4	13,5	8,3	0,0	100,0
1923	2,8	73,8	8,4	6,7	8,4	100,0
1924	2,8	79,6	8,4	9,2	0,0	100,0
1925	2,3	83,0	7,5	5,8	1,3	100,0
1926	12,3	71,2	5,0	7,9	3,6	100,0
1927	13,5	54,5	4,8	6,6	20,5	100,0
1928	13,7	44,8	6,4	22,1	12,9	100,0
1929	16,4	46,7	4,7	32,3	0,0	100,0
1930	10,1	35,2	7,8	19,2	27,7	100,0
1931	8,0	28,3	5,7	30,8	27,1	100,0
1932	7,6	25,7	11,1	35,0	20,5	100,0
1933	12,6	32,8	25,6	26,0	2,9	100,0
1934	12,3	23,0	36,8	16,2	11,7	100,0
1935	10,0	19,1	43,2	17,5	10,1	100,0
1936	8,2	33,4	35,6	19,7	3,2	100,0
1937	8,5	32,5	37,7	16,8	4,6	100,0
1938	9,0	29,1	32,1	21,0	8,8	100,0
1939	8,7	30,4	35,8	16,4	8,8	100,0
1940	8,9	20,1	47,5	23,5	0,0	100,0
1941	11,6	17,9	45,3	25,2	0,0	100,0
1942	10,8	15,2	53,1	18,5	2,5	100,0
1943	9,1	21,1	58,6	10,1	1,1	100,0
1944	8,8	16,7	53,9	12,8	7,8	100,0
1945	9,4	18,3	64,2	7,4	0,6	100,0
1946	10,5	9,4	61,6	18,5	0,0	100,0
1947	14,5	23,9	55,5	6,2	0,0	100,0
1948	22,0	11,7	55,1	11,2	0,0	100,0
1949	28,7	8,3	53,4	9,6	0,0	100,0
1950	32,7	11,7	50,6	5,0	0,0	100,0
1951	8,2	2,1	11,0	2,8	75,8	100,0
1952	20,1	7,9	11,5	2,7	57,8	100,0
1953	51,0	3,8	22,9	8,2	14,2	100,0
1954	54,6	6,3	24,6	5,1	9,4	100,0
1955	59,4	10,4	23,0	0	7,2	100,0
1956	35,9	42,2	9,6	11,1	1,3	100,0

Fonte: Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, Relatórios Anuais, Movimento do Caixa. Os dados referentes aos anos de 1924 e 1929 foram compilados a partir do registro no livro Diário 1922-1929 (Cálculos efetuados a partir da Tabela 6).

Figura 51 - Evolução das principais fontes de receita arrecadadas pelo Asilo Padre Euclides (porcentagem) no período de 1919 a 1956

Observando-se a Figura 51, nota-se no ano de 1951 um pico significativo na evolução da série Outros. Isto se deu devido a venda de um terreno do Asilo, cuja renda no movimento do caixa foi agrupada nessa rubrica.

A - Aluguel

No agrupamento denominado Aluguel, constam as rubricas dessa natureza que representam os aluguéis recebidos através das propriedades da instituição e do arrendamento da Horticultura.

De maneira geral, a tendência dessa série é crescente, com percentual médio de 14,7%.

No ano de 1919, a contribuição dessa rubrica foi nula, por não haver um patrimônio que pudesse ser gerador de renda. A partir de 1920, inicia-se o recebimento da locação de uma casa doada ao Asilo. Isto gerou

uma renda que no período de 1920 a 1925 contribuiu em média 2,1% do total da receita.

No período de 1926 a 1929, observa-se a elevação do percentual médio para 13,9%, resultante dos aluguéis arrecadados de quatro casas da Vila Operária Adalberto Roxo e de outras três casas localizadas nas proximidades do Asilo.

Esse comportamento crescente se estabiliza no período de 1933 a 1947, com percentual médio de 10,2%, resultante dos aluguéis advindos do arrendamento da Horticultura iniciado em 1933 e da conclusão de mais quatro casas da Vila Operária.

A decisão pelo arrendamento da Horticultura se deu devido ao igualamento e conseqüente superação da receita pela despesa com essa rubrica, respectivamente nos anos de 1930, 1931 e 1932, tornando-se mais rentável tal procedimento. Este foi mantido até o ano de 1950, quando o terreno destinado a essa atividade foi vendido em 1951.

As médias percentuais desses dois períodos assinalados (1926 a 1929 e 1933 a 1947), não se diferenciam de modo significativo devido a alta rotatividade de locatários das casas, havendo períodos de desocupações e de necessidades de efetuação de reformas nas moradias.

No período de 1948 a 1949 esses percentuais se elevam, alcançando um percentual médio de 25,35%, crescimento que se retoma no período de 1954 a 1956, com percentual médio de 50%. Tal comportamento é resultante dos reajustes feitos junto aos aluguéis das oito casas da Vila Operária e da arrecadação de aluguéis a partir da conclusão de outras

construções em 1949, compondo dez casas da Vila Esperança, localizada na rua Paraíba, entre a rua Pernambuco e a rua José de Alencar.

No período de 1950 a 1956 o percentual médio foi de 37,4%.

Nota-se, a partir dessa análise que a contribuição da série Aluguel manteve-se significativa até 1956. Isto reflete o investimento constante por parte das diretorias na constituição do patrimônio do Asilo ao longo do período estudado.

B- Donativo

O agrupamento denominado Donativo, reúne as rubricas donativos e mensalidades, cujos valores nominais foram somados por serem contribuições advindas da comunidade.

As mensalidades, que passaram a ser arrecadadas no ano de 1920, consistiam de contribuições regulares feitas pelos sócios e recolhidas por cobradores à serviço do Asilo. No ano de 1923, por exemplo, haviam 359 sócios, cuja arrecadação somava 1:500\$000 mensalmente.

Os donativos eram feitos esporadicamente por uma gama mais variada de pessoas e por diversas ocasiões. A doação em dinheiro advinha da comemoração de datas religiosas, cujos depósitos eram feitos no cofre da Capela de Nossa Senhora, de visitas de grupos à instituição, de arrecadações em eventos como almoços beneficentes promovidos no Asilo, por ocasião da própria quermesse, por contribuintes anônimos intermediados pelos jornais da cidade, além das mais diversas circunstâncias pessoais. Os donativos também se constituíam da doação

mensal de gêneros alimentícios e de utilitários domésticos, representando grande auxílio ao diminuir as despesas com tais itens.

A rubrica Donativos foi constantemente ressaltada nos relatórios do período estudado, através da listagem em cada ano da natureza dessas contribuições e dos nomes dos contribuintes³.

De maneira geral, a tendência dessa série é decrescente, com percentual médio de 34,3%. No ano de 1919, toda a fonte de renda adveio dessa rubrica, em função do movimento em torno da fundação da associação e do início das obras da instituição.

Posteriormente, no período de 1920 a 1926 o percentual médio dessa série foi de 74,6%, e no período de 1927 a 1930 de 45,3%. Juntos (1920-1930), a contribuição dessa rubrica totalizou um percentual médio de

³ No Relatório da Diretoria do ano social 1939-1940, constam as seguintes informação:

“Fizeram donativos em dinheiro as seguintes pessoas:

1- Padre Euclides Carneiro 11:410\$000; 2- Legado do Dr. José Francisco Barcelos 2:000\$000; 3- D. Theolina Andrade Junqueira 1:000\$000; 4- Manoel Damasio Ribeiro - São Joaquim 600\$000; 5- Augusto Bianchi & Irmãos 585\$000; 6- Um amigo do Asilo 500\$000; 7- Teatro Pedro II 304\$000; 8- Venda de um garrote oferecido pelo Snr. Marcos Junqueira 260\$000; 9- Banco do Brasil - para a quermesse 200\$000; 10- Banco Comércio e Industria - idem 200\$000; 11- Tombola Infantil da quermesse - diversos 200\$000; 12- Jogo do Botafogo X Portuguesa, por intermedio do “Diário da Manhã” 180\$000; 13- Diretoria do Asilo para o Natal 180\$000; 14- Culto Saudade de D. Thereza Barreto 100\$000; 15- S.O R. Silveira 100\$000; 16- Empresa de Agua e Esgotos 89\$000; 17- Paulo Rezende de Oliveira 53\$000; 18- Luiz Carnevari & Irmão - Porangaba 50\$000; 19- Quermesse de Batatais 50\$000; 20- J. Pinto Ferraz 50\$000; 21- Anonimos 30\$000; 22- Um anonimo interm. “Diário da Manhã” 25\$000; 23- Lindolpho Clementino 25\$000; 24- Dr. Montebello Casillo 25\$000; 25- D. Justina Rossi 25\$000; 26- Fioravanti Bastesteti-interm. “Diário da Manhã” 25\$000; 27- Pio Angelico da Silva 10\$000; 28- Alice Caliento 10\$000; 29- Anonimo, intermedio “Diário da Manhã” 10\$000.

Donativos Diversos: Augusto Bianchi & Irmãos, uma Roda Gigante para Quermesse no valor de 5:000\$000, Farmácia Reis, diversos cobertores; Irmãos Fabbri - Brodowski 1 caixa de vinagre; Irmãos Biagi, 5 sacos de açúcar; Antonio M. de Faria, 1 bezerro; Luiz Zapparoli - Brodowski, 1 saco de café; Antonio Candido de Paiva Junior, 1 saco de café; Capitão Alexandre Silva, 1 saco de café; Eduardo Luiz Magri, 1 saco de café; Carlos Augusto Mello, 1 sado de café; Departamento Nacional de Café, 10 sacos de café; Casa Beschizza, 3 duzias de vassoura; Irmãos Vecchi, sabão; Irmãos Barichello, sabão; Albertina Vera, doces no valor de 41\$000; Empresa Força e Luz de Ribeirão Preto, 150 Kwts de luz mensais; Empresa de Aguas e Esgotos, 150 mil litros de agua mensais; Pharmacia Lima, diversos medicamentos”, p.3.

64%, sendo superior a todos os outros agrupamentos no período. Nesse período, a contribuição da comunidade efetivamente manteve a instituição.

Apenas nos anos de 1931 e 1932 (com percentuais de 28,3 e 25,7 respectivamente), essa rubrica passou a ocupar o segundo lugar na contribuição, superada pela rubrica da subvenção. No entanto, no ano de 1933, voltou a ser a primeira em contribuição.

Entre os anos de 1934 a 1939, esse agrupamento totalizou o percentual médio de 27,9%. A partir daí, a queda desta contribuição foi mais lenta e gradual, ao mesmo tempo que a contribuição das outras fontes de receita cresceram, sobretudo o agrupamento Eventual.

No período de 1940 a 1947, esta série totaliza um percentual médio de 17,8%, continuando da tendência de queda e apresentando um percentual mais elevado somente em 1947 (23,9%), em função de um donativo advindo de um anônimo residente em São Paulo, que doou ao Asilo a quantia de 30 mil cruzeiros, gesto esse considerado como *“um dos maiores feitos às casas de caridade de Ribeirão Preto”*⁴.

Nos anos de 1948 a 1955, acentua-se a tendência decrescente, com percentual médio de 7,7%, apresentando um percentual mais elevado somente em 1956 (42,2%), em função do legado de Antonio Diederichsen que viria a ser depositado nas contas do Asilo em sete prestações a partir de então. Antonio Diederichsen foi um importante colaborador do Asilo, através das inúmeras doações por ele efetuadas, em dinheiro, casas e terrenos. Este trecho salienta tal contribuição:

⁴ Relatório referente ao ano de 1947.

“Em 1919, logo que foi fundado o Asilo fez ele donativo do material suficiente para cercar os terrenos do Asilo numa extensão de quasi mil metros; doou um automovel FIAT usado que, posto em sorteio, rendeu a importancia de 13 mil cruzeiros; fez doação de uma casa e diversas datas de terrenos na rua Goiaz, esquina da rua Sergipe; fez o donativo de uma casa na rua Pernambuco e que foi trocado por terrenos e casas na rua Paraiba; e finalmente em suas disposições testamentais fez o legado de um milhão de cruzeiros”⁶.

A análise dessa série permite concluir que sua contribuição foi muito significativa na manutenção da instituição até o ano de 1930, quando a partir de então essa fonte passa a decrescer. Nesse sentido, apesar de algumas tentativas das diretorias de incentivarem a continuidade dessa arrecadação, evidenciou-se a sua vulnerabilidade, passando a receita a ser totalizada a partir de outras contribuições.

C- Eventual

A série Eventual foi composta a partir da preservação dessa mesma rubrica constante na movimentação do caixa do período estudado. Ela foi mantida conforme se apresentava por constar poucas descrições da sua composição no corpo dos relatórios, sendo apenas explicitada nessa rubrica a renda advinda das quermesses.

Antes do ano de 1932, na rubrica denominada Eventual constavam as contribuições advindas a realização de eventos culturais e de entretenimento, como espetáculos cinematográficos, saraus e tômbolas promovidos pela Sociedade Legião Brasileira em prol do Asilo.

Após a inauguração da Capela de Nossa Senhora em 1932, iniciou-se a realização da quermesse que nos anos de 1932 e 1933 estava

⁵ Relatório referente ao ano de 1956.

estritamente relacionada às atividades religiosas em função da comemoração do Dia de Nossa Senhora. A partir de 1934, a quermesse passou a ter maior destaque por permanecer em funcionamento ao longo de quase um mês, precedendo as comemorações da padroeira. Nesse ano, a comissão organizadora das festas dividiu-se, estabelecendo-se grupos que passariam a cuidar estritamente do espaço e das atividades para a realização da quermesse, que incluía a montagem de barracas e do parque de diversões, e um outro grupo de passaria a cuidar da festividade religiosa, das ladainhas e procissões. A designação dos promotores da festa religiosa geralmente se dava através de sorteio.

No ano de 1919, devido ao início da construção da instituição, a contribuição dessa rubrica foi nula.

Nas primeiras iniciativas para a fundação de um asilo empreendidas por Padre Euclides na década de 1910, a realização de eventos culturais e de quermesses como fonte de receita era comum. A retomada desse tipo de arrecadação em 1932, parece ser resultado de uma disposição da população de Ribeirão Preto para participar de tais eventos, enriquecidos até mesmo pela diversidade cultural composta pela imigração.

De maneira geral, a tendência dessa série no período de 1919 a 1956 é crescente, com percentual médio de 27,7%.

Essa tendência crescente ressalta-se já inicialmente no período de 1934 a 1939, quando o percentual médio da série foi de 36,8%, superando os percentuais médios das demais séries no mesmo período.

A TABELA 8 - Valores nominais e percentuais arrecadados através da realização da Quermesse no período de 1932 a 1956, ilustra a cada ano a contribuição dessa rubrica no total da receita arrecadada, permitindo a análise da expressividade desse evento isoladamente.

TABELA 8 - Valores nominais e percentuais arrecadados na Quermesse no período de 1932 a 1956

ANO	RENTA QUERMESSE	RECEITA TOTAL	%
1932	1.990,00	45.654,30	4,4
1933	8.300,00	49.952,90	16,6
1934	14.000,00	49.276,99	28,4
1935	21.398,80	58.592,60	36,5
1936	24.000,00	79.815,90	30,1
1937	23.437,00	76.303,80	30,7
1938	28.000,00	91.478,00	30,6
1939	28.070,60	99.340,50	28,2
1940	39.400,00	89.378,60	44,1
1941	31.312,00	78.669,70	39,8
1942	37.631,20	92.088,30	47,8
1943	50.750,00	108.527,00	46,8
1944	64.210,00	133.041,00	48,3
1945	81.181,00	147.831,40	54,9
1946	100.000,00	194.169,00	51,5
1947	113.123,00	259.875,00	43,5
1948	97.680,00	218.506,00	44,7
1949	120.000,00	259.817,80	46,2
1950	131.038,00	301.160,90	43,5
1951	133.982,00	1.532.641,00	8,7
1952	109.565,00	1.100.303,10	9,9
1953	102.179,00	582.889,80	17,5
1954	138.092,00	643.625,00	21,4
1955	162.130,00	734.901,00	22,1
1956	135.000,00	1.703.158,70	7,9

Fonte: Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, Relatórios Anuais, Movimento do Caixa.

Nota-se, especialmente na década de 1940, a significância da renda arrecadada pela realização da quermesse, que chega a atingir nos anos de 1945 e 1946 percentuais superiores a 50%. O percentual médio da década de 1940 foi 54,8%.

D- Subvenção

A série Subvenção foi composta a partir da soma dos valores nominais referentes a essa rubrica que se constituía de contribuições advindas dos poderes públicos municipais, estaduais e federais.

Essa contribuição iniciou-se em 1921, quando a instituição recebeu o primeiro auxílio dessa natureza da Prefeitura Municipal. Este auxílio apresentou tendência crescente até 1927, com percentual médio de 6,9%.

A partir de 1928, somou-se ao auxílio municipal, a contribuição do Governo do Estado de São Paulo, provocando crescimento da série no período de 1928 a 1932, cujo percentual médio foi de 27,8%.

Especialmente nos anos de 1931 e 1932, observam-se picos mais significativos dessa série (percentuais de 30,8% e 35%, respectivamente), superando os percentuais dos outros agrupamentos. Isto se deu devido à manutenção do valor nominal da subvenção do Governo do Estado (de 10:000\$000 a cada ano no período de 1928 a 1933) e de um aumento da contribuição municipal nos dois anos referidos.

No período de 1933 a 1942, a evolução dessa série se manteve aproximadamente constante, num percentual médio de 20,1%. Ressalta-se nos anos de 1940, 1941 e 1942, a contribuição na receita da subvenção, sendo apenas superada pelo Eventual. Nesses anos, acrescentou-se nessa rubrica, a subvenção advinda do Governo Federal.

A partir de 1943, o comportamento da série decaiu progressivamente até o ano de 1956, apresentando percentual médio de 8%. Esta contribuição foi nula no ano de 1955.

De maneira geral, o agrupamento da subvenção apresentou um percentual médio de 13,1% do total da receita no período de 1919 a 1956, tendo sido uma contribuição mais significativa nos anos de 1931 e 1932.

E- Outros

A série Outros foi composta objetivando o agrupamento de rubricas de natureza diversa que se apresentaram mais eventualmente nos demonstrativos do caixa no período de 1919 a 1956, incluindo ações e juros. Daí esta série apresentar comportamento instável, tendo contribuição nula em diversos anos.

No período de 1920 a 1926, os valores nominais dessa série referem-se a saldos em conta corrente e a um empréstimo efetuado em 1921, para auxiliar nos gastos com as construções. O percentual médio para esse período foi de 6,6%.

A partir do ano de 1927, somou-se a esta série valores nominais referentes a renda com a horticultura, com a venda de animais e com a criação do bicho da seda.

No período de 1927 a 1932, os percentuais dessa série se elevaram. O percentual médio calculado para o período é de 18,1%. Essa contribuição foi especialmente significativa nos anos de 1927 e 1930, sendo superada apenas pela renda advinda dos donativos.

No período de 1933 a 1939, a série manteve-se relativamente estável, com percentual médio de 7,1%, tendo sido inferior ao período de

1927 a 1932 (18,1%), devido a subtração da renda que advinha da venda de produtos da horticultura.

A partir do ano de 1940, os percentuais dessa série decaem, atingindo contribuição nula no período de 1946 a 1950.

Em 1951, a série atinge o percentual de 75,8% devido ao acréscimo na receita do valor de Cr\$ 1.145.840,30 referente ao pagamento da primeira parcela da venda de 55.880 m² de terreno do Asilo aos senhores Flávio Uchoa Junqueira e Eduardo Benatii. O pagamento da segunda parcela ocorreu em 1952, no valor de Cr\$ 595.359,20 , atingindo a série o percentual de 57,8%.

Finalmente, a análise das principais fontes de receita do Asilo Padre Euclides no período de 1919 a 1956, permitiu a visualização de uma mudança na natureza da arrecadação. A contribuição que nos anos iniciais advinha principalmente dos donativos, passou a ser composta pela progressiva arrecadação dos aluguéis das propriedades do Asilo e pela arrecadação advinda da realização da quermesse.

Tal mudança intensificou-se a partir do ano de 1951, quando partes do terreno do Asilo foram vendidas, como por exemplo, um terreno nos fundos onde se executava o trabalho de plantio. Nesse ano, através de uma deliberação em assembléia, a diretoria efetuou a venda, cuja renda foi investida na construção de prédios para aluguel, justificando que: *“O Asilo tinha esse terreno quasi em abandono, pois o seu cultivo era difícil e muito*

*dispendioso, visto a grande quantidade de pragas ali existentes. O que o mesmo produzia não compensava o trabalho dispendido”*⁶.

As demais contribuições, advindas da subvenção dos poderes públicos e do desenvolvimento das atividades produtivas no Asilo, apresentaram papel complementar na receita.

Tal evolução parece ser resultado de um envolvimento progressivo dos sujeitos da obra, que passaram a ser intensamente protagonistas, a partir do momento que passam a fazer propostas mais seguras de arrecadação de renda, seguridade esta resultante também de um envolvimento diferenciado da comunidade. A realização da quermesse constituiu-se ao longo dos anos como uma proposta de arrecadação, como uma oferta à comunidade que, através de um interesse pela obra, vivenciava uma experiência de beleza e entretenimento. Em suma, o desenvolvimento e os progressos da obra geraram no período estudado, uma dinâmica auto-sustentada.

5.2. As principais despesas

Para estudar as principais despesas da instituição, foram analisados os demonstrativos do Movimento do Caixa no período de 1919 a 1956, constantes nos relatórios anuais.

As rubricas foram agrupadas para facilitar o estudo, definindo-se cinco grupos: alimentação, despesas gerais, empregados, patrimônio, móveis e utensílios⁷.

⁶ Relatório referente ao ano de 1951.

Para cada grupo, foi calculada a porcentagem, tendo-se como base o valor nominal despendido com cada rubrica e o total da despesa em cada ano. Este procedimento evitou a utilização dos valores nominais em si mesmos que poderiam ter sofrido influências da inflação no período estudado.

Os valores nominais de cada grupo e o total da despesa a cada ano são apresentados na TABELA 9 - Despesa (valores nominais) do Asilo Padre Euclides no período de 1919 a 1956⁸.

As porcentagens de cada grupo são apresentadas na TABELA 10 - Despesa (porcentagem) do Asilo Padre Euclides no período de 1919 a 1956.

O comportamento de cada grupo de despesa pode ser melhor observado na Figura 52 - Evolução das principais despesas do Asilo Padre Euclides (porcentagem) no período de 1919 a 1956.

No estudo das principais despesas, foram incluídos os anos de 1919 e 1920. Nesse período, houveram diversas despesas, principalmente com a construção do Asilo e preparação deste para o início do seu funcionamento. No entanto, tais despesas não puderam ser especificadas nesse estudo, pois os valores nominais destas não constavam nos relatórios dos referidos anos.

⁷ Estes grupos foram definidos com base nos Movimentos do Caixa dos últimos anos analisados.

⁸ Os valores são apresentados em mil réis até 1941 e, posteriormente, em cruzeiros.

TABELA 9 - Despesa (valores nominais) do Asilo Padre Euclides no período de 1919 a 1956

ANO	ALIMENTAÇÃO	DESP. GERAIS	EMPREGADOS	PATRIMONIO	MÓVEIS E UTEN.	TOTAL
1919	-	-	-	-	-	-
1920	-	-	-	-	-	-
1921	8.973,00	12.729,80	5.093,00	4.339,00	2.234,40	33.369,20
1922	7.865,50	3.827,15	5.863,60	9.301,40	1.670,90	28.528,55
1923	8.616,40	10.792,10	6.190,60	8.274,60	1.334,60	35.208,30
1924	16.717,80	1.644,20	6.553,10	4.139,70	2.539,00	31.593,80
1925	19.483,00	-	7.193,00	35.702,00	2.800,00	65.178,00
1926	17.029,50	3.098,10	7.778,50	20.173,20	2.772,70	50.852,00
1927	14.879,90	2.828,80	7.912,90	31.453,80	3.414,10	60.489,50
1928	25.785,80	2.527,40	7.818,40	20.898,20	11.684,60	68.714,40
1929	13.988,90	3.342,80	5.759,10	14.549,00	6.829,60	44.469,40
1930	18.450,00	3.854,30	8.394,90	15.877,10	9.905,40	56.481,70
1931	12.443,50	5.146,30	6.730,60	18.061,00	9.736,60	52.118,00
1932	11.037,90	5.668,80	8.310,00	13.059,60	7.171,20	45.247,50
1933	16.502,40	6.732,20	7.303,40	16.011,00	1.774,00	48.323,00
1934	21.446,60	12.309,40	7.659,30	7.041,11	820,58	49.276,99
1935	16.737,50	17.583,70	7.890,30	6.303,40	260,00	48.774,90
1936	18.793,60	11.120,90	8.379,10	4.500,11	566,76	43.360,48
1937	22.748,70	9.587,40	8.529,20	22.618,80	4.931,00	68.415,10
1938	23.841,30	13.275,60	6.891,50	34.159,70	4.902,30	83.070,40
1939	26.053,60	13.164,10	10.678,60	22.204,70	17.452,80	89.553,80
1940	28.947,00	12.348,30	11.181,20	26.164,90	2.849,80	81.491,20
1941	27.506,70	16.294,10	10.076,00	25.005,40	2.773,00	81.655,20
1942	32.323,50	11.870,80	10.505,00	15.065,00	2.247,20	72.011,50
1943	35.266,00	18.339,00	11.064,00	34.126,00	3.712,00	102.507,00
1944	41.436,00	12.285,00	14.457,00	23.741,00	1.079,00	92.998,00
1945	49.560,00	16.614,00	16.510,00	14.744,00	9.646,00	107.074,00
1946	40.098,00	40.085,00	16.085,00	37.392,00	3.331,00	136.991,00
1947	60.930,00	21.331,00	20.146,00	229.756,00	4.588,00	336.751,00
1948	74.692,00	28.313,00	21.484,00	91.585,00	3.933,00	220.007,00
1949	72.530,50	38.351,50	24.330,00	72.530,50	9.073,40	216.815,90
1950	83.982,40	47.629,30	25.474,00	21.682,93	4.482,79	183.251,42
1951	97.847,20	86.483,60	29.608,00	487.170,62	5.275,61	706.385,03
1952	139.853,00	68.457,30	45.780,00	720.262,00	49.570,00	1.023.922,30
1953	205.894,00	77.447,00	50.260,00	409.591,00	37.055,00	780.247,00
1954	181.104,00	109.151,00	50.420,00	226.034,00	7.665,00	574.374,00
1955	246.204,00	151.395,00	60.220,00	389.323,00	12.037,00	859.179,00
1956	335.319,00	238.452,00	76.150,00	1.052.930,00	57.708,00	1.760.559,00

Fonte: Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, Relatórios Anuais, Movimento do Caixa. Os dados referentes aos anos de 1924 e 1929 foram compilados a partir do registro no livro Diário 1922-1929.

TABELA 10 - Despesa (porcentagem) do Asilo Padre Euclides no período de 1919 a 1956

ANO	ALIMENTAÇÃO	DESP.GERAIS	EMPREGADOS	PATRIMÔNIO	MÓVEIS E UTEN.	TOTAL
1919	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
1920	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
1921	26,9	38,1	15,3	13,0	6,7	100,0
1922	27,6	13,4	20,6	32,6	5,9	100,0
1923	24,5	30,7	17,6	23,5	3,8	100,0
1924	52,9	5,2	20,7	13,1	8,0	100,0
1925	29,9	0,0	11,0	54,8	4,3	100,0
1926	33,5	6,1	15,3	39,7	5,5	100,0
1927	24,6	4,7	13,1	52,0	5,6	100,0
1928	37,5	3,7	11,4	30,4	17,0	100,0
1929	31,5	7,5	13,0	32,7	15,4	100,0
1930	32,7	6,8	14,9	28,1	17,5	100,0
1931	23,9	9,9	12,9	34,7	18,7	100,0
1932	24,4	12,5	18,4	28,9	15,8	100,0
1933	34,2	13,9	15,1	33,1	3,7	100,0
1934	43,5	25,0	15,5	14,3	1,7	100,0
1935	34,3	36,1	16,2	12,9	0,5	100,0
1936	43,3	25,6	19,3	10,4	1,3	100,0
1937	33,3	14,0	12,5	33,1	7,2	100,0
1938	28,7	16,0	8,3	41,1	5,9	100,0
1939	29,1	14,7	11,9	24,8	19,5	100,0
1940	35,5	15,2	13,7	32,1	3,5	100,0
1941	33,7	20,0	12,3	30,6	3,4	100,0
1942	44,9	16,5	14,6	20,9	3,1	100,0
1943	34,4	17,9	10,8	33,3	3,6	100,0
1944	44,6	13,2	15,5	25,5	1,2	100,0
1945	46,3	15,5	15,4	13,8	9,0	100,0
1946	29,3	29,3	11,7	27,3	2,4	100,0
1947	18,1	6,3	6,0	68,2	1,4	100,0
1948	33,9	12,9	9,8	41,6	1,8	100,0
1949	33,5	17,7	11,2	33,5	4,2	100,0
1950	45,8	26,0	13,9	11,8	2,4	100,0
1951	13,9	12,2	4,2	69,0	0,7	100,0
1952	13,7	6,7	4,5	70,3	4,8	100,0
1953	26,4	9,9	6,4	52,5	4,7	100,0
1954	31,5	19,0	8,8	39,4	1,3	100,0
1955	28,7	17,6	7,0	45,3	1,4	100,0
1956	19,0	13,5	4,3	59,8	3,3	100,0

Fonte: Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP, Relatórios Anuais, Movimento do Caixa. Os dados referentes aos anos de 1924 e 1929 foram compilados a partir do registro no livro Diário 1922-1929 (Cálculos efetuados a partir da Tabela 9).

Figura 52 - Evolução das principais despesas do Asilo Padre Euclides (porcentagem) no período de 1919 a 1956

Observando-se a Figura 52, nota-se uma elevação significativa da série Patrimônio no ano de 1947 (percentual de 68,2%). O mesmo ocorre nos anos de 1951 e 1952, com percentuais de 69% e 70,3%, respectivamente. Tais comportamentos foram decorrentes de elevada despesa com a construção de prédios e casas para aluguel. Assim sendo, tal variável interferiu relativamente no cálculo dos percentuais dos demais agrupamentos.

A- Alimentação

No agrupamento Alimentação, constam as rubricas alimentação e medicamentos, cujas despesas são referentes à manutenção direta dos assistidos na instituição⁹.

⁹ No Relatório da Diretoria do ano social 1939-1940, consta o número de 225 refeições “servidas no portão do Asilo”, p.2.

O percentual médio dessa série, no período de 1919 a 1956, foi de 31,9%. Com efeito, as despesas com esse item foram significativas no período estudado.

Esta série inicia-se com percentual nulo nos anos de 1919 e 1920, atingindo o percentual de 26,9% em 1921. Após esse ano, o comportamento da série foi pouco oscilante em torno do percentual médio do período.

Os gastos com medicamentos foram especificados nos anos de 1923 (320\$000), 1924 (411\$000), 1926 (1:108\$000), 1928 (2:000\$000) e 1931 (800\$000). Tais valores demonstram pequena despesa com tal rubrica.

B- Despesas gerais

Para compor a série Despesas Gerais, foi preservada a rubrica com semelhante denominação nos Movimentos de Caixa, somando-se a ela os valores nominais despendido com as contas correntes (pagamento de fornecedores).

O percentual médio dessa série, no período de 1919 a 1956, foi de 15,4%.

Observando-se o comportamento geral da série, notam-se picos elevados nos anos de 1921 (percentual de 38,1%), 1923 (percentual de 30,7%) e 1935 (percentual de 36,1%). Os gastos com esse agrupamento superam os demais percentuais, devido a significativa despesa efetuada com o pagamento de fornecedores nos referidos anos.

As despesas com tal agrupamento também se referem à manutenção dos assistidos na instituição, sendo portanto complementares às

despesas com as rubricas alimentação e medicamentos. Juntos, os agrupamentos Alimentação (31,9%) e Despesas Gerais (15,4%) representam um percentual médio de 47,3% no total das despesas no período estudado.

C- Empregados

A série Empregados foi composta mantendo-se a rubrica com semelhante denominação nos Movimentos do Caixa e somando-se a ela os gastos com a rubrica “comissão”.

Os gastos com empregados eram relativos ao pagamento dos poucos funcionários mantidos pela instituição no período estudado (um zelador, um cozinheiro e uma lavadeira), incluindo-se o pagamento de “gratificação” ao diretor. Os gastos com “comissão” eram destinados ao pagamento dos cobradores de mensalidades.

O percentual médio dessa série no período de 1919 a 1956 foi de 12,6%.

Esta série iniciou-se com percentual nulo nos anos de 1919 e 1920. No geral, o comportamento desta foi pouco oscilante em torno do percentual médio do período estudado. Os momentos nos quais observaram-se maiores percentuais foram no período de 1921 a 1924 (percentual médio de 18,5%) e no ano de 1936, com percentual de 19,3%.

D- Patrimônio

A série Patrimônio foi composta somando-se à rubrica “patrimônio” constante nos Movimentos de Caixa, as despesas efetuadas com “benfeitorias”, “conservação” e “veículos”.

As despesas com patrimônio referem-se às obras de construção de casas e prédios para aluguel, à compra de imóveis e ao investimento efetuados pelas diretorias em ações. As demais despesas referem-se à gastos efetuados com o melhoramento do espaço físico do Asilo, incluindo as reformas nas moradias dos assistidos, e com as reformas efetuadas nos imóveis alugados.

O percentual médio dessa série no período de 1919 a 1956 foi de 34,1%.

No período de 1925 a 1927, observa-se uma elevação dos gastos dessa natureza, com percentual médio de 48,8% referente às obras da Vila Operária Adalberto Roxo. Com efeito, tal investimento reverteu-se nos anos seguintes em aumento da arrecadação de aluguéis, conforme descrito na análise do item A- Aluguel referente à receita.

O projeto de construção da Vila Operária foi iniciado em 1925 pelo então presidente Sr. Adalberto Roxo, em terreno doado ao asilo pelo Sr. Antonio Diederichsen localizado à rua Sergipe, esquina com a rua Goiás. A denominação da vila deveu-se aos esforços e a generosidade do presidente, cujos donativos contribuíram para tal edificação.

Figura 53 - Foto da Vila Operária Adalberto Roxo inclusa no Relatório de 1930

Na década de 1920, o objetivo principal das diretorias era *“dotar o Asylo de um patrimonio que garanta a sua subsistência, e que os velhos alli recolhidos tenham morada certa, e permanencia segura”*¹⁰.

Nos anos de 1938 e 1947, observa-se novamente uma elevação dos gastos com o patrimônio (percentuais de 41,1% e 68,2%, respectivamente), relativos à compra de imóveis e terrenos.

O comportamento crescente da série é retomado na década de 1950 (percentual médio de 56%), devido à investimentos com o patrimônio efetuados a partir do aumento da receita arrecadada.

E- Móveis e utensílios

A série Móveis e utensílios foi composta mantendo-se a rubrica com tal denominação nos Movimentos de Caixa e somando-se a ela os gastos efetuados no período estudado com “rouparia”, “horticultura”, “semoventes” e “plantas”.

O percentual médio dessa série no período de 1919 a 1956 foi de 6%.

O comportamento da série foi pouco oscilante em torno do percentual médio do período. No entanto, observam-se picos mais elevados com tais despesas no período de 1928 a 1932 (percentual médio de 16,9%), referente aos gastos com a horticultura e no ano de 1939 (percentual de 19,5%), referente à compra de 100 camas novas para os assistidos e de máquinas para a oficina de carpintaria.

¹⁰ Relatório referente ao ano de 1928, p.2.

Finalmente, a análise das principais despesas do Asilo Padre Euclides no período de 1919 a 1956 permitiu a visualização da predominância dos gastos relativos à manutenção direta dos assistidos na instituição e à constituição e preservação do patrimônio do Asilo.

**6. O ENCONTRO INICIAL COM UMA
EXPERIÊNCIA CHEIA DE AUTORIDADE:
Elementos interpretativos para compreensão da obra,
de seus sujeitos e da sua continuidade no presente**

O surgimento do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto foi, com efeito, uma resposta a uma demanda que se impunha à realidade social da cidade desde o ano de 1909, quando das primeiras iniciativas de Padre Euclides em direção a criação de uma instituição que amparasse a pobreza.

No entanto, a edificação desta obra foi caracterizada por ela ser constituída a partir do relacionamento com a presença de um sujeito e de uma proposta social e religiosa que este representava, a saber, com a pessoa de Padre Euclides.

O entendimento de como se dava o relacionamento de Padre Euclides com o grupo de sujeitos que se envolveram com o projeto do Asilo

e conseqüentemente, com os grupos de pessoas das outras localidades nas quais se ergueram as outras obras, representa um passo analítico-interpretativo importante na direção da explicitação das origens da instituição e da compreensão de seu desenvolvimento no período estudado.

A análise dos documentos onde se evidencia o papel de Padre Euclides e sua relação com a comunidade, sugere um relacionamento marcado pelo encontro com uma experiência cheia de autoridade. Essa experiência é descrita por Giussani (2000) como algo que

“(...) surge em nós como o encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, de modo que ela se impõe a nós como alguém revelador, que gera em nós uma novidade, fascínio, respeito. Há nela uma atração inevitável, e em nós uma inevitável sujeição” (p.57).

Padre Euclides era uma personalidade cujos critérios de ação estavam profundamente aderidos ao “eu”. Era uma autoridade, na medida em que estes critérios de ação co-respondiam às exigências de significado das pessoas que o acompanhavam. Daí, “sujeitar-se” e se sentir “atraído” por aquela pessoa se tornava um fato inevitável, pois seus critérios estavam enraizados em sua identidade. Uma identidade que se comunicava e que, portanto, poderia ser descrita como uma “identidade exigente”¹, conforme o conceito elaborado por Ricoeur e desenvolvido por Fornari (2000).

¹ Conforme Fornari (2000), a “*identidade exigente*” compreende seis características, sintetizadas nos seguintes pontos: 1. É capaz de reconhecer o dado ontológico do humano, de forma que pode ser descrita como uma pessoa que se “*põe em comunicação com todos os homens e seus mundos*” (p. 4). 2. É alguém que propõe ao outro uma tradição, propõe uma história, e o propõe tomando como ponto de partida aquele dado ontológico, que pode ser aqui descrito como um “*princípio crítico*”, do qual o outro faz uso, no presente, no momento da confrontação e do reconhecimento da proposta como uma resposta à sua “*vital exigência de verdade*” (p. 4). 3. É alguém que faz propostas baseadas numa tradição, mas as faz no presente, e de maneira que permaneçam no tempo, de maneira que mantenham a tensão da temporalidade, que “*se arrisquem no tempo com expectativa*” (p. 5). 4. É alguém que, no impacto identificatório da relação, faz emergir o “eu” do outro, na medida em que se trata de um vínculo que sugere

A “Carta do ‘povo’ de Ribeirão Preto destinada a Padre Euclides por ocasião da sua transferência”, datada de 13 de junho de 1915, traz evidência de alguns aspectos dessa experiência de co-respondência no relacionamento com aquela identidade assim definida, revelando ser o documento em si mesmo uma possibilidade da *“afirmação do reconhecimento”* da presença do Padre, daquele que obteve *“um altar em cada coração”* e se consistia como um *“modelo vivo”* a seguir.

A transferência do Padre para São José do Rio Pardo evidenciava a privação por parte da população de Ribeirão Preto de uma *“companhia salutar e edificante, da (...) colaboração inoviddavel e eficaz, da (...) caritativa e incançavel actividade”* daquele homem.

Padre Euclides representava uma companhia, desejada porque *“salutar e edificante”*, através da qual nascia uma colaboração em direção ao outro. Tratava-se de uma personalidade cujos *“aspectos decisivos y (...) las razones últimas (...) unifican y ennoblecen la existencia”*. Estes aspectos decisivos e razões últimas da existência

“no han de ser impuestos en forma arbitraria y extrinsecista, sino que han de ser inmanentes al ‘yo’ y, al par, no puestos por él, sino dados cual toques internos de la alteridad en las propias experiencias de pasividad, de donde brota el ímpetu de salida del ‘yo’ hacia la exterioridad de lo real” (p. 3).

significados totalizantes, que *“plasmam a unidade da própria experiência”* (p. 6). 5. É alguém que acontece como uma presença que correspondente às exigências ontológicas do sujeito, alguém em quem *“se vislumbra o próprio verdadeiro rosto”* (p. 6). 6. É alguém com quem o “eu” se relaciona preferencialmente, mas que lhe abre à totalidade e para a contingência e a pluralidade das diferenças pessoais e das circunstâncias da realidade (Fornari, 2000, p. 7). Tais características serão melhor explicitadas e exemplificadas com o desenvolvimento da análise interpretativa ao longo deste item.

Isto implica em reconhecer que essa identidade, esse “outro significativo”² que era Padre Euclides, oferecia-se num relacionamento específico com a comunidade. Daí nascia a possibilidade de uma “sujeição” que em nada significava uma perda do “eu”. Tal relacionamento, pelo contrário, permitia a verdadeira expressão do “eu”, e de um “eu” que se lançava na realidade. Uma pessoa só pode se dirigir para a outra de forma construtiva, “*salutar e edificante*”, tornar-se um auxílio para a verdadeira expressão de um “eu”, na medida em que é capaz de reconhecer no outro certos dados constitutivos da pessoa, dados ontológicos, ou, para usar os termos de Fornari (2000), o “*factum* ou dom de ser que o supera e precede” (p. 4). Defini-se, assim, a primeira característica da identidade exigente.

A pessoa de Padre Euclides causava admiração porque era “o *mais exemplar de todos os seus concidadãos*”, era o “*mediador plastico entre ricos millionarios, modestas fortunas e pobres e pauperios*”. Era dessa mediação que nasciam as obras, listadas como sendo “*Legião Brasileira, Cruz Vermelha, Centro Operario, Asylo de Invalidos e Santa Casa de Misericordia*”, obras estas que representavam o “*progresso da cidade*”, por se tratarem de “*criações materiais e moraes de luminoso alcance*”.

A carta se traduz como um protesto do povo à retirada do Padre, cuja presença possibilitava o surgimento da “*grande e incomparável obra*”.

² Conforme Taylor (1999): “*No somos capaces de definirnos por nosotros mismos. Tenemos necesidad del concurso de los ‘otros significativos’ (... Por eso), a partir del momento en que se aspira a definirse, sobre todo de forma original, se abre una falla posible entre lo que pretendemos y lo que los demás están dispuestos a otorgarnos*” (citado por Fornari, 2000, p. 3).

Giussani (2001) auxilia-nos na compreensão desse relacionamento quando explicita que a obra, quando surge para suprir as necessidades das pessoas, inclusive daquelas envolvidas com o projeto, gera o reconhecimento de uma companhia:

“A ação que cria uma obra, por sua natureza, tende a responder à necessidade da pessoa; por isso, naturalmente tende um pouco à eficiência e também a uma luta contra tudo o que pode aparentemente bloqueá-la, atrapalhá-la. É grandioso que o trabalho em favor de uma obra a fim de responder à necessidade de cada pessoa reconhece a socialidade última da própria presença no mundo, e portanto, a necessidade da companhia” (p.102-103).

A companhia de Padre Euclides na sua volta a cidade em 1919, para direcionar a composição dos estatutos do Asylo de Mendicidade e dar início a obra, e no cotidiano do asilo, somada a memória que os sujeitos da obra fizeram dela nas mais diversas oportunidades, explicitavam sempre no presente de cada momento da história da instituição os critérios da construtividade que nascia dessa companhia.

Em 1922, a diretoria da instituição fez a mudança do nome de Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto para Asilo Padre Euclides, em ato de *“imorredoura gratidão”* e *“palida homenagem”* ao seu *“benemerito fundador”*³. O nome do Padre junto a obra, identificava a iniciativa que nascia de um relacionamento com ele, a partir do qual se explicitava todo o sentido que movia o profundo envolvimento com a obra. Nesse relacionamento identifica-se uma dinâmica que faz aparecer o que Fornari

³ Relatório da diretoria apresentado em sessão ordinária, realizada em 20 de janeiro de 1923.

(2000) denomina “confrontação” e “reconhecimento”, nascida da correlação entre aquele relacionamento e a memória dele⁴.

É através do relacionamento com a autoridade do Padre Euclides (outro significativo, identidade exigente), que surgia por parte das diretorias e da comunidade a possibilidade de se exercer o “princípio crítico”⁵, na confrontação de suas propostas e no reconhecimento nelas de uma resposta às suas exigências. Evidencia-se aqui uma outra característica da identidade exigente.

A confrontação ocorre quando o “eu” se depara com uma proposta e a compara com suas exigências elementares “de significado, verdade, bem, justiça, felicidade e beleza”, verificando sua correspondência no presente. A partir disso é possível o reconhecimento e o assumir dessas propostas como algo para si mesmo, tornando-se protagonista, um “eu” construtivo.

Tal proposta esteve sempre relacionada à possibilidade dos sujeitos da obra desenvolverem um gesto inspirado na virtude cristã da caridade, descrito por Giussani (2001) como um gesto para

“(...) ajudar gratuitamente o próprio vizinho, um ser humano, a resolver sua necessidade e a responder a ela, seja de que natureza for, da necessidade do pão à da alma. Resolver, ou ajudar a resolver a necessidade pela qual um homem chora e sofre” (p. 130).

A partir da expressão do gesto de caridade aprendido daquela

⁴ Segundo Fornari (2000), “*la correlación entre identidad y memoria comienza a asomar inteligible cuando se percibe que en ambos polos, de diverso modo, subyace la exigencia alterativa de confrontación y reconocimiento*” (p. 3).

⁵ Fornari (2000) define o princípio crítico como sendo: “*inmanente y dado al ‘yo’, su experiencia elemental como conjunto de exigencias ontológico-transcendentales con las que está universalmente lanzado al mundo para comparar todo lo que encuentra desde sus exigencias estructurales: del ‘significado y la verdad’, del ‘bien y la justicia’, de la ‘felicidad y la belleza’.*” (p. 4).

identidade evidenciava-se o que Giussani (2001) define como “*função de coerência*”, ou seja, “*um chamado de atenção contínuo para os valores últimos e para o compromisso da consciência com tais valores*”, resultando na “*estabilidade eficiente no tempo*” da obra (pp. 57-58).

Os valores últimos são do passado (na medida em que advém da proposta de uma tradição, ou seja, de uma proposição original), mas se atualizam no presente através do compromisso com tais valores, possibilitando uma verdadeira fecundidade no futuro. Temos aqui a terceira característica da identidade exigente: é quem faz uma proposta assumindo seus riscos na história.

A presença de Padre Euclides se tornava uma possibilidade de reassumir aqueles valores e reconhecer sua fecundidade nos progressos da obra. A comunidade carregava a autoconsciência dessa “herança” deixada por ele. Nesse sentido, tornava-se capaz de reconhecer os progressos da obra. Constata-se assim que reassumir aqueles valores no presente responde com eficácia ao “*test articulador privilegiado de la unidad profunda de lo real con la experiencia de la creación como irrupción de lo imprevisible e imprevisto*” (Fornari, 2000, p. 5) que é a expressão da tensão da temporalidade histórica.

As visitas de Padre Euclides ao Asilo transformavam-se em ocasião para compartilhar de sua companhia e em oportunidades para reunir as pessoas na instituição em homenagens a ele e aos progressos da obra.

O Padre esteve em visita ao Asilo nos anos de 1930, 1931, 1935, 1937 e 1940. Em 1933, por ocasião da inauguração do altar more da Capela

de Nossa Senhora, Padre Euclides enviou ao Asilo todos os paramentos necessários para a realização das celebrações.

Em 1935, ele acompanhou algumas reformas na instituição, havendo sugerido e contribuído financeiramente para suas execuções. O registro no relatório desse ano dizia:

“O distinto fundador benfeitor Rvmo. Padre Euclides, por ocasião de sua estadia entre nós, pensou nessas reformas, tendo dado o seu plano, como também pondo a disposição do Asylo, grande auxílio para a sua construção”.

O mesmo ocorreu no ano de 1937, quando o Padre custeou as obras de construção de um pavilhão destinado à rouparia e carpintaria e contribuiu na compra de um aparelho de rádio a ser instalado no refeitório.

Em 1940, Padre Euclides veio do Rio de Janeiro para ficar no Asilo por 45 dias para se reestabelecer de uma enfermidade.

Estando no Asilo na data de seu aniversário, recebeu uma homenagem:

“(...) havendo missa na Capela do Asylo, e uma recepção no refeitório, na qual compareceu o mundo official e grande numero de amigos e admiradores. Foi-lhe oferecido um lindo mimo, tendo sido a comissão encarregada dessa manifestação constituída pela Legião Brasileira, Santa Casa e a deste Asylo”⁶.

⁶ Relatório referente ao ano de 1940, p.2.

Figura 54 - Homenagem a Padre Euclides em 14 de agosto de 1940

Nessa visita ao Asilo, Padre Euclides usufruiu de um passeio na Mogianinha.

Figura 55 - Padre Euclides passando na Mogianinha pelo grande pomar do Asilo, em preparativo para a grande quermesse em 18 de agosto de 1940

Depois da visita a Ribeirão Preto, Padre Euclides seguiu para Botucatu, acompanhado de uma comissão dessa cidade, onde permaneceu por uma semana.

A presença do Padre demonstrava seu envolvimento com a obra, sendo em alguns momentos direcionadora de decisões. Conforme descrição do relatório de 1930, o padre demonstrava entusiasmo e admiração pelo desenvolvimento do Asilo.

Tal desenvolvimento se dava em função de um sentido compartilhado que motivava as mesmas pessoas, em vários períodos, a fazerem parte da diretoria do Asilo por anos consecutivos, explicitando um relacionamento de responsabilidade com os assistidos e com o fundador.

A postura de Padre Euclides, enquanto identidade exigente, na medida em que se comovia e reconhecia a ação dos demais envolvidos com sua obra, possibilitava o emergir de novas identidades. Esses colaboradores se tornaram tão capazes de um protagonismo construtivo quanto o era o fundador.

Esta dinâmica é descritiva da quarta característica da identidade exigente. Pode-se dizer que uma identidade exigente é aquela pessoa que sustenta a tensão entre a “fidelidade a si mesmo” (o próprio de cada pessoa) e a “objetividade comunicativa” do outro significativo que será o objeto de identificação⁷.

⁷ Cf. Fornari (2000): *“La identificación se realiza en la tensión entre fidelidad a sí mismo, sin censurar lo dado del próprio carácter ni las circunstancias en que la propia personalidad se fue configurando, y la objetividad comunicativa que valoriza los vínculos alterativos como tópicos capaces de sugerir significados totalizantes, necesarios para plasmar la unidad de la propia experiencia (la unidad de sí necesita recuperarse y actualizarse desde un impacto desde afuera de sí)”* (p. 6).

Finalmente, podemos dizer que o relacionamento com a identidade exigente não acontece necessariamente na medida em que ela existe fisicamente para o sujeito que com ela se identifica.

Foi necessário o acontecimento histórico de Padre Euclides, com quem a comunidade de Ribeirão Preto viveu um contato próximo e uma convivência estreita; no entanto, no tempo, essa presença permaneceu através da memória. Com efeito, a memória centra-se naquilo que é importante, ou seja, nos encontros e presenças que sustentam a existência pessoal em direção ao essencial, àquilo que dá unidade e comunicabilidade à vida (Fornari, 2000). Esta relação entre identidade e memória descreve a quinta e sexta características da identidade exigente.

Na medida em que Padre Euclides foi uma presença que aconteceu no seio de uma comunidade como uma identidade que dava unidade e comunicabilidade à vida (5ª característica)⁸, permanece atuante no tempo, através da memória (6ª característica), de forma que se relacionar preferencialmente com ele (ou com seus ideais e propostas), ainda que através da memória, não era um relacionamento restritivo e estagnante, mas aberto à totalidade, à contingência e pluralidade das diferenças pessoais e das circunstâncias da realidade. Tornava-se assim

⁸ Fornari (2000) descreve essa presença e a dinâmica de identificação nascida do encontro com ela assim: *“La identificación comienza a configurarse por asimilación del impacto alterativo de una presencia que testimonia un tipo de humanidad diversa, ‘normal’ pero más plena. Atrae la consistencia de vida y de razones que ese encuentro implica. (...) La respuesta a la búsqueda de vida articulada entre la pregunta y el deseo, no es algo que el sujeto ‘se produce’, sino algo que sólo puede ‘acontecer’.”* (p.6).

um relacionamento que continuou permitindo o progresso e a perpetuação da obra iniciada pelo Padre Euclides.

Uma vez feito o detalhamento e a análise da experiência de vida de Padre Euclides e da história de constituição do Asilo através de um relacionamento à luz do conceito de identidade exigente, é importante ressaltar que as características elencadas referentes ao conceito supra não podem ser concebidas isoladamente, mas sim dentro de um processo totalizante, dinâmico e sem solução de continuidade.

7. CONCLUSÃO

O contato com a realidade presente do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto, composta pelo modo de viver dos assistidos, pela maneira como são cuidados pelas Filhas de Santa Tereza e pelos diversos funcionários contratados, pelo envolvimento da diretoria e da comunidade no desenvolvimento de uma proposta assistencial voltada às necessidades dos assistidos, despertou-nos o interesse pela história da instituição porque parecia-nos que se localizava no passado a origem dessa experiência.

Resgatamos a história do Lar e de seus sujeitos através de fontes documentais diversas (notícias de jornais, fotografias, documentos produzidos pelo poder público do município, pela Igreja, pela própria instituição) e de fontes secundárias (livros que versavam sobre Padre Euclides, suas obras, sua vida na comunidade) encontradas em várias localidades.

A busca por tais vestígios foi realizada com a ajuda de diversas pessoas e, mesmo antes, facilitada por um cuidado anterior com os

documentos expresso no trabalho de outros que não pudemos encontrar. De onde advém esse interesse pela história? O que ela nos diz acerca do nosso presente? Parece-nos que o resgate da história através dos meios mais diversos encontrados pelos sujeitos, os tornam mais conscientes do seu protagonismo no tempo, sendo passado e presente indissociáveis.

Daí a necessidade de buscar no passado a origem de uma experiência do presente. A realidade atual do Lar Padre Euclides não foi inventada ou construída como uma grande novidade, mas sim herdada de um passado, sendo atualizada diante de novas necessidades. Mas se há mudanças, como reconhecer aquilo que permanece?

O que permanece parece-nos ser o critério original através do qual a obra foi concebida e mantida até os dias de hoje. Esse critério diz respeito ao trabalho que se realiza para o outro, que vai de encontro às necessidades do outro e que foi aprendido e desenvolvido através de uma companhia.

Essa companhia original foi a presença de Padre Euclides no seio da comunidade de Ribeirão Preto, compartilhando por 14 anos o critério para a ação e para o trabalho junto às obras. Esse critério parece-nos expressar que “(...) *nosso primeiro dever é construir lugares, espaços onde se cultiva a verdadeira imagem do homem (...) espaços onde o homem seja tratado por aquilo que ele é verdadeiramente*” (Giussani, 2001, p. 62).

Apenas a experiência com a autoridade de uma identidade exigente, conforme pareceu-nos ser a pessoa de Padre Euclides, poderia transmitir o critério e torná-lo ponto de referência para a ação do outro, uma vez que compartilhado.

Quanto a assistência aos pobres, Padre Euclides propunha já em

abril de 1909, quando das primeiras iniciativas em favor do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, a projeção de *“uma espécie de villa, onde os desherdados do destino possam trabalhar em diversos gêneros de offícios”*¹.

Inicialmente, tal projeto se realizou em São José do Rio Pardo quando o Padre e a comunidade iniciaram em 1916 a construção das *“casinhas da Villa de São Vicente”*². Em 1917 haviam *“oito casinhas com quatro quartos (...) com um pavilhão central, onde estão instalados os refeitórios, dispensa, cozinha, administração e capela (...) havendo uma chácara”*³. Nesse processo de constituição da obra, evidenciou-se através de uma “conversa” nos jornais locais, os motivos do envolvimento da comunidade, cujos cidadãos

*“dignos êmulos de tanta virtude, unindo-vos, e pela vossa fecunda coletividade fazer surgi-la, no Asilo de Inválidos, uma casinha modesta que ateste ao necessitado, ao visitante, ao pósteros, a vossa generosidade, o vosso interesse por tudo aquilo que é nobre, grande e caritativo”*⁴.

Por uma **“fecunda coletividade”** é que se faz o gesto caritativo, pela noção do pertencer. Segundo Giussani (2001)

“a caridade (...) reconduz o ser humano à razão última do seu agir, e somente ela confere às coisas aquela permanência, aquela eternidade sem a qual não existe positividade real, nem se dá a verdadeira construção, não acontecem ‘obras’” (p.125).

Essa noção do pertencer parece ter sido fundamental na constituição do Asilo de Mendicidade de Ribeirão Preto em 1919, quando

¹ **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 7 abr 1909, n.2880, p.1.

² Álbum Riopardense, 1917.

³ Del Guerra, R. J. Ao Cléber: as anotações pedidas. **Gazeta do Rio Pardo**, São José do Rio Pardo, 31 mar 1990, ano LXXXII, n.1451, p.5.

⁴ Del Guerra, R. J. **Riquezas do Baú Provinciano**. São Sebastião da Gramma: Grass, 2000, p. 152.

Padre Euclides já não se encontrava mais na cidade. Permanecia seu olhar para os *“pobrezinhos que aqui deixára e da necessidade de uma casa gasalhosa e boa que os recebesse e amparasse”*⁵. O reencontro do Padre com a comunidade de Ribeirão Preto ressaltou a correspondência já compartilhada do critério de ação e a partir disto a obra foi erguida.

Algo semelhante parece ter ocorrido em Botucatu. A obra que lá se constituía em 1922 foi *“resultado de ofertas espontâneas que a amizade dedicada ao Padre Euclides ditava aos seus doadores”*⁶. Após sua remoção em 1925, estando o Asilo inacabado, a cidade *“sempre grata ao venerando e inesquecível vulto de seu antigo vigário e amigo, incumbiu-se de completar os trabalhos, pelas mãos zelosas de seus filhos”*⁷.

As obras surgiram e permanecem no presente porque atendendo às necessidades de um outro, seus sujeitos são protagonistas. O início das obras do Asilo de Mendicidade de Ribeirão Preto foi direcionado para que *“o pobre, com a sua família ... ou com companheiros ... será installado e terá a impressão de estar em sua propria casa”*⁸. A proposta do Asilo não era um *“recolhimento forçado”*⁹. Ali os mendigos teriam *“vida socegada e tanto quanto possível confortavel”*¹⁰. Nesse sentido, a utilização na pesquisa das fotografias preservadas na instituição foram instrumentos preciosos, uma vez que permitem visualizar a realidade do passado, confirmando as evidências coletadas nos documentos escritos.

⁵ Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1919, p. 1.

⁶ **Monitor Diocesano**, Botucatu, Curia Diocesana, 3 mar 1945, ano VI, n. (1) 261.

⁷ Idem, ibid.

⁸ Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1919, p.4.

⁹ Relatório e contas da directoria do Asylo de Mendicidade de Ribeirão Preto, que serviu no anno social de 1920, p.3.

¹⁰ Idem, ibid.

Esse protagonismo tornava possível aos membros das diretorias e da comunidade, encontrar soluções das mais diversas para a continuidade da obra, como foi aquela relatada por Sampaio acerca da construção do muro do Asilo:

“Precisava-se murar todo o terreno do asilo. - Mas como? Com que dinheiro? ... Foi diante do problema da construção do muro, que o nosso Alfredo, virou industrial, montando dentro do asilo uma fabrica de muros de cimento armado, cujo preço era menor que os de alvenaria”¹¹.

A preocupação com a continuidade da obra revelava-se nas ações com o intuito de *“dotar o Asylo de um patrimonio que garanta a sua subsistência, e que os velhos alli recolhidos tenham morada certa, e permanencia segura”¹²*. Observamos no estudo das fontes de receita, a contribuição real da comunidade nesse sentido, e como os sujeitos da obra puderam alcançar a auto-sustentação da mesma através do oferecimento de belos momentos de entreterimento, como nas ocasiões das quermesses, e dos aluguéis arrecadados das casas construídas para operários.

Era com muito entusiasmo que esses sujeitos viviam os progressos da obra, principalmente nos resultados que alcançavam com as atividades produtivas no Asilo, das quais participavam os assistidos, recebendo pelo trabalho suas remunerações: *“Com os serviços dos asylados fizemos ainda diversas plantações de cereaes, assim como mantivemos uma horta que dá para o custeio do Asylo, não sendo necessario comprar-se verduras”¹³*.

O envolvimento da comunidade expressava-se nas grandes

¹¹ Sampaio, A. **História do Lar Padre Euclides: 1919-1983**. Ribeirão Preto: Lar Padre Euclides, 1983, p. 2-3.

¹² Relatório referente ao ano de 1928, p.2.

¹³ Asylo Padre Euclides, Relatório do anno 1925-1926, apresentado em sessão de 20 de Janeiro de 1926, p.2.

contribuições em dinheiro ou bens imóveis mas também, nas pequenas e regulares doações de gêneros que, como as plantações, auxiliavam significativamente a economia interna da instituição.

Como ressaltamos, a partir da década de 1950 houveram algumas mudanças na administração dos recursos patrimoniais, principalmente àquela relativa a venda do terreno do Asilo no qual se fazia o plantio e a conversão desta renda em bens imóveis.

Na década de 1970, houveram mudanças na administração interna da instituição com a chegada das irmãs de caridade. Somou-se a este fato a troca do termo “Asilo” para “Lar” na denominação da instituição e consequentemente a mudança nos estatutos, evidenciando a assistência voltada ao idoso, àquele com idade superior a 65 anos, alvo inclusive de programas governamentais de assistência social e de saúde específicos a esta parcela da população.

A instituição precisou adequar-se a novas normas referentes, por exemplo, à detalhes do espaço físico nas residências e demais dependências.

No entanto, aquilo que de mais essencial definia a proposta assistencial do Asilo Padre Euclides nas décadas 1910 a 1950, isto é, a ação voltada para a necessidade dos assistidos de modo a preservar *“aquilo que ele é verdadeiramente”*¹⁴, parece ter sido preservada.

No desenvolvimento da pesquisa, durante a coleta de dados na instituição, nas conversas com as irmãs, diretores, funcionários e assistidos, ou ainda simplesmente na observação dos acontecimentos no Lar durante a

¹⁴ Giussani, L. (2001). **O eu, o poder, as obras**. São Paulo: Cidade Nova, p. 62.

execução desse trabalho, alguns aspectos nos chamaram a atenção.

Tais aspectos pareciam estar presentes na Festa de São João, realizada no Lar em junho de 2002. Esta é uma ocasião para vários acontecimentos cheios de beleza. As dependências do Lar e o galpão para festa são decorados para receber a comunidade e para ser palco da apresentação da quadrilha formada pelos próprios assistidos.

O momento anterior à apresentação da quadrilha em uma das noites de festa foi para nós revelador. No pequeno sobrado cheio de cacarecos, máquinas de costuras e materiais diversos, as irmãs, algumas funcionárias, mulheres da comunidade e as idosas se preparavam, escolhendo adereços (brincos, colares, folhes) e enfeitando a face com maquiagem. Uma atenção especial era dispensada a noiva, figura de destaque na quadrilha.

Figura 56 - As mulheres se preparando para a apresentação na Quadrilha do Lar Padre Euclides em junho de 2002

Os homens mais ligeiros na arrumação estavam do lado de fora, à espera de suas parceiras. De vez em quando, davam uma olhadela no lado de dentro.

No galpão, o público esperava. Os músicos da comunidade que se apresentam no Lar nas mais diversas ocasiões, estavam preparados. Um repórter de um dos jornais local também esperava para fotografar a quadrilha já formada e prestes a entrar no galpão, guiada pelo som do bumbo e da sanfona.

Durante a dança, atenção a todos os detalhes anunciados pelo instrutor, também membro da comunidade. E que beleza, harmonia e alegria nos rostos dos integrantes e do público.

Figura 57 - Apresentação da Quadrilha no Lar Padre Euclides em junho de 2002

Tradicionalmente, a quadrilha também se apresenta em outros locais da cidade. Acompanhamos uma dessas apresentações no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Figura 58 - Composição da Quadrilha do Lar Padre Euclides na entrada do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto em junho de 2002

Nessa tarde do mês de junho, a quadrilha acompanhada de seus músicos, percorreu os corredores do hospital, utilizou elevadores e escadas para alcançar os andares e em cada um deles encontrava um refeitório especialmente decorado para recebê-la, com bandeiras, bambús e comidas típicas de São João. Uma verdadeira festa para pacientes, familiares e funcionários.

Figura 59 - Apresentação da Quadrilha do Lar Padre Euclides no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto em junho de 2002

Nesses acontecimentos, estavam presentes a expressão de cada assistido, a colaboração de cada membro da comunidade, de cada irmã e funcionários do Lar, o que em suma compõem a totalidade de uma proposta assistencial.

A vivência dessa festa nos possibilita resgatar as quermesses realizadas pelo Asilo na década de 1940, cujos dividendos eram significativos nas receitas anuais, porque analogamente à Festa de São João eram uma oferta, um belo entretenimento à comunidade, uma expressão dos sujeitos da obra.

Na Festa de São João todos eram protagonistas, todos construíram o momento ressaltando a expressão da beleza, compartilhando uma experiência cujo sentido último mirava-se no outro.

E assim permanece a obra. As construções do passado foram mantidas, especialmente as casinhas dos assistidos, o pavilhão do refeitório e a casa da administração, que passou a ser moradia das irmãs desde que chegaram no Lar.

Figura 60 - Casas do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto (Revista Revide, Ribeirão Preto nº 171, fascículo 21, 2000)

Figura 61 - Prédio do Refeitório e Administração (acima) e jardim do Lar Padre Euclides

Figura 62 - Capela de Nossa Senhora Aparecida do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto (Revista Revide, Ribeirão Preto nº 171, fascículo 21, 2000)

As modificações feitas foram de encontro às necessidades dos assistidos, como a reforma e ampliação da enfermaria onde são atendidos aqueles que foram envelhecendo e requerendo cuidados mais direcionados.

Figura 63 - Enfermaria do Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto (Revista Revide, Ribeirão Preto nº 171, fascículo 21, 2000)

Na diretoria, membros da comunidade que há muito se ocupam da obra, ano após ano, como que cuidando de uma herança, presentificando uma experiência cheia de significados do passado. Sujeitos verdadeiros, isto é, aquele sujeito que *“(...) equivale a dizer criador. O homem se torna criador, isto é, idealizador e realizador de obras”* (Giussani, 2001, p.125).

Daí ser possível ouvir a fala de uma das moradoras do Lar como uma fala que demonstra a preferência por um lugar:

“(...) fui lá, fui cá, mas fiquei mesmo foi aqui”.

Um lugar cuja origem está na busca por responder às necessidades do homem, do coração do homem que pulsa a cada instante, dia após dia.

ANEXOS

TABELA 1 - Movimento de pessoas no Asilo Padre Euclides (1920 a 1956)								
Ano	Movimento de pessoas							
	Entraram	Saíram	Faleceram	Existem				
	Total	Total	Total	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
	Número de indivíduos			Número de indivíduos			Porcentagem	
1920	48	15	2	31	---	---	---	---
1921	63	46	6	42	---	---	---	---
1922	70	52	3	57	---	---	---	---
1923	79	64	6	66	39	27	59,1	40,9
1924	---	---	---	---	---	---	---	---
1925	76	54	9	81	41	40	50,6	49,4
1926	87	77	2	89	52	37	58,4	41,6
1927	103	86	9	97	57	40	58,8	41,2
1928	111	109	4	95	58	37	61,1	38,9
1929	---	---	---	---	---	---	---	---
1930	63	51	15	86	58	28	67,4	32,6
1931	47	36	9	79	55	24	69,6	30,4
1932	37	32	7	75	55	20	73,3	26,7
1933	65	38	5	97	62	35	63,9	36,1
1934	82	63	14	102	70	32	68,6	31,4
1935	44	45	6	95	63	32	66,3	33,7
1936	46	40	12	86	58	28	67,4	32,6
1937	50	37	8	91	57	34	62,6	37,4
1938	41	32	10	90	54	36	60,0	40,0
1939	48	32	10	96	54	42	56,3	43,8
1940	47	44	2	97	62	35	63,9	36,1
1941	44	35	7	99	68	31	68,7	31,3
1942	23	14	5	103	64	39	62,1	37,9
1943	21	13	6	105	62	43	59,0	41,0
1944	27	21	3	107	59	48	55,1	44,9
1945	35	40	9	95	53	42	55,8	44,2
1946	30	31	7	96	55	41	57,3	42,7
1947	30	27	5	94	51	43	54,3	45,7
1948	45	36	4	101	56	45	55,4	44,6
1949	25	14	10	102	61	41	59,8	40,2
1950	20	17	9	95	49	46	51,6	48,4
1951	20	17	13	91	52	39	57,1	42,9
1952	28	21	3	95	57	38	60,0	40,0
1953	28	20	5	101	62	39	61,4	38,6
1954	23	18	3	103	62	41	60,2	39,8
1955	24	14	4	109	63	46	57,8	42,2
1956	33	38	6	97	56	41	57,7	42,3

TABELA 2 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides segundo estado de saúde e sexo no período de 1923 a 1943

	Categorias	Ano	1923	1925	1926	1927	1928	1930			1931			1932			1933			1934			1935			1936		
			total	total	total	total	total	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M
Número de Indivíduos	Aleijados		6	9	15	11	8	12	7	5	5	3	2	7	2	5	10	5	5	10	5	5	8	8	-	7	7	-
	Cegos		8	9	14	14	15	12	8	4	10	7	3	7	4	3	9	6	3	13	9	4	5	5	-	6	5	1
	Idiotas		-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	5	3	2	6	3	3	7	4	3	-	-	-	9	6	3
	Mentecaptos		4	4	-	5	-	7	4	3	5	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Mudos		-	-	4	4	4	5	3	2	3	2	1	3	2	1	5	3	2	12	7	5	0	-	-	-	-	-
	Paralíticos		2	-	2	3	4	7	3	4	7	4	3	9	6	3	11	6	5	12	7	5	5	4	1	5	4	1
	Inválidos para o trabalho regular (inválidos por velhice: 1925)		46	59	54	59	58	43	33	10	49	36	13	44	38	6	56	39	17	55	42	13	69	40	29	59	37	22
	TOTAL		66	81	89	96	95	86	58	28	79	55	24	75	55	20	97	62	35	109	74	35	87	57	30	86	59	27
Porcentagem	Aleijados		9,1	11,1	16,9	11,5	8,4	14,0	8,1	5,8	6,3	3,8	2,5	9,3	2,7	6,7	10,3	5,2	5,2	9,2	4,6	4,6	9,2	9,2	0,0	8,1	8,1	0,0
	Cegos		12,1	11,1	15,7	14,6	15,8	14,0	9,3	4,7	12,7	8,9	3,8	9,3	5,3	4,0	9,3	6,2	3,1	11,9	8,3	3,7	5,7	5,7	0,0	7,0	5,8	1,2
	Idiotas		0,0	0,0	0,0	0,0	6,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,7	4,0	2,7	6,2	3,1	3,1	6,4	3,7	2,8	0,0	0,0	0,0	10,5	7,0	3,5
	Mentecaptos		6,1	4,9	0,0	5,2	0,0	8,1	4,7	3,5	6,3	3,8	2,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Mudos		0,0	0,0	4,5	4,2	4,2	5,8	3,5	2,3	3,8	2,5	1,3	4,0	2,7	1,3	5,2	3,1	2,1	11,0	6,4	4,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Paralíticos		3,0	0,0	2,2	3,1	4,2	8,1	3,5	4,7	8,9	5,1	3,8	12,0	8,0	4,0	11,3	6,2	5,2	11,0	6,4	4,6	5,7	4,6	1,1	5,8	4,7	1,2
	Inválidos para o trabalho regular (inválidos por velhice: 1925)		69,7	72,8	60,7	61,5	61,1	50,0	38,4	11,6	62,0	45,6	16,5	58,7	50,7	8,0	57,7	40,2	17,5	50,5	38,5	11,9	79,3	46,0	33,3	68,6	43,0	25,6
	TOTAL		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	67,4	32,6	100,0	69,6	30,4	100,0	73,3	26,7	100,0	63,9	36,1	100,0	67,9	32,1	100,0	65,5	34,5	100,0	68,6	31,4

TABELA 2 - Continuação

	Categorias	Ano	1937			1938			1939			1940			1941			1942			1943		
			total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M
Número de Indivíduos	Aleijados		-	-	-	-	-	-	4	2	2	3	2	1	6	4	2	7	5	2	6	4	2
	Cegos		4	3	1	5	4	1	6	5	1	5	5	0	6	6	0	7	6	1	8	7	1
	Idiotas		12	7	5	13	9	4	14	10	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Mentecaptos		-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	10	5	13	10	3	12	11	1	11	10	1
	Mudos		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Paralíticos		4	2	2	2	1	1	4	2	2	6	4	2	5	4	1	6	4	2	8	5	3
	Inválidos para o trabalho regular (inválidos por velhice: 1925)		71	45	26	70	43	27	68	44	24	68	45	23	69	46	23	71	47	24	72	46	26
	TOTAL		91	57	34	90	57	33	96	63	33	97	66	31	99	70	29	103	73	30	105	72	33
Porcentagem	Aleijados		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	2,1	2,1	3,1	2,1	1,0	6,1	4,0	2,0	6,8	4,9	1,9	5,7	3,8	1,9
	Cegos		4,4	3,3	1,1	5,6	4,4	1,1	6,3	5,2	1,0	5,2	5,2	0,0	6,1	6,1	0,0	6,8	5,8	1,0	7,6	6,7	1,0
	Idiotas		13,2	7,7	5,5	14,4	10,0	4,4	14,6	10,4	4,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Mentecaptos		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	15,5	10,3	5,2	13,1	10,1	3,0	11,7	10,7	1,0	10,5	9,5	1,0
	Mudos		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Paralíticos		4,4	2,2	2,2	2,2	1,1	1,1	4,2	2,1	2,1	6,2	4,1	2,1	5,1	4,0	1,0	5,8	3,9	1,9	7,6	4,8	2,9
	Inválidos para o trabalho regular (inválidos por velhice: 1925)		78,0	49,5	28,6	77,8	47,8	30,0	70,8	45,8	25,0	70,1	46,4	23,7	69,7	46,5	23,2	68,9	45,6	23,3	68,6	43,8	24,8
	TOTAL		100,0	62,6	37,4	100,0	63,3	36,7	100,0	65,6	34,4	100,0	68,0	32,0	100,0	70,7	29,3	100,0	70,9	29,1	100,0	68,6	31,4

TABELA 4 - Distribuição dos existentes no Asilo Padre Euclides segundo nacionalidade e sexo no período de 1925 a 1956

	Categorias	Ano	1925	1926	1927	1928	1930			1931			1932			1933			1934			1935			1936		
			total	total	total	total	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M
Número de Indivíduos	Brasileiros		34	26	35	31	32	17	15	28	18	10	26	17	9	37	22	15	38	28	10	41	22	19	37	21	16
	Alemães		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	2	5	3	2	5	4	1	3	2	1	0	-	-
	Austríacos		-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Espanhóis		9	8	9	7	6	4	2	7	5	2	9	8	1	7	4	3	8	3	5	6	5	1	8	4	4
	Italianos		32	44	44	46	34	19	15	27	18	9	22	16	6	33	23	10	35	25	10	33	23	10	31	26	5
	Portugueses		4	10	7	8	9	6	3	8	8	0	9	8	1	10	7	3	11	7	4	7	6	1	5	4	1
	Outras nacionalidades		2	-	-	3	5	3	2	9	6	3	4	3	1	5	3	2	5	3	2	5	5	-	5	4	1
	TOTAL		81	89	97	95	86	49	37	79	55	24	75	55	20	97	62	35	102	70	32	95	63	32	86	59	27
Porcentagem	Brasileiros		42,0	29,2	36,1	32,6	37,2	19,8	17,4	35,4	22,8	12,7	34,7	22,7	12,0	38,1	22,7	15,5	37,3	27,5	9,8	43,2	23,2	20,0	43,0	24,4	18,6
	Alemães		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,7	0,0	0,0	5,2	0,0	0,0	4,9	0,0	0,0	3,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Austríacos		0,0	1,1	2,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Espanhóis		11,1	9,0	9,3	7,4	7,0	4,7	2,3	8,9	6,3	2,5	12,0	10,7	1,3	7,2	4,1	3,1	7,8	2,9	4,9	6,3	5,3	1,1	9,3	4,7	4,7
	Italianos		39,5	49,4	45,4	48,4	39,5	22,1	17,4	34,2	22,8	11,4	29,3	21,3	8,0	34,0	23,7	10,3	34,3	24,5	9,8	34,7	24,2	10,5	36,0	30,2	5,8
	Portugueses		4,9	11,2	7,2	8,4	10,5	7,0	3,5	10,1	10,1	0,0	12,0	10,7	1,3	10,3	7,2	3,1	10,8	6,9	3,9	7,4	6,3	1,1	5,8	4,7	1,2
	Outras nacionalidades		2,5	0,0	0,0	3,2	5,8	3,5	2,3	11,4	7,6	3,8	5,3	4,0	1,3	5,2	3,1	2,1	4,9	2,9	2,0	5,3	5,3	0,0	5,8	4,7	0,0
	TOTAL		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	57,0	43,0	100,0	69,6	30,4	100,0	73,3	26,7	100,0	63,9	36,1	100,0	68,6	31,4	100,0	66,3	33,7	100,0	68,6	31,4

TABELA 4 - Continuação

	Categorias	Ano	1937			1938			1939			1940			1941			1942			1943			1944	1945	1946	1947
			total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	H	M	total	total	total	total
Número de Indivíduos	Brasileiros		40	21	19	43	21	22	44	23	21	43	21	22	42	28	14	44	25	19	44	26	18	40	38	38	36
	Alemães		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Austriacos		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Espanhóis		5	3	2	3	2	1	8	4	4	9	6	3	11	7	4	13	9	4	15	10	5	14	8	12	11
	Italianos		34	22	12	35	26	9	33	21	12	35	28	7	31	22	9	34	24	10	31	20	11	32	29	34	35
	Portugueses		8	5	3	7	4	3	7	4	3	6	4	2	10	6	4	8	4	4	11	5	6	11	11	9	9
	Outras nacionalidades		4	3	1	2	1	1	4	2	2	4	3	1	5	3	2	4	2	2	4	2	2	10	9	3	3
	TOTAL		91	54	37	90	54	36	96	54	42	97	62	35	99	66	33	103	64	39	105	63	42	107	95	96	94
Porcentagem	Brasileiros		44,0	23,1	20,9	47,8	23,3	24,4	45,8	24,0	21,9	44,3	21,6	22,7	42,4	28,3	14,1	42,7	24,3	18,4	41,9	24,8	17,1	37,4	40,0	39,6	38,3
	Alemães		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Austriacos		0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Espanhóis		5,5	3,3	2,2	3,3	2,2	1,1	8,3	4,2	4,2	9,3	6,2	3,1	11,1	7,1	4,0	12,6	8,7	3,9	14,3	9,5	4,8	13,1	8,4	12,5	11,7
	Italianos		37,4	24,2	13,2	38,9	28,9	10,0	34,4	21,9	12,5	36,1	28,9	7,2	31,3	22,2	9,1	33,0	23,3	9,7	29,5	19,0	10,5	29,9	30,5	35,4	37,2
	Portugueses		8,8	5,5	3,3	7,8	4,4	3,3	7,3	4,2	3,1	6,2	4,1	2,1	10,1	6,1	4,0	7,8	3,9	3,9	10,5	4,8	5,7	10,3	11,6	9,4	9,6
	Outras nacionalidades		4,4	3,3	0,0	2,2	1,1	0,0	4,2	2,1	0,0	4,1	3,1	0,0	5,1	3,0	0,0	3,9	1,9	0,0	3,8	1,9	0,0	9,3	9,5	3,1	3,2
	TOTAL		100,0	59,3	40,7	100,0	60,0	40,0	100,0	56,3	43,8	100,0	63,9	36,1	100,0	66,7	33,3	100,0	62,1	37,9	100,0	60,0	40,0	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 4 - Continuação

[illegible]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: T.A.Queiroz / Edusp, 1987, 402p.

CORETH, E. **Questões Fundamentais de Hermenêutica.** São Paulo: EPU, 1973, p. 45-61.

DE CERTEAU, M. A operação histórica. In: LE GOFF, J. **História: novos problemas.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1979, p. 17-48.

DEL GUERRA, R. J. **Riquezas do Baú Provinciano.** São Sebastião da Gramma: Grass, 2000, 264p.

_____. **A São José, una nuova storia.** São Sebastião da Grama: Grass, 1999, 161p.

FORNARI, A. ***Identidad exigente, memoria historica y “tradicinalidad”***. Universidad Catolica de Santa Fe: mimeo, 2000.

FRAGA FILHO, W. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX.** São Paulo & Salvador: Hucitec & EDUFBA, 1996, 188p.

GIUSSANI, L. Uma presença que se move. **Passos Litterae Communis.** São Paulo: GT Editora, ano XIV, n.7, p. 48, maio 2000.

_____. **Educar é um risco: como criação de personalidade e de história.** São Paulo: Companhia Ilimitada, 2000.

_____. **O eu, o poder, as obras: contribuição de uma experiência.** São Paulo, Cidade Nova, 2001.

LAURIANO, J. **Subsídios para a História religiosa de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: Cúria Metropolitana de Ribeirão Preto, 1973, 59p.

LEVI, G. Sobre a Micro-História. In: BURKE, P. **A Escrita da História.** São Paulo: Novas Perspectivas/Ed. Unesp, 1992, p. 133-161.

MACHADO, M. C. T. **Disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: Assistência social institucionalizada (Uberlândia - 1965 a 1980).** 1990, Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MASSIMI, M. **A Psicologia em Instituições de Ensino Brasileiras do Século XIX.** 1989, Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Considerações gerais sobre Psicologia e História. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.3, p.19-26, 1994.

_____. Estudos Históricos acerca da Psicologia Brasileira: uma contribuição. In: CAMPOS, R. H. F. (ed) **História da Psicologia: pesquisa, formação, ensino.** São Paulo: EDUC & ANPEPP, 1996b, p. 9-93.

MASSIMI, M.; CAMPOS, R. H. F. & BROŽEK, J. Historiografia da Psicologia: Métodos. In: CAMPOS, R. H. F. (ed) **História da Psicologia: pesquisa, formação, ensino.** São Paulo: EDUC & ANPEPP, 1996a, p. 29-56.

MARROU, H.-I. **Sobre o conhecimento histórico.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978, p. 25-77.

PINTO, L. S. G. **Ribeirão Preto: A dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930.** 2000, Dissertação (Mestrado em História Econômica). Araraquara: Universidade Estadual Paulista.

PRATES, P. C. **Ribeirão Preto de outrora.** São Paulo: Empresa Gráfica Editora Guia Fiscal, 1956.

RICOEUR, P. **História e Verdade.** Rio de Janeiro: Forense, 1968, p.23-44.

SAMPAIO, A. **História do Lar Padre Euclides: 1919-1983.** Ribeirão Preto: Lar Padre Euclides , 1983, 16 p.

SOCIEDADE BENEFICENTE SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE RIBEIRÃO PRETO. **Santa Casa 100 anos.** Ribeirão Preto: Souza e Sá, 1996, 27 p.

TELAROLLI JUNIOR, R. Imigração e epidemias no Estado de São Paulo. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, v.3, n.2, p.265-283, 1996.

WALKER, T. W.; BARBOSA, A. S. **Dos coronéis à metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX.** Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000, 222 p.